ANNO XXIII — N.º 23
Rio, 8 de Junho de 1929.
Preço: 1$000

O conto brasileiro

O Romance do Poeta

AO chegar Octavio á rua com outros companheiros da escola, ouve um delles exclamar com alegria:

— O poeta Aureo Vital!

— E aquelle é poeta de verdade? indaga o menino Octavio, de veras surpreso.

— Sim. De verdade e dos bons, affirma o exclamante.

— Não sabia...

— Pois nunca ouviste falar em Aureo Vital?

— Muito. Muito. Porém não ligava o nome á pessoa. Aquelle mora no mesmo hotel em que moro, mas, nesse habito de ser tratado lá por doutor Vital... doutor Vital, nunca pensei que fôra o grande Aureo Vital! Tambem é elle tão modesto!...

Neste interim passa o joven cedo, e cumprimenta familiarmente:

— Octavinho! Como vae, "seu" vadio?

Sente-se o menino envaidado com a distincção.

— Bem. Muito obrigado. Depois quero perguntar-lhe uma cousa.

— Que é?

— Em casa justaremos contas.

— Que?! Temos contas a justar?

— Temos.

— Então, até lá.

— Até logo.

* * *

A' tardinha bate Octavio á porta do apartamento de doutor Vital.

— Entre, meu amiguinho. Vem justar as contas commigo?

— Sim. Diga-me: como é que você é poeta, e eu não sabia disso, nem você me dizia nada?

Ri gostosamente o interpellado.

— Não tem você mais que fazer, "seu" vadio?

— Responda-me por favor: não é você o poeta Aureo Vital?

— Em carne e ósso.

— Ora! E eu não sabia! Penso que mamãe tambem não sabe, senão ella me diria.

— Que lhe adiantava dar-lhe a saber isso?

— Muito.

Continuam a palestrar, e no meio da interlocução diz Octavio:

— Ha muito tempo, preciso de uma poesia offerecida á minha professora, para declamar na escola, e não sabia como conseguir... Ha quanto tempo!...

— Ah! Quer então que escreva eu uns versos para você declamar na escola...

— Si você quizer fazer-me esse grande favor... mas eu quero uma cousa bem bonita!

— Sim. Está bem.

— Vae fazer mesmo?

— Vou. Procure amanhã.

— Ella faz annos daqui a oito dias...

— Então vae você ter tempo de decorar os versos.

* * *

NO dia seguinte está Octavio muito cedo á porta de doutor Vital.

— Os versos?

— Ei-os.

— Onde estão elles?

— Aqui os tem você. Veja si a mamãe vae gostar...

Agradece muitas vezes o favor, sáe a correr, e entra no apartamento em que mora.

— Prompto, mamãe! Eu não disse que o homem é poeta?

— Disso sabia eu; não acreditava era em que fôsse elle perder tempo comtigo.

— Não é bonita a poesia, mamãe?

— Muito mimosa. Muito simples.

Inimigo do pedantismo, que é o mavioso cantor, escrevêra algumas quadrinhas em redondilhas, um poemeto familiar, gracioso, alegre e, sobremaneira, inspirado, porquanto lhe commovêra o pedido do menino. Pedidos ha, que enternecem.

* * *

A Elmar, filha de rica viuva, moradora havia muito na mesma hospedaria, mostra á mãe de Octavio o lindo poemeto.

A senhorinha, comquanto curiosa da arte apollinea, não gosta de

O Commentario

O sr. Mattos Peixoto, que, não se póde negar, é um homem culto e limpo, sem uma nódoa no seu passado, feito exclusivamente á custa de seus proprios esforços, levou para o governo do Ceará, posto difficilimo, a melhor bôa vontade. Mas que valem esses meritos deante da politicagem que domina a terra de Iracema? Esquecem-nos, olvidam que para felicidade e engrandecimento do paiz natal, os esforços deveriam convergir para a figura central dum homem dessa qualidade, ajudal-o, prestigial-o, e só enxergam a pequenez dos interesses contrariados. Dahi os ataques que se iniciam contra a administração proba e progressista do joven governador.

Qual a razão do dissidio prematuro e já violento? Divergencia em torno do programma de administração, das idéas de governo, das plataformas politicas? Não. Nada disso. Tudo vem simplesmente da constituição da chapa de deputados estadoaes em que muitos não fôram ou não puderam ser contemplados...

Assim, nove ou dez mezes depois de ter assumido o governo, cheio de animo e da melhor vontade de acertar, a opposição descabida procura na injuria e na parcialidade systematica os elementos de luta que outros principios não lhe poderiam fornecer.

E' triste. Mas, infelizmente, o mal não é só do Ceará. Grassa em todo o nosso Brasil, dependendo a sua intensidade do maior ou menor progresso local. Quando nos educaremos sufficientemente para nos curarmos delle?

ler versos; entretanto estes lhe elevam a alma. Lê a poesia diversas vezes com especial agrado.

Ao passar em certa occasião pelo apartamento do doutor Vital, observa-o a escrever, chama por elle, e pede-lhe com encantadora singeleza de animo:

— Eu desejava que o senhor fizesse uma poesia para mim.

— Tão facil... A senhorinha já é a propria poesia que adeja em volta de todos nós!

— Obrigada. Quando póde entregar-me o seu trabalho?

— Meu trabalho?! Só trabalho com paga. A senhorinha sabe: a vida está difficil, está carissima; e não posso trabalhar de graça.

— Quanto é?

— Póde não ser por dinheiro, para não mercantilizar a minha arte...

— Que deseja então de mim? Diga.

— Uma flôr dos labios seus para perfumar o ambiente do meu appartamento...

Zanga-se.

— Nunca pensei!

— Um sorriso apenas, prosegue. Nunca sorri a senhorinha com os

labios; só e simplesmente a vejo sorrir com os olhos maravilhosos.

Ri ao de leve, com delicadeza, silenciosamente, encantadoramente a mimosa criaturinha, e pede-lhe desculpas:

— Não se póde conversar com poetas... A linguagem é tão elevada... Desculpe-me.

— Estamos quites. Pagou antes de feito o trabalho.

— Depois lhe darei ainda uma lambujem, diz, já então, mais communicativa.

* * *

NO circulo de seus companheiros de hospedaria é Elmar conhecida por princezinha, como a appellidara o poeta. E' ella a mais bella, a mais fascinadora das senhorinhas alli installadas.

Para a mais bella compõe Aureo Vital lindo madrigal sob conceitos engenhosos e galantes, com delica-

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

dos versos a exprimirem sentimentos cheios de grande ternura.

No dia seguinte lhe entrega o trabalho encommendado. E ella com muito enlêvo o lê, e paga-o com generosidade.

Ficam bons amigos. Mais tarde, porém, vêm o moço alado perturbar-lhes a serenidade; e vê o joven na flôr dos labios della a setta do travesso filho de Venus, que lhe deixára o coração ferido; e vê a joven nos olhos delle a angustia, o desejo vehemente da alma apaixonada.

Havia um solteirão muito rico, amigo da familia de Elmar, o qual uma vez lhe pedira a mão em casamento, solicitando-lhe ella a fineza de espaçar um pouco o prazo, visto se achar ainda muito nova; e accede elle, e ainda continua a esperar com paciencia.

Sabe disso o poeta. Soffre horrivelmente. Um dia não se contém, e interpella-a.

Confessa-lhe ser verdade. Discutem com vehemencia o caso. Zanga-se ella. Mostra elle a sua fraqueza, e chora-lhe aos pés.

Ama de bôa fé e com sinceridade a sua princezinha; ella, porém, escassamente gosta delle.

E nunca mais sabem o que é a felicidade tranquilla. Quanta saudade dos bons dias que passaram apenas como bons amigos!...

* * *

A' vista do acontecido, fica Elmar em situação superior a Aureo Vital, que lhe chorara aos pés como tôla criancinha. Governa-o com os olhos, com um gesto qualquer. Satyriza-o. Caustica-o.

Elle, após grandes soffrimentos, se cansa de lhe seguir, de só lhe escutar os caprichos; medita acêrca do caso; quer sahir daquella condição de inferioridade; num esforço sobrehumano, reage com viva energia. Na primeira desintelligencia entre elles, exercita o poeta uma scena brutal. Fica a senhorinha pasmada á vista daquelle caracter energico. Passa elle a dominal-a. Ella em tudo o attende com humildade christã.

Assustada a mãe da senhorinha com o que presentemente se passa, occorre-lhe então á memoria uma viagem de recreio á Europa, pois se não conforma com a substitui ção do abastado pretendente da filha pelo poeta pobrete; e, de bôa habilidade, dá execução ao intento.

Dias depois da partida de Elmar, segue o solteirão rico até a Europa

em visita á familia della. Lá contratam casamento. De lá voltam casados após dois annos.

Entanto continua solteiro o doutor Vital; solteiro e ainda hospede da mesma hospedaria, onde de novo vão hospedar-se os recem-vindos.

* * *

ORGANIZA-SE uma vez artistica festa de caridade, e, entre os diversos numeros della, figura o nome do poeta Aureo Vital como declamador de inédita poesia sua.

A' solennidade comparece Elmar com o inintelligente e abastado esposo.

Quando chega a vez de Aureo declamar, altera-se o programma sem que consiga elle saber a causa, sendo o ultimo a dizer de cór os versos muito intimos.

E' a historia verdadeira de sua paixão pela formosa Elmar todo o mimoso poêma composto dias antes, contando episodios, detalhando factos que só ella conhece, só ella póde comprehender. E acaba por exprimir que depois de velhinho, ao lêr aquelles versos, certo se recordará do seu triste romance, e ha de chorar cheio de

saudades á felicidade perdida...

Terminada a declamação da linda poesia, ouve-se o applauso do auditorio com a saudação das palmas; e levanta-se enthusiasmado o esposo de Elmar, e felicita o poeta, e abraça-o effusivamente, e não cansa de lhe elogiar o bello poema.

Ella, entanto, não o felicita, não dirige a vista para elle; mas, em chegando ao apartamento, cáe em pranto convulsivo.

— Que é isso, minha gracinha? commovido pergunta-lhe o esposo.

— Nada. Não te afflijas. São cousas dos nervos!

Elmar o outro dia sente-se mais leve, e discreta, ao encontrar-se com Aureo Vital, sauda-o com singular distincção.

E no breve saudar em que ella ao de leve sorri com prudencia e recato, finda o romance do poeta.

HORMINO LYRA.

A Sala de sua casa transformada num scenario de Opera

MODELO 10-35

Victrola Orthophonica Automática. Toca continuamente um grupo de discos emquanto V. S. se acha comfortavelmente sentado na sua cadeira predilecta. O alimentador deste instrumento pode supportar até doze discos de uma só vez. Preço,

MARTINELLI na magnifica aria de "Os Palhaços," *Vesti la Giubba* . . . Chaliapin interpretando no seu incomparavel estylo a tragica *Despedida de Boris*, de "Boris Godunoff" . . . Sofia del Campo na formossisima aria de "O Guarany," *Gentile di Cuore* . . . Rosa Ponselle entoando *O Patria Mia*, em "Aida" . . . emfim, todas as grandes arias e todas as passagens regias das operas mais conhecidas, podem ser disfructadas por V. S., dentro de seu proprio lar, com uma Victrola Orthophonica. A reproducção deste instrumento é tão nitida, tão sonora e tão natural, que V. S. imaginariamente *vê* o artista, sente sua presença.

A Victrola Orthophanica não tem limites. Quando V. S. assim o deseja, poderá deleitar-se ouvindo poemas symphonicos, suites, sonatas, canções populares, marchas e as peças de dança que maior successo tem tido. Qualquer um dos modelos deste maravilhoso instrumento reproduz sua musica predilecta com um realismo inconcebivel.

MODELO 4-20

Victrola Orthophonica em estylo classico. Compartimento vertical para discos. Preço,

Qualquer commerciante Victor desta localidade possue um sortimento enorme de todos os modelos que fabricamos. Existem instrumentos que mudam os discos automaticamente, instrumentos combinados com Radiolas . . . e muitos outros em differentes formatos e estylos ao alcance de todas as bolsas. Ouça os ultimos discos Victor no modelo da Victrola Orthophonica que mais lhe agrada. Faça uma visita ao nosso estabelecimento *hoje mesmo*.

Distribuidores Geraes: PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Ouvidor, 98 — Rio de Janeiro — S. Bento, 35 — S. Paulo

O material VICTOR tambem se acha á venda nas seguintes casas: Dörfman & Irmão, rua do Cattete, 79 e 253; The Dental Mafg. Co., of Brasil, rua do Ouvidor, 127; Vasco Ortigão & C., Largo de S. Francisco; F. A. Pereira, rua Ouvidor, 179; Mestre & Blatgé, rua do Passeio, 48; L. Ruffier, rua Ouvidor, 121; Roberto Donati & Cia., Ouvidor, 153; Nascimento Silva & Cia., rua 7 de Setembro, 238; J. de Sá Oliveira, rua Carioca, 48; Waddington, Barbosa & Cia., rua Gonçalves Dias, 40; Sampaio Araujo & Cia., Av. Rio Branco, 122; Stephen Schaefer & Cia., Galeria Cruzeiro; Viuva Julio Boehm & Cia., Assembléa, 71; Campassi Camin, rua Assembléa, 79.

PROTEJA-SE!

Somente a Cia. Victor fabrica a "Victrola"

Não é legitima sem esta marca. Procure-a!

MODELO 8-9

Victrola Orthophonica de typo vertical primorosamente [illegible], modico preço de

VICTOR TALKING MACHINE COMPANY, Camden, N. J., E. U. da A.

A Partilha

DE

PAUL CERVIÉRES

Elles haviam sido sempre duros e exigentes, pouco confiantes e nada delicados, si bem que ella se esforçasse para satisfazel-os, mas verdadeiramente depois que o seu bom homem, o seu Francisco, o seu marido morrera, levado em poucos dias, Melie não podia mais soffrer ao pé delles.

A sua magua, tão grande, tão sincera, — ella amava tanto o seu Francisco, perdido depois de um anno só, de casamento, em plena mocidade, em pleno amôr — ainda a amargava, no meio de tanta dureza, de tão injusta desconfiança, aquella desconfiança, aquelle insultuoso desprezo, de que a rodeavam os velhos enclausurados na sua dôr, perdidos nas suas recordações, e pelas quaes a jovan não havia sido senão a nóra, a estranha, imposta ao seu lar, pelo seu rapaz tão cheio de affectividade.

Podia ella trabalhar como uma besta de carga, — nada teria a dizer. Os que vivem da terra são acostumados a um trabalho sem repouso.

Que as suas mãos fossem callosas, como as de um homem, que a sua tez pura se crestasse, que a sua silhueta se curvasse para a terra, que lhe dava a vida, e lhe tomava a sua belleza, que lhe importava a ella, a Melita?

Francisco não estava ali, para lhe pedir que ficasse bella. De mais, as filhas do campo não têm tempo para pensar em belleza. A coquetteria dura o tempo do noivado, e depois a lavoura as absorve e o trabalho quotidiano, tão tenaz e tão duro, faz com que só aos domingos ellas se enfeitem para ir á missa — podem ter vinte annos ou serem mulheres já maduras.

Não, o que Melie tinha no coração, o que o tornava pesado, a sua dôr de viuva joven, era o tom aggressivi dos velhos, quando, por acaso, elles se dirigiam a ella; os olhares de odio que lhe lançavam, o desprezo com que respondiam as suas prevenções e aos seus cuidados.

Ella era orphã. Revendo o seu passado, ella se encontrava sózinha. Nenhum carinho havia embalado a sua infancia solitaria, quasi selvagem. Ella corria pelos bosques, pelos prados. Amava os animaes e as flôres; e depois que se tornára mulher, tomada de uma necessidade viva de amar, havia adorado Francisco, antes mesmo que elle tivesse murmurado as suas primeiras palavras de amôr.

Prudente, ella o havia levado ao casamento. Elle, um filho de gente rica, que era tão afortunada, casou com aquella pobrezinha! Os velhos se haviam revoltado...

Mas obstinada na sua idéa, louco de amôr, Francisco a havia exigido, imposto quasi á força, e deante dos velhos revoltados a amára como a uma rainha.

Deante do rapaz, a quem os velhos queriam tanto, os velhos não ousavam nada de mal — mas com aquella ferocidade detestavam a vagabunda que não possuia terra, nem dinheiro, nada, nada, senão os seus vinte annos e os seus dôces olhos azues.

Comtudo, ella trabalhava e vendo-a assim valorosa, a velha, mais dura ainda que o velho, quiz mandar a filha do campo para a rua...

Quiz mandal-a embora...

Ah, ella havia procedido bem. Francisco se oppuzera áquelle intento... Melie não ia se matar de trabalhar tanto, e era elle que a obrigava, ás vezes, a repousar. E depois, nasceu o primogenito, e os avós conheceram o prazer de apertar nos braços o netinho.

Elles o adoravam.

Então, Melie se tornou indifferente para elles. Não lhe falavam nunca, mas o seu odio se applacava. Durante dois mezes, a joven foi verdadeiramente feliz, depois, a fatalidade pesou sobre essa quietude, e Francisco morreu.

Melie trabalhou, firme.

Primeiramente a sua magua pesava na febre da sua luta, do seu trabalho. Ella soffria menos, e, em torno dos campos, de onde ninguem viera arrancal-a ao trabalho insano, occupava-se alegremente com o seu filho.

Meu Deus! si os velhos não fossem assim tão maus, tão odiosamente injustos, elle não teria pedido senão que a tratassem bem.

Dir-se-ia que elles a tornavam responsavel pela sua desgraça.

Ao surgir da aurora, ella fornecia á viuva o trabalho de dois homens, sem contentar aos velhos. Palavras curiosas acolhiam os seus esforços.

— Tens que trabalhar e não reclamar! Tu não és nada aqui!

Sem duvida, ella sabia que não era nada, ella, a estranha.

Soffria em silencio. A quem se queixar, além do mais? Ninguem gostava della e o seu filho era pequeno! Comtudo, o seu soffrimento se revoltou. Não a protegiam em nada, davam-lhe apenas a roupa e a comida.

— Tu não possues nada de teu, dizia o velho, o punho estendido, ameaçador, nem mesmo os farrapos que te cobrem.

Um dia, por uma cousa sem importancia, um instrumento esquecido no campo, elle bateu nella.

Então, revoltada, a moça explodiu:

— E' de mais. Vou-me embora!

Elle abriu a porta do corredor.

— Vae-te! Tu não possues nada de teu! Sáe daqui, onde jamais devias ter entrado.

Ella recuou da porta aberta e recolheu-se á cozinha, brilhante, bem cuidada pelas suas mãos.

Num pequeno leito, envolto em musselinas, de quadros brancos e vermelhos, o seu filho, o filho de Francisco, repousava. Docemente ella o apanhou, envolveu-o em um cobertor.

— Onde é que vaes? — disse a velha.

— Vou ganhar a minha vida e a do meu filhinho. Em qualquer parte em que trabalhe será melhor do que aqui.

— Não sairás daqui com o pequeno!

O homem tomou a passagem.

Ella os olhou e os viu tremulos, tomados de receio. Ella comprehendeu que os tinha presos, que as suas ameaças não seriam, dentro em pouco, mais que supplicas e preces; que si ella quizesse, graças ao pequeno, os seus algozes se tornariam escravos, rastejariam aos seus pés... Ella poderia ter tudo o que quizesse... tudo lhe pertencia, o ouro, as terras, os campos. Mas desdenhava todos aquelles bens. Havia soffrido muito, junto a elles, muita amargura havia entrado no seu coração e o seu desejo era vêr-se livre delles...

Vingando-se uma vez do seu odio, repetiu:

— Vou-me embora! O garoto é meu. E' meu filho! Vós tendes campos, terras, dominios, bosques, campos... Guardae-os! Cada um ficará com os seus bens, uma vez que se faz a partilha. Fico, pois, com o meu filho.

E passou, altivamente, deante dos velhos afflictos...

Qualquer pessoa pode "filmar" com um Cine-Kodak

Chic! Apenas uma volta do interruptor e começa o cinema.

Ajuste o seu Cine-Kodak á altura da cintura ou ao nivel do olho.

Cine-Kodak pesa sômente 5 libras; suspenso na mão; accionado por motor de mola; carrega-se á luz do dia com Pellicula Cine-Kodak de amador (16 m/m) na caixa amarella.

A sua simplicidade encantar-vos-ha,
Os seus resultados surprehender-vos-hão

SIMPLICIDADE e Kodak são synonymos, sendo essa a razão porque Kodak e photographia de amador são universaes. O methodo Kodak applica-se agora para tirar pelliculas cinematographicas de amador.

A fim de tirar pelliculas cinematographicas com o Cine-Kodak, é apenas necessario ajustar a camara e premir uma pequena alavanca.

Para projectar, ligue-se o Kodascope a um supporte de luz electrica e a photographia tirada apparecerá na tela.

Nada mais! Isso é tudo! O nosso laboratorio encarregar-se-ha de revelar a pellicula sem nada cobrar por isso e de devolve-la prompta para ser projectada.

Ha alguma coisa mais facil e mais fascinante? A alegria e as travessuras das crianças, os divertimentos dos velhos, reuniões e acontecimentos, tudo quanto nos agrada hoje pode ser perpetuado em acção e reproduzido novamente sempre que se desejar.

O cinema, estylo Kodak, é tambem economico. Veja o Cine-Kodak e o Kodascope nos estabelecimentos em que se vendem artigos Kodak, ou peça-nos detalhes.

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro 268-270, Rio de Janeiro

ESPIRITO ALHEIO

FALSO ALARMA

— Vamos ao Zoologico, Ritinha?
— Para satisfazel-o, vou. Mas com a condição de depois irmos ao cinema...

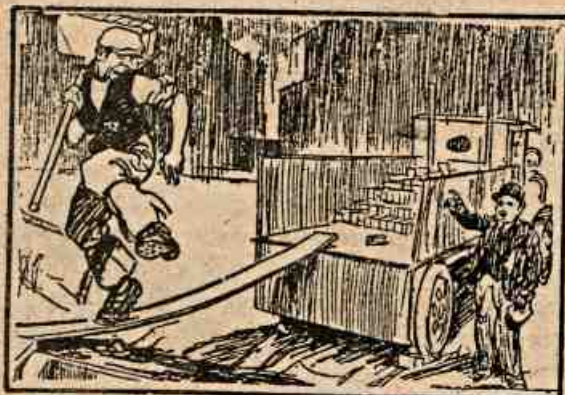
A dona da casa. — Tenha cuidado, homem!
O *carregador*. — Tranquillize-se, minha senhora, eu não soffri nada... Além disso, em nossa profissão se está exposto a esta especie de perigos. Mas nós já estamos acostumados!

INTERPRETAÇÃO

O viajante — Quando a gente viaja, sempre se esquece de alguma cousa.
O *carregador (pensando na gorgeta)*. — Fique tranquillo, senhor, que, si se esquecer, eu lhe lembrarei...

— Soube, hoje, pelo professor, que és o ultimo da classe.
— Mas eu não tenho culpa, meu pae. O ultimo deixou o collegio...

SCENA CONJUGAL

— Diz-me cá uma cousa: todos os homens são tolos?
— Não, querida! Alguns são solteiros...

— Por que atravessas a taboa com uma só perna?
— Porque suppuz que a taboa não resistiria si a atravessasse com as duas.

— De maneira que seu filho vae para a Cleopatria? Mas não sabe que aquillo ali é um tumulo?
— Sim... Mas elle é emprezario de pompas funebres e pensa fazer negocio... As cousas por aqui andam muito ruins para elle...

A Mascara

Por Pedro Paulo Faria Rocha

....

— Ninguem me reconhecerá mesmo? Repara, repara bem. Tenho receio.... Não, é melhor eu collocar uma outra mascara que me encubra o rosto...

— Mas não estás reconhecivel! Affirmo-te como ninguem dirá quem és! Este babado de renda da mascara, além de te dar certo e mysterioso attractivo, faz com que ninguem te reconheça. Pódes estar socegada.

Maria Luiza mirou-se novamente, ageitou ao corpo a rica fantasia de *odalisca* que lhe mostrava as fórmas seductoras, deu alguns passos deante do espelho e interrogou, nervosa, outra vez:

— Mas, estou mesmo disfarçada? Olha.... Deus me livre (nem é bom pensar!) que alguem me reconheça!.... Que diriam de mim?!

— O teu falar me offende, oh! Mari Luiza! Bem sabes que já fui a todos os bailes de carnaval nos *clubs chics* do Rio, mas nem por isso és melhor do que eu.... Só se por eu ser viuva....

— Nem eu disse tal, Zelia. Disse-te....

— Sim, queres saber de uma cousa? Deixemos de cerimonia entre nós duas. — Sei que tens vontade de vêr a vida que levam os homens, e as mulheres *alegres*.... Disseste-me até que, dada a prisão em que vives, muita vez invejas....

— Não repitas, Zelia!...

— Minha amiga, já te disse: usemos de franqueza. Narrar-te-ei depois, cousas que se relacionam commigo e que não te contei ha mais tempo porque receiava.... Disseste-me, sim, que invejavas essas mulheres que nós e mesmo os homens repudiamos... Pois bem, outra occasião melhor não ha. Iremos a todos os *clubs chics*... Tenho quem nos acompanhe... O teu marido veio ao encontro de tua vontade: foi a serviço para fóra. Que outra occasião queres então?

— Mas, eu tenho receio... Tenho medo, embora queira ir... Arranjaste-me logo esta fantasia....

— Se tivesses o meu corpo, dar-te-ia esta de *cigana*....

— Não estou conhecida, não é? Para o *club*, pois!

— Espera. E' cedo ainda, minha amiga. São dez horas. Temos que esperar.... o *coronel*... Emquanto esperamos, para mostrar-te que deposito em ti toda a confiança e para que tenhas mais liberdade, ouve o que te prometti contar: Quando meu marido era vivo, muita vez lutei commigo mesma contra essa vontade, que tambem tens, de vêr a vida lá, nos *cabarets*.... Ora, o nosso Rio não é mais que *uma aldeia grande*, já disseram. Embora haja todos os vicios das cidades modernas e cultas, ha esse puritanismo hypocrita que nos cerca.... Se alguem me visse, mesmo com o meu marido se vivo fosse, em um *cabaret*, diria logo que elle era um desbriado e eu.... Sabes como são essas cousas.... Pois bem, como te dizia, tinha eu uma vontade louca de conhecer uma noite em um *cabaret*, e aqui nunca pude ir, em obediencia ao meu marido e á sociedade. Quando estivemos, porém, em Paris (Oh! Paris!), vi a vida nocturna daquella grande capital!.... Vive-se em Paris! Vi aquella vida (para que mentir?) com grande satisfação, desejo de me confundir naquella grande orgia!.... Mas, embora ninguem lá me conhecesse, tinha que respeitar a presença de meu marido. Voltámos e, como sabes, tempo depois o meu Alvaro morreu. No anno seguinte á sua morte, pelo carnaval (tambem outra occasião não se nos apresenta) fui aos *clubs*, irreconhecivel. Diverti-me á grande, igualada (não te espantes!) áquellas *mulheres* todas.... Sempre de mascara, com cousa alguma me importava... Conquistei a muitos e os fiz gastar muito dinheiro.... Fiz loucuras... E o mais interessante é que passo por muitos delles, alguns amigos de meu marido, sem que, nem de leve, suspeitem de mim... Tambem os embebedei tanto... O muito *maquillage* do meu rosto e o alcool que bebiam, mesmo que alguns, cá fóra do *club*, me tivessem visto sem mascara, não lhes permittiam reconhecer-me...

O tilintar do telephone veio cortar a narração de Zelia, que correu a elle apressada.

— Vamos nos retocar, disse voltando. A's onze em ponto, temos que estar na porta do *club*.

....

O "XX", o grande *club* carioca, apresentava um aspecto deslumbrante. Tudo ali era encanto, alegria, vida.... Desde a illuminação estonteante da entrada, aos salões ricos e decorados com arte. As musicas em voga eram executadas a todo momento, fazendo vibrar mais a alegria da multidão que lá se achava. Era lá dentro uma mistura de sociedade e de raças... A chuva que cahia impertinente não arrefecêra o contentamento do povo.

A's onze e poucos minutos apresentando desculpas pela pequena demora, Maria Luiza e Zelia chegaram ao *club*. Lá estava o conhecido que Zelia arranjára para acompanhal-as. Aos ouvidos da amiga ella segredára:

— De nada receies. E' um estrangeiro que veio para assistir ao carnaval. Conheci-o hontem no hotel, quando em visita a uma amiga. E' americano do norte, mas *arranha* o francez. Havemos de nos distrahir bastante. Elle espera alguns compatriotas.

....

Eram quatro horas e meia da manhã de domingo quando Maria Luiza e Zelia chegaram em casa. Maria Luiza, agora passado o effeito do alcool, e do ether que cheirára, tinha vergonha de olhar a amiga. Bebera muito e excedera-se.... Amedrontava-a a duvida de que alguem a tivesse reconhecido. Depois, embora soubesse da vida de Zelia, tinha mais responsabilidade, porque era casada... Exhausta, porém, vencida pelo somno, dormiu o dia todo. A' tarde, acordára mais disposta. E á noitinha, após munir-se de nova mascara, esquecida do receio com que voltára para casa, preparava-se para o domingo de carnaval emquanto Zelia providenciava arranjando companheiro que as levasse...

A PAULICÉA

Por ALCOSTA

AO chegar a São Paulo, desejoso de ver o decantado progresso da linda capital sulina, que eu deixára, ao formar-me, com 300.000 habitantes, tive a impressão de haver sido transportado em sonho a uma rumorosa cidade norte-americana, para a qual houvessem affluido, de uma arrancada, contingentes humanos de todas as raças do mundo.

Em meio do ruido infernal de innumeros automoveis, omnibus, bondes e toda a especie de vehiculos, num constante vae-vem que irrita e entontece, eu ouvia linguas, as mais diversas, numa confusão que encanta, mas entristece...

Teriam novos descendentes de Noé encontrado nos campos de Piratininga uma outra planicie de Sanaar, para nella edificarem modernas babeis?

Creio que sim, mas protegidos por algum milagre que fez com que todos se entendessem maravilhosamente. E a prova ahi está: arranha-céos por todos os cantos da bulhenta cidade, sendo que os mais novos pretendem sempre, pela altura, vencer os seus vizinhos.

E' fantastico o desenvolvimento da Paulicéa! Milhão e meio de habitantes!

* * *

Theatros, cinemas de assombroso luxo, "cabarets" chics, palacios magnificos, lindos jardins, ruas repletas de annuncios luminosos, tudo concorreu para afastar o caipira que outrora visitava São Paulo, dando-lhe, com os seus modos esquisitos e sua linguajar sui generis, uma nota de encantadora simplicidade, sempre glosada pela alegria ruidosa da mocidade academica de vinte annos atraz.

Assim pensava eu, certa noite em que "fazia o triangulo" (percorrer as ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro), em vesperas de regressar ao Rio, pezaroso de não mais encontrar o typo do Jeca paulista, nosso bom e nostalgico irmão, tão simples na sua philosophia e tão sabio no seu philosophar... E caminhava, caminhava lentamente, sonhando com a esturdia mocidade, que já vae longe, quando ouvi a voz cantante e dolente de dois caipiras que me seguiam. Espantosa felicidade! Prestei a maior attenção ao que diziam.

— Tá vendo, nhô Chico, aquella dianha, desavergonhada, que ali vae? Pois é das taes que tiram todo dinheirinho que muito home serio, lá das nossas banda, traz p'ra capitá...

— Será memo, nhô Quim? O'le que tarvez seje engano de mecê. Aquella moça parece inté sê de famia...

— N'um tô inganado, não, nhô Chico. Antão mecê não sabe que o coroné Juca Paca, home rico e muito serio (lá em Cananéa), chegou aqui e gastou, n'uma noite, quinze conto com uma dessas mulé?!

— Chi! nhô Quim!

— Pois é, nhô Chico. Entonce elle não podia garrá seis conto e comprá de pão p'ros fio?... Marvado!

* * *

Os caipiras seguiram, commentando as loucuras do coronel Juca Paca, quando vem a São Paulo, e eu fui para o hotel preparar as malas: estava satisfeito.

Dentro de 5 annos, ninguem mais ouvirá semelhante dialogo.

E' fanttastico o progresso da Paulicéa!

LUIZA (S. Paulo) — Aqui está a sua cartinha côr de lirio roxo. Triste como deve ser a sua alma de donzella.

V. Ex. se queixa de que confundi a sua historia com a das outras mulheres.

Como assim, si V. Ex. não m'a contou? O que fiz foi engendrar uma fantasia, em torno do seu caso. Fiz uma simples conjectura. Imaginei que V. Ex. devia ter um desastre sentimental na sua vida, desastre esse que lhe déra motivo para fazer um romance. E, agora, sem mais nem menos, como as "esphinges sem segredo", de Oscar Wilde, — V. Ex. se resolvia a contar-me esse romance, com as devidas reservas que o anonymato faz suppor. Não é isso?

V. Ex. ainda está em tempo de pôr os pontos nos i i, e dizer: "A minha historia é esta". E contal-a da maneira que lhe parecer melhor.

Pensei até que a sua historia era das *Mil e uma noites*, ou como as de Perrault. As moças que me escrevem são muito imaginosas e gostam de brincar com a minha bôa fé.

LYS (S. Paulo) — Mas, francamente, V. Ex. quer divertir-se á minha custa? Não ha melhor companheiro para um jogo de perfidias do que eu.

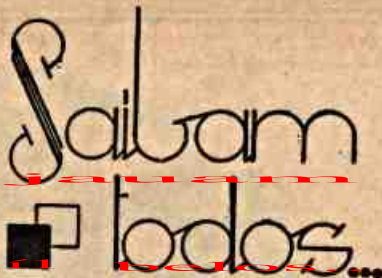
E' verdade que a sua letra indica o seu espirito de embuste, o espirito de uma pessôa que ama os gracejos finos, como esses das suas ultimas cartas sentimentaes e platonicas. Mas V. Ex. escolheu mal. Não sou o typo de polichinello que idealiza.

Não é a primeira vez que V. Ex. se serve de um pseudonymo literario para me levar em burla. Quantos, hein? Começou por Miragem — sem duvida o mais interessante e o mais verdadeiro. Que é, afinal, uma criatura que nos fala, sob anonymato, senão uma verdadeira "miragem"? Miragem que foge, á medida que avançamos para o horizonte nú e longinquo desse "deserto" de mentiras...

WANDA (S. Paulo) — A sua cartinha cinza está a caracter com esta chuva fina e fria, neste dia cinzento, de céo pallido como si este desmaiasse n'uma vertigem de nuvens e de brumas côr de perola.... Perdôe essa literatura aguada de inverno carioca.

Gostei da sua missiva. A sua letra revela que se trata de uma criatura gentil. E isso lhe basta, creio eu.

Fico á espera da sua visitinha.

Quanto ao facto de dizer que nunca visitei a sua terra, devo esclarecer que ha engano da sua parte.

Já fui a S. Paulo tres vezes. Apenas me limitei a ficar inteiramente incognito, sem realizar visitas, nem percorrer as redacções dos jornaes, nesta séde tão humana de publicidade e cabotinismo commum aos intellectuaes. De modo que vi apenas o S. Paulo monumental, pittoresco, commercial, etc. O social não o conheço. Mas estou certo de que é composto da nata italo-brasileira — o que já é um consolo para os paulistas. São Paulo é um encanto.

Li o soneto *Eu* que me envia. Não tenho elementos para provar que seja um plagio. Mas tudo me leva a crêr que não é de sua lavra. Sabe por que? Porque ha nelle um verso que está concebido deste modo:

"... *si a ventura, para mim consiste*...

esse *a* (artigo) é o *ha* do verbo irregular *haver*.

Mas si o soneto é mesmo seu, e aquella falta foi méra distracção de V. Ex., acho-o até que nos mostra uma poetisa capaz de produzir bellos versos.

MELITA (S. Paulo) — Sim, aqui na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, a sra. encontrará os livros que deseja obter. A livraria mesma poderá enviar-lh'os pelo correio.

SEREI POETISA? (Capital) — A sua missiva revela o interesse com que deseja ouvir a minha opinião sobre os seus pendores literarios.

Escreve V. Ex:

"Sr. *Yves* — E' commum hoje em dia uma moça, em certos momentos de solidão, tentar compôr algum trabalhosinho litterario, quer em prosa, quer em versos — algumas conseguem, outras pensam ter conseguido. Eu tambem já passei por esses momentos, tive a tal tentação e... pensei ter conseguido.

Si eu guardar essa illusão vaidosa dentro em mim, não poderei aperfeiçoar-me e progredir. Por isso é que resolvi submetter minha "obra-prima" á sua critica valiosa, e, si tiver ella (a obra-prima) algum valor — sempre guardo alguma esperança — desejava vel-a publicada em outra secção do "FON-FON" que não seja "Saibam todos".

Penso ter sido breve e simples quanto possivel — não gosto de ser cacête.

Antecipadamente grata pela attenção que dispensar á minha consulta, confesso-me humilde admiradora de suas obras litterarias."

Ora muito bem. Li a sua fantasia *Linda e feia* na qual V. Ex. descreve, num estylo escolar, a historia de uma criatura linda que, atacada por uma molestia deformante, se tornou feia como um Quasimodo de saias.

Direi quanto ao seu pendor: V. Ex. tem grandes possibilidades deante de si; direi quanto ao merito desse seu trabalho: está fraco; é trabalho de principiante e o FON-FON não é a revista ideal para quem se inicia nas letras, visto como dispõe de quatro largas cestas, aqui na redacção.

Quanto aos reparos que se devem fazer, a proposito da sua fantasia direi o seguinte: não ha nelle o paradoxalismo que V. Ex. pretende. Primeiro porque, si ella, a sua heroina, era linda, e tornou-se feia em consequencia de uma deformidade, é claro que ella apresenta um aspecto distincto do primeiro: era linda e tornou-se feia. Não é o que V. Ex. escreveu:

"Ella era linda, muito linda"... E mais adeante:... "Elle é feia, muito feia". — E' feia, no presente, é o que V. Ex. quer dizer. Mas nesses casos, exige a clareza que se diga: "Ella era linda... Agora ella está feia, tornou-se feia, fez-se feia". Porque ahi a sua fealdade não é uma caracteristica pessoal, é um accidente, em virtude de uma circumstancia.

HONORIO (E. do Rio) — O meu romance "Uma 'garçonne' carioca" não é um livro obsceno. Isso não! E apenas um tanto forte na sua critica. Nelle não ha expressões que façam corar; ha uma philosophia ironica que faz pensar nas brutalidades da vida. E' um livro que se propõe divertir os melancolicos, levar uma palavra de consolo ás mulheres que soffrem o desprezo da sociedade, vingando-as do mal que ella lhes causou, e focalizar um pouco alguns aspectos da nossa vida moderna. Mas para evitar dissabores futuros, cumpro um dever de honestidade literaria, declarando que elle não se fez para as mãos das mimosas pudicas, das "jeunes filles" de Sion (?) e muito menos das meninas que só lêem os livros que soffrem a censura paterna.

E' favor mesmo que essas angelicas filhinhas de Eva passem

de longe por esse livro malsinado, onde estão pintadas as miserias e villanias da vida, como um aviso ás creaturas incautas.

A critica dirá delle o que bem entender: eu o escrevi.

Não posso fazer o estudo da sua letra, mas posso indicar-lhe a livraria onde encontrará os livros didacticos que procura: dirija-se á Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

LYSE (S. Paulo) — Bonito! Uma carta cyclamen, quasi purpurea. E' uma carta que lembra um grito incomprehendido, um clamor, um desespero flammante como uma labareda de dôr.

Será mesmo assim?

Vejamos o que V. Ex. me escreve:

"*Yves* — Faz um frio intenso lá fóra, nas trevas da noite. O céo está todo salpicado de estrellas e a lua parece uma lampada gelada, esplando curiosa o mysterioso silencio que ha na terra. Só de muito longe ouço vozes infantis cantando a D. Sanja (cousa tão rara nesses tempos!)

E é na quietude dessa noite triste, que lhe escrevo toda a melancolia que me vae n'alma. E' uma dôr lenta e suave como uma saudade.

Saudade de uma vida nunca vivida, de um tempo desconhecido, de um não sei quê, que não existe e nunca existiu. Por que será, Yves, que a gente ás vezes soffre sem saber porquê?...

Indecifravel alma humana!

Escrevo-lhe tudo isto, esquecendo, que apezar de você ter um coração sensivel, é tambem de uma ironia fina, que fére sem compaixão.

Mas, mudando de assumpto, como é natural que não poderá lembrar-se dos versos que lhe enviei, mando-lhe estes, pedindo a sua opinião.

Yves, sou uma paulista apagada, differente das minhas patricias e moro no suburbio, numa viella solitaria, longe... muito longe do borborinho estridente da cidade. Que procurou dar fórmas aos seus sentimentos.

Agradecendo antecipadamente a sua resposta, a sincera admiradora. — *Lyse*."

Essa missiva côr de arrebol e perfumada como um vergel (arrebol e vergel? Vá lá o passadismo...) faz-me lembrar aquella revelação de Pitigrilli.

Certa vez, alguem lhe perguntou si elle oxygenava os cabellos. E elle respondeu affirmativamente. Pois ninguem acreditou no que elle affirmava. Mais tarde, isto é, em outra occasião, alguem o interrogou: — Pitigrilli, é certo que você oxygena o cabello? A cidade está cheia dessa nova.

— E' mentira. E' verdade que já me oxygenei. Agora, não.

Pois ninguem acreditou que elle estivesse falando a verdade.

Assim, é o que V. Ex. me assegura. Ninguem acredita que essa carta perfumada a essencia fina, portadora de versos tão bonitos, tão cheios de alma e vibração, possa ter vindo de uma viella esconsa de S. Paulo — lá de um recanto do Braz ou Belémzinho. Póde ser que esteja sendo verdadeira, mas eu não acredito na sua affirmativa. E' o caso do humorista de "La Vergine á diciotto carati".

Creio que aquella ruazinha de suburbio entrou ali como um motivo literario — para justificar as estrophes da sua *Fascinação*. Pelo menos, essa rua lobrega e humilde de suburbio me fez sonhar com esse S. Paulo do meu sonho. Parece que estou a vêr o casario a grimpar pelas encostas dos morros e collinas, num ondular constante, ou num ziguezaguear colorido de tectos de vermelhos, alastrando-se num tumulto febril, ao pé das chaminés altas e de mole das fabricas, dos edificios destinados á industria, ao commercio, á vida progressista de S. Paulo. E por cima, o céo cinzento, feito de ardosia e de brumas, emquanto a chuva rola, numa poeira macia, garoenta, cahindo, dentro da nossa alma, numa melancolia que adolenta e constrange...

Oh! S. Paulo dos meus sonhos!

Mlle. Lyse, os seus versos vão ser publicados, por ora, num logar de pequeno destaque; depois, si não fôr ingrata como as outras — veremos...

SARGENTO HOLLANDA (Capital) — Li as palavras elogiosas que me dirige e fiquei muito sensibilizado. Em consideração a essa sua attitude, a essa sua gentileza deixo de troçar o seu soneto. De resto, deixe dizer a verdade: tenho medo que o sr. me dê uma surra de sabre (ou de espada?) na primeira folga que tiver. Por isso, me limito a declarar, tão sómente, que o seu *Ciume*, como sentimento, póde ser um drama intimo; mas como poesia é uma tragedia grega. "A bon entendeur"...

CYRA (?) — A sua missiva é muito bonita. Por tudo: pelo papel côr de perola; pelo perfume excellente; pelo estylo elegante — de moça que não lê só *Paulo e Virginia*, e *Bella e a Féra*; e até mesmo pelas palavras gentis que escreve, a meu respeito...

Mas... é aqui nesse *mas* que fico atrapalhado. Como descalçar esta luva... de pellica, deante desse tempo tão frio? Em todo caso, vá lá.

Espero que tenha coragem de ouvir a verdade cruel.

Faz de contas que V. Ex. acaba de assistir a uma missa de setimo dia. E' preciso que alguem a console... O meu consolo é dizer-lhe que tenha paciencia. Deus assim quiz... Que Elle seja louvado. — Mas a sua letra diz que V. Ex. não é um anjo: — é uma férinha de unhas côr de rosa e cabellos "á la garçonne"...

CORAÇÃO DE LEÃO (Capital) — "Coração de Leão!" Que féra! Sim, senhor! Aqui está a sua carta, na qual, o sr., simulando uma certa ingenuidade de fedêlho, que se estréa nas lides (ou nas liças?) do amor, me propõe uma interessante questão. Mas vamos á maravilha da sua missiva. Eil-a:

"Caro Snr. *Yves* — Saudações — Interessou-me sobremodo a sua divertida secção "Saibam todos" do "FON-FON"; por isso, achei-me tambem no direito de, abusando da sua complacencia, pedir alguns conselhos ao distincto litterato.

Estou com 21 annos, e, dês os tempos infantis, venho sendo perseguido pelas "saias". Ao principio, repellia-as tanto quanto podia, entretanto convenci-me que esta sina não era má... E, hoje, após incendiar o coração de varias garotas, noto que o meu ainda está intacto.

Adoro qualquer typo de mulher (contanto que seja bonita...). Desejo ter esse sentimento que se chama Amor. Quaes são, então, os requisitos que a mulher deve ter para que eu deixe de ser o "bello adormecido?" — *Coração de Leão*".

Eis agora as respostas que devo ao meu illustre consulente: 1.°) — Dou-lhe os parabens pela resolução que tomou de não repellir mais as saias. Si persistisse nesse proposito, e admittindo o principio

***Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4186.

FON-FON — 8-6-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

sociologico de que o homem é um animal gregario, segue-se que seria forçado a gostar das calças... dos homens. Parabens. Imagine, o sr., levado pelo seu misogynismo (horror ás mulheres) obrigado a amar um barbado.

2.o) — Cuidado! O sr. está, agora, precipitadamente, a incendiar os corações das garotas, e é bem provavel que acabe encontrando um desses paes valentões que lhe *esquente* o couro... cabelludo com alguns cascudos desagradaveis. Cuidado, meu caro D. Juan!

3.o) — Pergunta quaes são os requisitos que deve exigir na mulher. Ora, não é o sr. que os deve exigir: são ellas. Assim, o principal que o sr. deve apresentar é

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

não ser prompto. Si espera casar com uma garota que possua dois contos de dote, deve preparar-se para levar duzentos. E' esta a proporção: A: B:: 2 contos estão para 200 — X.

4.o) — Si, porém, a despeito de tudo isso, o sr. persistir em ser o "bello adormecido", não faltará, por ahi, quem possúa um bom chinello de couro, para despertal-o e fazel-o trabalhar, pelo progresso do paiz; na lavoura, por exemplo, plantando succulentas e saborosas batatas. Acaso o sr. não será patriota?

CELY (S. Paulo) — Muito agradecido pela declaração quasi amorosa, que me faz. O peor é que V. Ex. pode ser alguma solteirona de seus 35 e picos.

MARIA REIS (Capital) — Ah! está! V. Ex. adivinhou o meio pelo qual me poderia induzir a fazer o estudo da sua letra. E' verdade que me não mandou a sua assignatura verdadeira — o que é indispensavel; e isso seria bastante para que lhe respondesse: "Não sou graphologo". Mas vou fazer o seu exame. Antes disso, desejo publicar a sua carta.

Lá vae ella:

"Caro Snr. Yves — Os meus melhores votos de saude e felicidade é o que envio ao illustre poeta.

Leitora assidua do "Saibam Todos", onde todos os sabbados admiro a sua inexgotavel verve e fina ironia, venho muito medrosamente, confesso, solicitar a minha graphologia.

Bem sei que tal favor, só deve ser concedido ás intelligentes e fidalgas consulentes do apreciado poeta do "Suave enlevo", mas eu creio, que apezar das phrases banaes com que me dirijo ao brilhante redactor desta secção, espero ser attendida no meu pedido, pois talvez a minha graphia desperte o mesmo enthusiasmo, que um doente interessante ao seu medico, isto é digno de ser estudado e observado.

Mil agradecimentos da leitora *Maria Reis*."

Muito bem. A sua graphia indica que V. Ex. é uma criatura delicada, de maneiras suaves e muito preguiçosa. E' calma, fingida, oh! muito fingida! — e opportunista: tira partido de tudo. A sua saude não é bôa. Deve ter alguma doença interna. Não tem força de vontade e muda de opinião facilmente. Não sabe bem o que deseja. Ora quer uma coisa; ora quer outra.

E' mediocre de espirito, si bem que tenha bom gosto. E' simples, risonha, de uma alegria furtiva e zombeteira, mas em V. Ex. o que predomina é a melancolia. Pelo menos a sua alegria não é constante e é passageira. Necessita de uma pessôa que a guie, que a oriente, que lhe dê forças para reagir contra esse estado de negligencia e desencorajamento. E' simples na apparencia, e quasi sem vaidade. E' uma emotiva, mas ama geralmente com o espirito.

E' fria para o amor, esse amor que pede a exaltação da carne para viver. E' pródiga, isto é, não é agarrada ao dinheiro. Sobretudo é de uma flexibilidade de caracter que impressiona. A sua palavra nada vale.

YVES.

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

ARISTIDES LOBO, 115
Telephone 8867 Villa

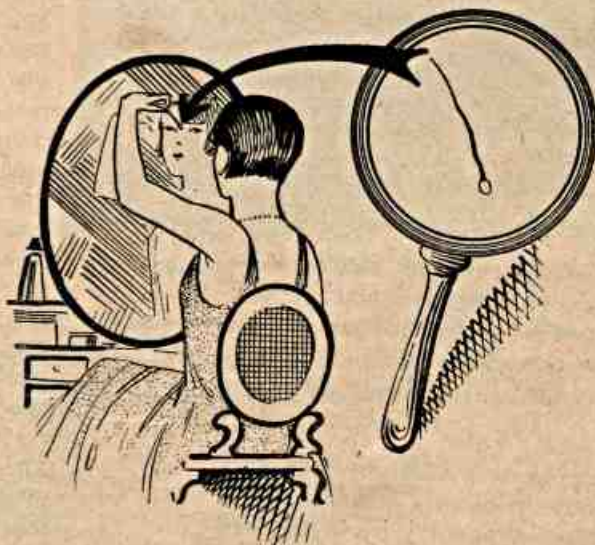
CASA DE SAUDE Dr. FRANCISCO GUIMARÃES

DIARIAS DESDE 15$000

AQUELLA perola pequenina, o pontinho claro na extremidade do cabello extrahido pelo Pilocida é a sua raiz.

Depilatorios communs, laminas de navalha e pinças dolorosas são synonymos; cortam o cabello á flôr da pelle, permittindo o seu renascimento com vigor ainda maior. Pilocida é massa perfumada e actúa exclusivamente na raiz dos cabellos, aniquillando-a instantaneamente.

Para a remoção dos pellos superfluos, o buço e a pennugem do rosto, por exemplo, é necessario apenas uma UNICA applicação, que dura alguns segundos.

Pilocida tambem extrahe, sem dôr e com uma facilidade admiravel, os cabellos naturaes, como as sobrancelhas, braços, pernas e axillas; nestes casos, são necessarias ás vezes duas applicações, findas as quaes NUNCA mais renascerão novos cabellos na parte depilada.

Não é Liquido — Não é Corrosivo — Não Causa Irritação á Pelle — E' Perfumado.

Garantimos absoluta efficacia, fazendo immediato reembolso da importancia dispendida, si o resultado não fôr o annunciado.

Acompanha um prospecto illustrado, que torna sua applicação facillima.

Pilocida póde ser adquirido nas Perfumarias e Pharmacias de 1.ª ordem, ao preço de 10$000.

Enviamos para o Interior mediante remessa de 11$000 em cheque ou vale postal.

Illmos. Srs. B. Fonseca & Co.
Rua Buenos Aires, 15-3º. Caixa Postal 1941 — RIO.

Junto remetto a importancia de 11$000 para ser-me enviada uma barra de Pilocida. Fica entendido que, si não produzir o resultado annunciado, VV. SS. me reembolsarão da importancia dispendida.

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... ESTADO ....

PAPEIS TROCADOS

— DE —

ESTEBAN JOLICLER

Habitação modesta. Elle, literato, lendo um diario. Ella, occupada com os seus affazeres domesticos.

Elle — outra vez as suffragistas dão o que falar na Europa.

Ella — Fazem muito bem.

Elle — Como si a missão da mulher fôsse votar.

Ella — E por que não? As mulheres têm os mesmos deveres que o homem e, portanto, podem ter os mesmos direitos.

Elle (dando de hombros) — Vamos, mulher, não me faças rir com a tua mania de fazer pouco nos homens.

Ella — Tu sim, que me fazes rir com a tua mania de diminuir as mulheres. (Imitando-o) As mulheres! As mulheres! (Mudando de tom) Pois sim! E os homens?

Elle (sentencioso) — Minha querida, o homem é um animal. .

Ella (interrompendo-o) — Souk da tua opinião.

Ella (continuando) — . . . superior. A mulher é outro animal mais gracioso, mais delicado, porém menos sueperior. Muitissimo menos. Necessita de um protetor.

Ella — Deveras?

Elle — Que seria de vocês, sem o homem?

Ella — E vocês, sem as mulheres?

Elle — Nós passariamos perfeitamente sem ellas. Tudo o que vocês fazem, poderemos fazer; emquanto que vocês. . .

Ella — Que?

Elle — Como poderiam ser soldados, marinheiros, mineiros?. . .

Ella (ironicamente) — Literatos. . .

Elle (offendido) — Tambem. Suppões que és capaz de fazer em dez minutos um artigo. . . como eu, envial-o a um diario. . . como eu, e cobral-o. . . como eu?

Ella — Por que não? E tu suppões que és capaz de fazer o que faço?

Elle — Que é que fazes?

Ella — Ter a casa em ordem. . . varrer. . . limpar. . . cozinhar. .

Elle — Isso vale alguma coisa?

Ella — Pois vae fazel-o. . .

Elle — Qualquer um fará. . .

Ella — Pois vae fazel-o, já disse.

Elle — Nem que fôsse tão difficil.

Ella — Pois então por que não o fazes?

Elle — Fal-o-ei com uma condição: que tu farás o artigo no meu logar.

Ella — Está combinado.

Elle — Pois só por curiosidade vamos fazel-o.

(Elle se levanta e põe-se em mangas de camisa. Vae buscar a vassoura. Ella se senta em uma poltrona e põe-se a lêr um livro.)

Elle (voltando) — Começo a varrer. Repara bem. . .

Ella — Sim, porém antes seria bom que esfregasses o soalho da sala de jantar.

Elle — Bem. Tu verás que faço tudo melhor do que tu.

(Apanha uma escova de lustrar o soalho, ajoelha-se e põe-se a esfregal-o, empregando nisso uma hora. De pois varre com grande cuidado. E, vermelho, cheio de suor, apresenta-se á sua esposa.)

Elle — Que tal? Que me dizes?

Ella (voltando a folha do livro com negligencia) — Passaste um panno humido nos moveis?

Elle — Vou passal-o. (Vae e volta depois de uma hora). Está prompto. Anda a vêr o serviço.

Ella — Creio na tua palavra. Fizeste a cama?

Elle — E tu? Escreveste o artigo?

Ella — Tem tempo. Bastam-me dez minutos. . . como a ti. . .

Elle (resignado) — Vamos lá fazer a cama. (Volta meia hora depois.) Já está feita a cama.

Ella — Bem. Agora vae lavar os pratos.

Elle — Como?

Ella — Eu faço isso todos os dias.

Elle — Bem, já vou. (Vae lavar a louça e sáe da cozinha sem quebrar nada menos que dois vasos e tres pratos. Depois conta a roupa suja, recebe a lavadeira, que ao mercado, onde o roubam escandalosamente e volta cansado e furioso.) Aqui estou! E o artigo?

Ella — Eu já te disse que em dez minutos o farei. Tenho tempo.

Elle — Olha que não zombarás de mim. Queres enganar-me? Farás o artigo, ou então. . .

Ella — Pois claro que o farei.

Elle — Que devo eu fazer agora?

Ella — Muito pouca coisa: preparar o almoço, pôr a mesa, servir, tirar a mesa e arrumar a cozinha.

Elle (com ironia) — Nada mais?

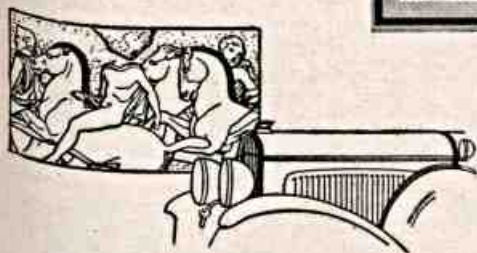
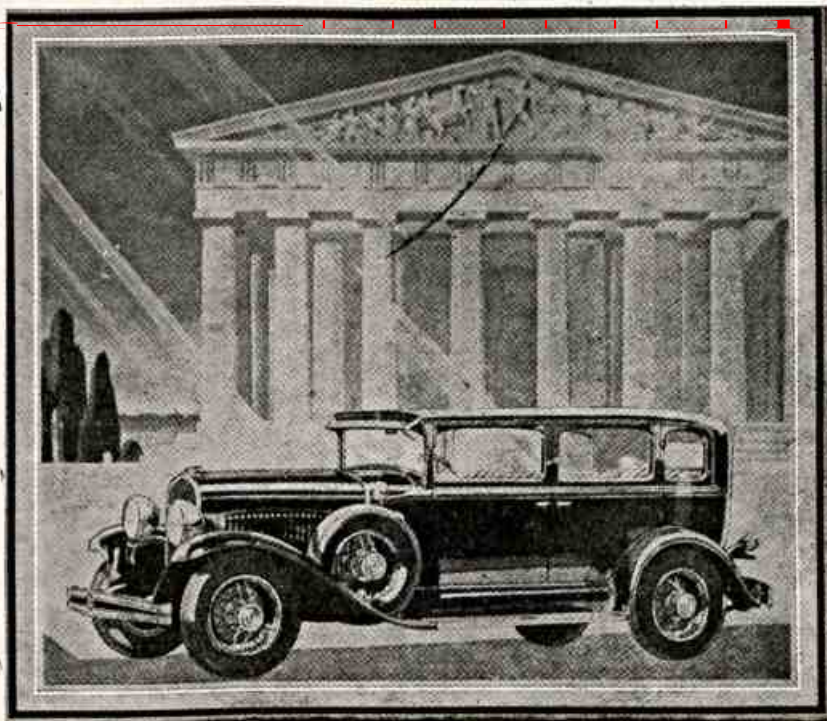
Ella (sorrindo) — Ha um pouco de roupa para passar ao ferro. . . prégar alguns botões. . . (Ouve-se uma creança chorar.)

Elle — Que é isso?

Ella — E' o garôto que acordou. Agora tens que limpal-o e mudar-lhe a roupinha toda.

Elle (com forçada resignação) — Vou já! (Passa para o quarto vizinho. Ouve-se elle praguejar. Sem embargo, faz das tripas coração, e apparece, pouco depois, com a creança. Está vencido, mas triumphante.) Aqui está! Creio que depois desta ultima prova estarás convencida que posso fazer tudo o que tu fazes. (O garôto chora.)

Ella (com simplicidade) — Pois então. . . dá-lhe de mamar. . .

O novo estylo do CHRYSLER é baseado nos authenticos principios da belleza classica

O que ha de mais moderno no traçado de um automovel — a combinação do radiador de perfil fino Chrysler com o desenho de barras do cofre — tem a sua origem na repetição de motivo no historico friso do famoso Parthenão.

CHRYSLER logrou realizar uma coisa inteiramente nova na concepção de automoveis — encontrou as verdadeiras fórmas de belleza classica que os seculos não têm podido ultrapassar nem igualar, e interpretou-as de maneira a tornar os seus automoveis mais bellos e mais uteis.

Chrysler — nas suas ultimas criações — reconheceu que existem tantos gloriosos exemplos e inspirações na arte, na architectura e no estylo, que a obtenção de uma symetria exacta e harmoniosa pode ficar reduzida a um simples systema scientifico no qual os resultados sejam certos e invariaveis.

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA, S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

Os Dois Trens

O velho mestre falou.

Era esse instante indeciso do entardecer, em que se fundem os ultimos raios da luz do dia, com as primeiras sombras da noite, produzindo uma mescla indefinida de prazer e de tristeza.

Os frouxos raios que se reflectiam pelas janellas illuminavam, veladamente, o grupo esculptorico em que, por amor do milagre da arte, Ariel vencia uma vez mais a Calibam. O espirito se libertava da materia e ascendia ao céu do seu destino final e transcendente.

E Prospero falou. A sua voz era suave como o zephiro, que, nos poentes da Primavera, levantam, entre as flôres, um suave murmurio, porém, poderosa e distincta, ao mesmo tempo, como éco longinquo dos clarins, despertados em "do maior". Disse elle:

— "Não ignoro, nem pretendo negar que a vida, emquanto feito materia, tem duras exigencias, a cujo acatamento não podemos subtrahir-nos, e que não é precisamente por caminhos concordes com as affeições do nosso espirito e convenientes ao seu melhoramento que nos obriga a marchar de accordo com aquellas necessidades.

Nós outros recordaremos Cleanto, aquelle escravo philosopho, a quem os mais rudes e prolongados trabalhos não impediram que o seu espirito se deleitasse, uma serena hora, em cada dia, na contemplação da belleza, em busca da verdade.

Sem fazer de Marta um pretexto para dedicar-nos exclusivamente ao espiritual, nem por á nossa frente o eterno "passaro azul", que leva dentro de si todas as razões para tomar a vida difficil, temos de comprehender esta como a summula de todos os aspectos e pontos de vista, sob os quaes a viram aquelles que tentaram penetrar o seu sentido e arrancar o seu segredo."

E continúa o seu conto: — "Conheci, na minha mocidade, quando começava a febre de progresso que hoje devora o mundo, dois caixeiros viajantes que faziam frequentes viagens entre Paris e Berlim. Os trens eram bastante lentos, e, a despeito disso, paravam em todas as estações, de maneira que o trajecto levava muitas horas a ser feito.

Aquelles dos senhores que tiverem feito viagem muito longas, conhecem a sensação especial de grande desassocego que se experimenta em andar pouco, e faz com que se comece uma série de occupações, sem proseguir nenhuma dellas, até que a gente se resolva a não fazer nada. Fica-se a contemplar o que vae passando, ante os nossos olhos, como a inexpressiva linha da agua.

Aos nossos amigos succedia o mesmo. Estabeleciam palestras sobre varios assumptos: as familias, a politica, as brincadeiras de rapazes. Mas acabavam cansando, aborrecendo-se, e se punham a lêr. Pouco depois se aborreciam tambem. Por mais variado material que levassem, recorriam ao xadrez, e não passavam da primeira partida. Por ultimo, voltavam o rosto á formosa natureza, que os rodeava e, si bem que se fatigassem, tinham que ficar olhando pelas janellas quasi toda a viagem.

— Que lindo, não?

— Que maravilhoso!

— E' esplendido — diziam elles.

Assim, se foarm elles acostumando a considerar a visão da paizagem como algo integrante das suas proprias existencias. Acabaram amando aquelles valles e montanhas, que conheciam, como acontece sempre a todo homem.

E começaram, dentro em pouco, a perceber em cada nova viagem detalhes ignorados nos quadros já com elles familiarizados, pequenas obras magistraes da creação, a belleza, emfim das coisas.

Não pretendo dizer que com isso salvaram a sua alma, nem se fizeram subitamente artistas. Mas admitto que a sua rude sensibilidade se foi afinando; até tornal-os aptos para gostos estheticos, que antes desconheciam muito.

Pois bem. A narração ha de chegar ao seu fim... Annos mais tarde, foram inaugurados trens expressos que percorriam a grande distancia de Paris a Berlim em tres horas, não só sem parar, como tambem com uma velocidade que era ingenuidade querer admirar a paizagem que se via lá fóra. Aquillo era um torvelinho que não deixava quasi nem conversar, nem lêr, nem pensar.

Desde então, este trem se tornava muito conveniente para os nossos dois amigos, para quem na realidade o tempo era dinheiro.

Porém como o trem lento não foi supprimido, pois era necessario ás estações intermedias, deu-se o caso de que, emquanto um daquelles não queria saber senão do expresso, o outro, menos suggestionado pela "sagrada rêde de ouro" virgiliana, tomava, sim, esse trem, quando os seus interesses assim reclamavam. Do contrario, viajava no trem lento, "para contemplar a paizagem" — como dizia.

A intenção didactica e applicavel ao caso, está clara, e creio que a podeis acceitar como criterio normativo, neste ponto.

Quer dizer, quando as necessidades da vida vos obrigarem a isso, podeis sacrificar os gozos do espirito; de modo contrario, não!"

O velho mestre se calou. E emquanto os alumnos se approximavam, lentamente, da janella, o mais joven delles, — o mais romantico — disse em voz baixa, assignalando as brilhantes constellações que se iam destacando no céo.

— Cada estrella que se accende triumpha em nossa alma de uma obscuridade e de uma duvida. Cada nova luminária é uma resposta mais ao espiritual problema. Todas ellas parece que formaram o caminho caprichoso, porém certo, do prazer racional sobre a terra.

Conrado Eggers-Lecour

MAPPIM & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

100, OUVIDOR — Rio de Janeiro

FABRICANTES DA AFAMADA PRATA FRANCEZA O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE, O MAIS PROPRIO PARA TALHERES E SERVIÇO DE MESA

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Cuyabá .... 15 Junho
Bagé .... 30 Junho
Raul Soares ...... 15 Julho
Ruy Barbosa ...... 30 Julho
Cant. Guimarães.... 15 Agosto
Alte. Alexandrino... 30 Agosto
Cuyabá .... 15 Setemb.
Bagé .... 30 Setemb.
Raul Soares ...... 15 Outub.
Ruy Barbosa ...... 30 Outub.
Cant. Guimarães.... 15 Novemb.
Alte. Alexandrino... 30 Novemb.
Cuyabá .... 15 Dezemb.
Bagé .... 30 Dezemb.

NORTE

LINHA RIO - BELEM

Rodrigues Alves.... 7 Junho
Pará .... 14 Junho
Manáos .... 21 Junho
Cte. Ripper...... 28 Junho
João Alfredo...... 5 Julho
Rodrigues Alves.... 12 Julho
Pará .... 19 Julho
Manáos .... 26 Julho
Rodrigues Alves.... 2 Agosto
Pará .... 9 Agosto
Manáos .... 16 Agosto
Cte. Ripper ...... 23 Agosto
João Alfredo...... 30 Agosto

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Maranguape ...... 10 Junho
Duque de Caxias.... 25 Junho
Baependy ...... 10 Julho
Campos Salles...... 25 Julho
Affonso Penna...... 10 Agosto
Campos Salles...... 25 Agosto

LINHA SANTOS - BELEM

Alte. Jaceguay...... 20 Junho
Pedro II........ 4 Julho
Alte. Jaceguay...... 18 Julho
Pedro II........ 1 Agosto

LINHA RIO - RECIFE

Cte. Vasconcellos.... 30 Junho
Cte. Vasconcellos.... 30 Julho
Cte. Vasconcellos.... 30 Agosto

SUL

LINHA RIO - PORTO ALEGRE

Cte. Capella .... 6 Junho
Cte. Alvim .... 13 Junho
Cte. Alcidio .... 20 Junho
Cte. Capella .... 27 Junho
Cte. Alvim .... 4 Julho
Cte. Alcidio .... 11 Julho
Cte. Capella .... 18 Julho
Cte. Alvim .... 25 Julho
Cte. Alcidio .... 1 Agosto
Cte. Capella .... 8 Agosto
Cte. Alvim .... 15 Agosto
Cte. Alcidio .... 22 Agosto
Cte. Capella .... 29 Agosto

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Baependy .... 11 Junho
Campos Salles...... 26 Junho
Affonso Penna...... 11 Julho
Maranguape ...... 26 Julho
Duque de Caxias.... 11 Agosto
Baependy .... 26 Agosto

LINHA RIO - LAGUNA

Asp. Nascimento... 15 Junho
Asp. Nascimento... 30 Junho
Asp. Nascimento... 15 Julho
Asp. Nascimento... 30 Julho
Asp. Nascimento... 15 Agosto
Asp Nascimento... 30 Agosto

MODELO 62

Com este modelo de cinta de borracha pura em côr de carne, obtem-se forma impeccavel, perfeita elegancia mesmo nos corpos deformados pela obesidade ou excesso de gordura

Capas de borracha ultimo typo fantasia para senhoras.
Roupa para mergulhador
Privilegiadas.

Casa SCHAYÉ S. A.
Avenida Gomes Freire, 19 e 19 A
Tel. C 1074 — RIO DE JANEIRO

Patente n. 12511

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Quem quizer ter bôa pelle
Apanhando chuva ou sól,
E' fazer uso constante
Do sabonete **EUCALOL.**

Elsa Fernandes.

Rua Leite Ribeiro 87 — Nictheroy.

Amor em sociedade

De ANTONIA TRAVERSI

Na sala do telegrapho, em Roma. Victor Serralta, sentado deante de uma mesinha, redige um despacho.

Roberto D'Orea entra. Detem-se, assaltado por uma suspeita. Depois, tomando uma resolução avança e se acerca de Victor com ar desenvolto.

Roberto — Bons dias, Victor.

Victor — Oh, Roberto! Tu tambem por aqui? Vens trazer algum telegramma?

Roberto — Sim.

Victor — Ah! (*Olha Roberto, sorrindo*).

Roberto — (*Perspicaz*) — Por que sorries assim?

Victor — Por nada, homem! Nem eu saberia dizer-te por que..

Roberto — (*Como si houvesse adivinhado*) — Bôas! Não importa!

(*Olha a mesa*) — Não ha por ahi uma penna livre?

Victor — Si esperar meio minuto, cedo-te a minha.

Roberto — Obrigado.

(*Victor continua escrevendo Roberto, que está por traz delle, rendido pela curiosidade, se põe a ler o telegramma, já meio escripto. Victor se volta de repente, como si houvesse adivinhado o acto do seu amigo. E olha-o, dissimulando a sua contrariedade.*)

Victor — Que fazias?

Roberto — (*Confuso*) — Nada.

Victor — Não o negues, porque te apanhei em flagrante. Estavas lendo o meu telegramma.

Roberto — Enganas-te. Foi um movimento involuntario... inconciente...

Victor — Inconsciente? Maravilha-me deveras a tua falta de delicadeza.

Roberto (*Resoluto*) — E' inutil levantares a voz. Pensa o que quizeres. Sabes que respondo sempre pelos meus actos.

Victor (*Com fingida serenidade*) — Está bem! Antes de anoitecer receberás a visita dos meus padrinhos.

Roberto (*Seccamente*) — Está certo.

Victor (*Estalando numa ruidosa gargalhada*) — Ah, ah, ah... Mas tu não viste que estou brincando? Um telegramma reservado, comprehenderás que não me poria a escrevel-o aqui, neste logar, á vista de toda gente. Nesta sala fluctúa, permanentemente, o microbio de curiosidade... Li a tua, nos teus olhos, em seguida... Para estar seguro de que ella seria mais forte do que tu, como suspeitei, disse-te que aguardasses alguns momentos.

Roberto — Peço-te desculpas.

Victor — Não basta. Deves soffrer o castigo... a pena de Talião. Com isso, me evitarás que siga o teu exemplo. Mostra-me tu mesmo o teu telegramma.

Roberto — E' justo. E ultimamente não ha razão para que haja mysterios entre nós.

Victor — Seguramente. Aposta em como se trata de um despacho com resposta paga, como o meu.

Roberto — Tu o dissestes...

Victor — E com egual endereço... como terás notado: "Senhorita Yole Mauri — Roma — Theatro Variedades".

Victor — Então não preciso mais: imagino qual seja o texto.

Roberto — Um cumprimento e um beijo. A mesma coisa que tu lhe mandas. (*Tira do bolso um telegramma, e entrega-o a Victor*). Lê.

Victor (*Lendo*) — "Desolada separação, a tua Yole pensa em ti só. Envia-te affectuosissimo beijo. (*Sorri e tira do bolso um telegramma e entrega-o a Roberto.*)

Roberto — (*Lê*) — "Desolada separação, a tua Yale pensa em ti só. Envia-te affectuosissimos beijos". Uma copia!

Victor — Sim, senhor! Uma formula! Um cliché universal! Sabe Deus quantos affectuosissimos não terá ella enviado pelo telegrapho, esse anjinho papudo!

Roberto — Oh! Eu havia jurado que tabem tu... E sabes por que? Porque sempre ella me dizia que eras soberanamente antipathico.

Victor — Pela mesma razão havia eu jurado outro tanto de ti.

Roberto (*Depois de uma pausa*) — Dize-me a verdade: tiveste alguma entrevista com ella, no dia de sua partida?

Victor — Sim, ás duas horas.

Roberto — E eu ás quatro... E chegou tarde á cidade, desculpando-se que se havia entretido com a tia.

Victor — A tia era eu. E separou-se de mim dizendo que se ia despedir da sua cunhada. A cunhada eras tu.

Roberto — Isso mesmo.

Como vês, nossa parte — ella se torna um pouco embrulhada... como a dos deuses de Homero.

Roberto — Só uma cousa me doe na alma: é que ella pode julgar que nos tenha enganado.

Victor — Pois nós a desenganaremos em seguida, os dois.

Roberto — Como?

Victor — Respondendo-lhe juntos.

Roberto — Bella idéa!

Victor — Deixa essa tarefa commigo. (*Rasga o despacho que havia começado a redigir e escreve*): — "Senhorita Yole Mauri, Roma, Theatro Variedades — Agradecidissimos affectuosa recordação, pensando, juntos, em ti unicamente, devolvemos um beijo, recebido separado. — Victor e Roberto." (*Mostra o despacho a Roberto*) — Está bom assim?

Roberto — Pyramidal!

Victor — Queres que ponha o teu nome antes do meu?

Roberto (*sorrindo*) — Não tenho grande interesse.

Victor — Na realidade, eu tive a primazia... do dia, e deve corresponder-me a prioridade telegraphica.

Roberto — Tens razão. Os meus triumphos são os restos dos teus.

Victor (*Dirigindo-se ao guichet e entregando o telegramma ao empregado.*) — Sem resposta.

O empregado (*A Victor*) — Custa uma lira e quarenta.

Victor (*Paga depois, voltando-se para Roberto*) — E agora dá-me setenta centimos. A equidade exige que, nisto, como no resto, as cousas sejam feitas de sociedade.

Os Santos Reis

De Antonio Corton

Mamã — Que festa é a de terça-feira?

Pedrito — A adoração dos Santos Reis.

Mamã — Quem é que vae pôr os sapatinhos na janella?

Pedrito (fazendo-se de energico) — Não sei.

Mamã — Como?

Pedrito (heroico) — Os que põem o sapato na janella são os meninos burrinhos.

Mamã — Não quero que digas as palavras feias.

Pedrito — Os burrinhos!

Mamã — Si és mau, os Reis não virão.

Pedrito (esperando provocar um cataclysma com o que vae dizer) — Não ha reis.

Mamã — Homem! Homem! E então quem foi que te trouxe a bicycleta, o anno passado?

Pedrito — Foste tu!

Mamã — Eu?

Pedrito — Sim, tu o sabes bem Todas essas coisas são engodos que os paes contam aos meninos pequenos para que sejam bons.

Mamã (fitando assustada o seu filho) — Oh! (Vae á porta e chama) — Pedro!

Papá — Que ha?

Mamã — Vem vêr o teu filho! (Pedro apparece.)

(Pedrito começa a perceber que se mettera em um mau negocio. Porém comprehendendo ao mesmo tempo que já não é possivel retroceder, se retráe.)

Mamã — Diz que não crê nos Reis.

Papá — Faz mal! Eu os encontrei hontem. Falei com elles. Disseram-me que tinham um pacote grande, muito grande, para o menino que está comnosco.

Pedrito — Não. Tu não os encontraste, papá.

Papá — Sim. E a prova é que Melchior, o negro, levava na cabeça uma estrellinha muito brilhante, que se lhe havia ficado presa no cabello. (O menino vacilla. E' tão linda uma estrella!) Que? Não o crês?

Pedrito — Não. São os paes que trazem os brinquedos.

Papá — Aposto como foi o Carlitos, teu amigo, quem te disse isto.

Pedrito (mentindo sem saber por que) — Não.

Papá — Escuta, tôlo: os Reis se aborrecem com os meninos que não acreditam nelles, e não lhes dão presentes. Si tu não crês, não terás nada. Pensas bem!

Mamã — Pedrito dizia isso brincando. Elle crê. Não é verdade?

Pedrito — Não!

Papá — Então não terás nada. Que foi que me disse Melchior que te ia trazer? Já não me recordo. Creio que uma bola.

Mamã — Sim, tu me dizes... um globo dirigivel... me parece...

Papá — Sim, era isso. E mais outras coisas... Creio que um automovel e um Congresso muito agitado. Mas não estou certo.

(O menino, com os seus grandes olhos muito abertos, reflexiona profundamente, observando como mentem seus paes.)

II

No leito conjugal:

Papá (orgulhoso) — Que te parece? Ouviste? E' já um homenzinho.

Mamã (melancolica) — Sim.

Papá — A este ninguem enganará. Não achas?

Mamã — Com effeito!

Papá — Ouviste o que elle disse? "São os paes que trazem os presentes..." Que lindo!

Mamã — E si soubesses o que elle me disse antes de chegares...

Papá — Conta, conta!...

Mamã — Disse-me elle: "Todas essas coisas são mentiras"...

Papá — Não é possivel!

Mamã — Sim.

Papá (rindo) — Todas essas coisas são mentiras...' (Muito sério) Creio que ha de ser isto... Ma tens os pés gelados.

Mamã — Sim, sinto frio.

Papá — E' natural! Já não é um menino. Dentro de dez annos já estará namorando.

Mamã — Oh!

Papá — Eu aos dezoito annos...

Mamã — Cala-te!

Papá — Aquella que o prender na sua rêde terá que ser muito esperta.

Mamã — Não falemos nisso.

Papá — Por que não? Já é um jovenzinho... Não te parece?

Mamã — Ainda não.

Papá — Sim, é já um homemzinho. E nelle se adivinha certa independencia de caracter.

Mamã — Oh!

Papá — Honradez e um pouco de orgulho.

Mamã — No que foi que o notaste?

Papá — Si fôsse embusteiro e hypocrita, em vez de renunciar os presentes, teria apparentado acreditar nessas historias. Porque o pobre com o seu "Congresso", que illusão não teria? A sua carta dirigida aos Reis... deliciosa!

Mamã — Agora não voltará a escrever-lhes.

Papá — Olha aqui, entre nós, estas burlas haviam durado muito tempo. Ademais, não sei com que direito se enganam as creanças.

Mamã — Si ellas se julgam tão ditosas.

Papá — Sim, até certa idade não é mau. Mas isso de acostumar as creanças a acreditarem em coisas sobrenaturaes... E' assim na infancia como se formam os prejuizos. Mais tarde, estão perdidos...

III

Mamã, que por fim se zangou, e não quer mais discutir, trata de reconciliar o somno. Passam dez minutos e já dorme em paz e na ventura da maternidade. Papá, no entanto, não consegue dormir. Não está tranquilla a sua consciencia. A verdade é que elle não encontrou o bom Melchior... Melchior! *(Boceja)* Por que será que, entre os Reis, os meninos preferem o Melchior? Enganar a um menino não é correcto. Melchior, Baspar e Balthasar não existiram nunca. Recorda *(e volta a bocejar)* os seus livros de livre pensador: os portadores da myrrha, os dos diamantes, são personagens creados pela credulidade inventiva dos povos orientaes...

Mas não quer que o seu filho dê um philosopho.

Pedrito, no entanto, na sua cama, no quarto contiguo, está em vigilia.

Levanta-se do leito e vae abir uma grande mala onde estão varios brinquedos para elle: um balão dirigivel, um automovel, um boneco... Mas ouve o pae remexer-se no quarto. Corre para o seu, de ponta de pé, e deita-se fazendo este juizo:

— Que tôlo que é o papá!

TOSSE
BROM

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 23

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1929.

UM FIDALGO DO PENSAMENTO

A obra de Aloysio de Castro é toda feita de subtilezas e emoções. Artista sincero, a sua obra literaria tinha que reflectir, forçosamente, a subtileza e a emoção de sua propria alma deslumbrada deante do espectaculo magnifico da vida.

Aloysio de Castro é um fidalgo do pensamento. Tudo nelle é nobreza espiritual, é serenidade, é doçura, é refinamento moral. Tudo nelle encanta. Porque esse artista de uma porção de artes — esse artista suave tem a silenciosa fascinação das attitudes e a sonora simplicidade das palavras. Seu espirito christão, seu grande espirito singelo sabe medir os homens pelo valor imponderavel do caracter e nunca se impressiona deante da seducção material de uma figura humana. Todos merecem delle a mesma consideração e o mesmo gesto amavel de cortezia. Esse, o traço caracteristico do seu perfil moral. Traço que se denuncia, luminosamente, nessa tão serena expressão physica que é o segredo da sua sympathia. Nunca Aloysio de Castro teve uma palavra de desillusão ou de orgulho para quem o procurasse. Attende a todos na mesma igualdade humana e com o mesmo sorriso captivante e affavel. Medico illustre, com uma preciosa herança de sciencia, que aprimorou as suas tendencias intellectuaes; escriptor, academico, professor, musicista, administrador, sob qualquer um desses aspectos da sua multipla actividade, ou sob qualquer uma das facetas da sua intelligencia, elle é sempre o mesmo homem, simples, bom, accessivel e, sobretudo, profundamente sincero. Quem o conhece, como eu, não póde deixar de render-lhe um alto culto de admiração, e quem o não conhece seria injusto, seria quasi sacrilego si lhe negasse as qualidades que o seu mundo intimo venera e que ninguem seria capaz de obscurecer. E' que Aloysio de Castro se impõe aos movimentos mais subtis da nossa alma.

Aloysio de Castro.

Sua physionomia intellectual está em harmonia com a sua finura pessoal. A elle se poderia applicar o velho preceito dannunziano: *A vida do homem deve ter a perfeição de uma obra de arte* — que tão bem symboliza a maneira de ser desse mago das bellas letras. Aloysio de Castro tem uma sensibilidade delicada e uma alma lyrica de poeta. E, escrevendo prosa ou verso, ou animando um trecho amargo de Chopin — seu musico predilecto — é sempre o mesmo artista subtil, o mesmo estheta do sentimento e da emoção.

*

Lendo o ultimo livro de Aloysio de Castro — um livro de versos, que é um rythmo de suavidades sentimentaes — eu fiquei conhecendo outra feição do espirito desse aristocrata do pensamento. Uma feição nova, aliás, apenas para quem só estava familiarizado com o sabor classico das suas rimas de contemplativo e com a pureza claustral do seu estylo manso de prosador.

Aloysio de Castro é, nesses seus *Carmes* romanticos, que tanto nos enternecem, um poeta de inspiração melancolica e temperamento sentimental. Um poeta que canta a belleza da vida na exaltação do amor. Aliás, não se póde comprehender poesia sem amor. Não se póde comprehender poesia sem a doce influencia do coração.

A de Aloysio de Castro é uma poesia delicada, finissima, aristocratica, enternecida e singela. E' toda sentimento. E' poesia. Poesia de um fidalgo do pensamento.

MARTINS CAPISTRANO

SCENA NOCTURNA

O gallo minórca lá de casa é um maganf.o farrista, amante de serenatas...

A' noite, quando as estrellas tremeluzem no infinito, em vez de ir dormir calma e tranquillamente no seu poleiro, a sonhar com as gallinhas que gostam delle, o bicharoco posta-se no muro baixo que separa o jardim do quintal — mesmo sob a janella do meu quarto...

E dalli, de quarto em quarto d'hora, bate azas com fragor e canta sentido a sua cantiga, acordando o silencio nocturno.

* * *

Hontem, houve serenata lá na rua da minha casa. Tarde da noite. Um violino amarguradamente desafinado, a brigar com um violão de maus bofes, que o acompanhava contrafeito...

Fuem, fuin, fuomm...

Tim, tim, tum... tim, tim, tom...

O gallo minórca não gostou da concorrencia...

O privilegio da harmonia á noite, lá daquellas bandas, sempre foi proprio delle: — delle só, de mais ninguem...

Não gostou da brincadeira...

E, encarapitado na crista do muro, protestou, num bater d'azas violento...

Violino e violão, sem solução de continuidade, persistiam em machucar o silencio que dormitava na rua...

Ouviu-se, então, autoritaria e sonora, a voz do gallo. E parecia dizer:

— *Par'o barunulho!... Par'o barunulho!!...*

MUCIO DE CASTRO SERRA.

AS JOIAS QUE EU DESEJARIA...

Meu amor. Eu amo as joias scintillantes, as joias que deslumbram, as joias que encantam, quer sejam obra do homem ou de Deus.

Amo um lindo bracelete de brilhantes como amo uma constellação, um ramo de violetas, um bom sorriso, uma musica suave...

Amo as joias como requintes de arte, mimos emotivos que me fazem sorrir, sonhar, e extasiam meu ser.

Sinto-me tão bem com um lindo collar de perolas, mesmo falsas, dois lindos anneis, e, principalmente, as suggestivas pulseiras que tão bem symbolizam a natureza humilde, e, entretanto, tão elevada da mulher!

Mas eu me despojaria de todas as joias que uso, mesmo as mais caras, se tanto fosse preciso para que me désses, emfim, a joia rara e linda do teu amor!... A joia ideal do teu beijo!... Oh! A joia incomparavel, a joia unica, a joia divina do teu beijo!... Dá-m'a! Vem depôr no meu pescoço, num fio tecido do teu sorriso, as perolas emotivas dos teus beijos!

Não quero outro collar!

Vem pôr nos pequeninos furos das minhas orelhas os brincos maravilhosos dos teus beijos! Vem! Eu nunca mais desejarei outros brincos! Vem agrilhoar meus pulsos frageis e redondos com as escravas mansas dos teus beijos! Vem! Eu quero ser escrava do teu beijo!... Vem! Afoga-me no mar sereno e lindo do teu carinho, ainda que seja pela primeira e ultima vez!... Que joia linda o teu beijo!...

Baroneza de Brancciori.

O ministro da Polonia, dr. Th. Grabowski, convidou, na noite de sabbado ultimo, algumas pessoas de destaque em nossos circulos sociaes e diplomáticos para ouvirem, na séde da legação, uma audição do grande pianista Friedman.

O embaixador do Chile e exma. sra. Irarrazaval Zañartú offereceram, sabbado passado, uma recepção em honra do embaixador dos Estados Unidos, sr. Edwin Morgan, e do ministro do Perú e exma. sra. Victor Maurtua. Motivou essa homenagem do diplomata chileno aos seus dois illustres collegas o recente accordo que poz termo á velha questão de Tacna e Arica.

MULHERES NU'AS

A nudez da moda ou em moda, como queiram, começa a preoccupar o mundo.

Ha um movimento collectivo em marcha, no sentido de combater a nudez, onde quer que ella appareça, na rua, nos salões, no theatro.

A mulher, entretanto, continua a enfrentar a onda moralista, desnudando-se cada vez mais.

E' uma especie de jogo innocente... com o proposito unico de se tornarem bellas, nada mais, dizem ellas...

E' descaramento, despudor, replicam os adeptos da Moral.

Até o Papa fulmina, com a sua palavra santa, a desenvoltura dos costumes da mulher moderna, ameaçando-a dos horrores do Inferno, porém, tudo em pura perda.

Só o diluvio.

Figuras da nossa alta sociedade, membros do governo e do corpo diplomatico presentes á recepção de sabbado, na embaixada do Chile.

A Aloysio de Castro

I

E' necessario crêr para ser forte,
E' necessario amar para vencer:
— Ama e crê! Vive e sonha! pouco importe
Jamais se te revele o amado Ser.

E' preciso que, um dia, quando a Morte
Em tua fronte pallida bater,
A suprema alegria te conforte
Com um sorriso de mystico prazer.

Leva comtigo a força da esperança,
A chamma da Illusão, que se não cansa
De ascender para o Além, firme, de pé!

E penetra o Mysterio, que te invade,
Com o coração florindo de bondade,
Pela porta de Luz da tua Fé...

II

Homem, não fies do teu valor, e pensa
Que, por mais que te eleves na conquista
Da Luz que gera a Perfeição e a Crença,
Ella, por ti, jamais ha-de ser vista!

Podes vencer o Espaço, a força immensa
Da Materia domar: — a tua vista
Sempre, na treva, encontrará detença
Ao Sonho que te exalta e te contrista!

Na Terra, em vão, has-de tentar, da Vida,
Indagar por que soffres, por que gozas!
E, si os Céus interrogas, em seguida,

Apenas ouvirás, sem comprehendê-las,
Na magia das noites mysteriosas,
As vozes sibyllinas das estrellas...

Beni Carvalho

E VANIDADE...

OS LIVROS E AS MULHERES

NESTE domingo cheio de sol, de um sol tão bonito, que parece feito de harmonias, de notas coloridas — do, ré, mi, fá, sol, la, si, — de todas as nuances, eu não me dou ao doce prazer de ir para a rua. Que faço? Leio e trabalho. Leio e escrevo. Quando me sinto cansado de escrever, chego até a janella, vejo a rua e o sol, ólho as mulheres lindas, que passam, umas, isoladas, outras na communhão feliz de uma vida vivida a dois, e volto ao meu gabinete de estudo. E leio — leio de novo — voluptuosamente.

* * *

Ali está a minha modesta estante de pau ordinario — de peroba. Os livros não são numerosos. Talvez umas cinco ou seis centenas de volumes — afóra o que se accumula nos caixotes, nos recantos da casa, no porão, etc. Não sendo muito, é claro que os livros que possuo são de autores escolhidos. Escolhidos pelo meu gosto, adquiridos com meu dinheiro, e com os dos outros; — os livros que recebo de presente (Aliás estes não são em grande numero, digamol-o de passagem...)

* * *

Posso negar, ao acaso, esse volume, que alli está, n'uma edição de Calman-Levy, de Paris, ou aquelle outro n'uma de Cabaut y Cia., de Buenos Aires, n'uma de "Alpes", de Milão, ou n'uma da Livraria Alves — porque representa um autor digno da minha estante barata.

Quem serão elles? D'Annunzio. Anatole France, Gaston Figueira, Austregesilo...

Como vêem, são escriptores illustres.

Mas entre esses ha alguns — falemos a verdade — que me são offerecidos com muito bôa vontade, mas através de uma escolha infeliz, de um máu gosto deploravel. Por esse motivo, não é que os vá alijar das minhas prateleiras, "Jamais de la vie!"

Guardo-os todos com o mesmo carinho e attenção. Si não me agradam, não me interessam pela sua essencia, nem por isso é que deixam de ser bem queridos por mim, pelo que representam de estimação e sentimentalidade: são lembranças amaveis de criaturas amigas e gentis. E muitas já passaram...

— Contemplando-os, porém, expostos alli, na sua decoratividade inutil, não me posso furtar a um parallelo que me parece muito razoavel.

Ha livros bonitos, bem encadernados, — papel Buffon, velin du Marais, "papier alfa tranches dorées", luxuosos, riquissimos, caros, muito caros — que se assemelham a certas "jeunes filles". Estas se enfeitam, procuram exhibir-se, fazer-se notar — por todos os meios reclamisticos — e, no emtanto, não encontram o noivo que esperam. O seu "prince charmant". Os annos passam. Ellas continuam a ostentar o mesmo luxo notavel e irritante. Mas o noivo não apparece. Não chega como tambem não tenho coragem de abrir aquelles livros bonitos, que alli estão, na minha estante, como um simples motivo ornamental.

Para que abril-os com a minha espatula de osso ou celluloide, si estou certo de que não encontrarei nelles a leitura que me interessa? Por fóra, são livros lindos, adornam a minha estante, e fazem bella figura ao lado dos in-folios, das brochuras antigas, ensebadas, que representam a maravilha de um seculo de existencia; mas dentro, que têm elles de precioso? Nada. Banaes, irritam pela natureza do assumpto.

SENHORA Théo-Filho, esposa do romancista illustre de «Praia de Ipanema» e figura que se impõe em nossa alta sociedade pela sua distincção e pelo seu «charme» pessoal.

São assim certas "jeunes filles" muito bonitas, muito caras, pelas suas joias, mas que não interessam pelo resto. E como as obras — coitadinhas! — ellas vão envelhecendo sem encontrar quem lhes folheie as paginas do coração...

CHARLA — De Yves — Naquella roda fina e elegante, madame, que é ainda uma boneca de biscuit, declarou: "Até os trinta annos o homem é ousado e destemido. E' capaz de todos os desatinos. Depois disso, elle começa a reflectir, a medir o perigo, a pesar as consequencias, a prever o futuro. E retrae-se. E resguarda-se com cautela meticulosa..."

Assim falou madame, com o seu sorriso perverso de boneca bonita e de mulher observadora...

Si madame me tivesse pedido a minha opinião, eu lhe diria, n'um ambiente propicio e conveniente:

"Madame. E' verdade que o homem é mais audacioso antes de chegar aos trinta annos. Depois elle começa a reflectir com mais calma. Mas obedece, tão somente, ás leis naturaes do amôr.

Aos vinte e poucos annos, a sua vitalidade, as suas energias physicas estão em plena exuberancia. As suas faculdades sensoriaes ainda não estão perfeitamente trabalhadas e, ademais, ainda não ganhou a experiencia que só a sazão da vida dá ao homem.

Nos prelios do amôr elle só obtem victorias iterativas. Não é colhido pelos desenganos de um fracasso.

Só á medida que vae vivendo e vae exhaurindo a fonte da sua mocidade é que vae comprehendendo melhor as coisas que o rodeiam e acceitando as exigencias que lhe impõe o seu instincto de conservação.

Isso, sob o ponto de vista phisio-psychologico.

Ha ainda o lado artistico da vida que é necessario encarar.

Vejamos como é que o encaro.

Sedento de amôr e de prazeres, até os trinta annos, o homem é pouco exigente. Nessa época, é que melhor se lhe applica o proverbio: "Tudo que cáe na rêde é peixe." E assim é.

Mas depois, elle começa a tornar-se mais exigente. Um pouco *blasé*, fatigado de uns tantos excessos e desregramentos, percebe que não vale a pena correr atraz de certas illusões... Elle sabe que as illusões se desfazem como a neve ao sol e como a fumaça ao sôpro insolito do vento.

E isso que é reflexão, ponderação, e mêdo das consequencias, é apenas uma especie de fastio de um *menu* que se repete, diariamente, á sua mesa.

O que deseja é uma novidade nesse velho capitulo do amôr — desse amôr que, não tendo mysterios para elle, nem segredos attraentes, guarda, sempre, um pouco de seducção que elle ainda não conhece e só com grande esforço é que poderá encontrar.

Numa palavra, madame: antes dos trinta annos a mulher não precisa de agradar ao homem para que se veja cortejada por elle; depois dos trinta, é mistér que ella saiba agradar-lhe, desorienta-lo e seduzil-o. Antes dos trinta, serve-lhe toda mulher que seja só mulher; depois dos trinta, é indispensavel que ella seja mulher-vampiro...

De resto, para que fazer calculos, estudar a maneira de amar e de ser, dentro do amor?

"Tout est mystére dans l'amour" — disse La Fontaine".

Assim é que eu falaria a madame — si madame, naquella roda fina, tivesse pedido a minha opinião...

A senhorita Lygia de Alencar Piedade é de Curityba e é sonhadora e formosa como as filhas da terra loira dos trigaes...

ESTRELLINHAS — De Yves — Discutia-se o valor da verdade em face da mentira — e vice-versa. Na roda de senhoras e cavalheiros, todos intellectuaes, cada um formava a sua opinião a respeito. Havia quem dissesse que a verdade não existe. Este era um lido em Kant, para quem tudo era illusão e apparencia. Outro affirmava que tanto a verdade como a mentira eram necessarias á vida. Era um leitor de Max Nordau, nas *Mentiras convencionaes*. Uma senhora, mettida a original, e fanatica de Oscar Wilde, declarou, num paradoxo de terceira classe: "A verdade mais palpavel é a mais illusoria das mentiras."

— Bravos! — apoiou alguem.

— Isso é paradoxo! — salientou-se uma melindrosa espevitada e dynamica.

— O conceito é acceitavel como *blague!* — admittiu um poeta modernista.

Foi nessa altura que o escriptor grisalho e de monoculo, um tanto ironico, á maneira do Eça, deu a sua opinião. O homem falou:

— Permitte que lhes conte um episodio?

Todos mostraram interesse em ouvil-o. Pois não. Contasse. Seria ouvido com attenção.

O escriptor ironico começou:

— Tive um amigo, moço rico, que tinha necessidade de viajar sempre para a Europa. Um mez aqui e outro no Velho Mundo. Casado com uma joven leviana, elle tinha, no entanto, uma céga confiança na esposa. Esta, porém, não procedia bem. Uma occasião, elle teve uma denuncia, a proposito da conducta da mulher. Havia dois encarregados de vigial-a: um era eu; o outro era um vizinho delle.

O meu amigo, indignado, pensou numa *revanche*. Mas não se precipitou: convocou a mim e ao outro para uma reunião secreta. Fomos os dois. Perguntou-me, em primeiro logar, o que eu sabia de real sobre o procedimento da esposa. Ora, eu sabia que si era verdadeira a denuncia. Mas pensei que si confirmasse, iria concorrer para a desgraça de ambos. E neguei tudo.

— "A tua esposa é victima de uma infamia. Não é verdade o que dizem sobre ella."

O meu amigo ficou enternecido. Mas o outro, seu vizinho, esclareceu a questão. Contou a terrivel verdade com todos os seus detalhes.

— "A tua mulher não procede bem. E' verdade o que se diz della."

O marido enganado, sem attender aos meus instantes pedidos, atirou-se para casa. Quiz matar a adultera. Mas lembrou-se de que era uma loucura um homem sacrificar a sua liberdade por uma mulher leviana. Expulsou-a do lar.

— E depois? — alguem da roda perguntou.

— Brigou com o vizinho e ficou meu amigo. Disse-me elle:

— "O meu verdadeiro amigo és tu, que, proferindo uma mentira, me deste a illusão de uma verdade consoladora. O outro, desejando ser verdadeiro, me deixou na duvida de uma mentira cruel."

CLARO-ESCURO — Querer é poder. O conceito já ganhou fóros de axioma.

Assim, á primeira vista, a gente tem a impressão de que, na verdade, tudo que desejamos, podemos realizar. Querer é poder. Pelo menos quanto ás pequenas coisas que se collocam á nossa mão. E as difficeis e as que se nos auguram impossiveis?

Ah, essas não, dizem os philosophos. Ha um relativismo entre o desejo, entre a vontade e a possibilidade de realização das coisas que nos seduzem.

Mas, senhores, mesmo sem philosophia, mesmo sem pretender enunciar coisas graves e profundas, é facil vêr que as pequenas coisas, as coisas faceis, estão muitas vezes, para o querer, na razão directa das difficeis.

Vejamos si não é assim.

Querem os exemplos? Oh, os exemplos são faceis. Ahi está uma coisa que se enquadra na ordem das que, basta querer, para que sejam realizadas: um exemplo.

Supponhamos que os senhores estão muito calmos, ahi, no seu logar. Vem um cavalheiro estranho, e lhes faz uma injustiça. Ora, era facil querer ficar calado e soffrer tudo como Job — ou como Christo, que levou uma bofetada numa face e offereceu a outra para um novo insulto. Duvido que os senhores soffram a injustiça sem um protesto. Duvido!

No entanto, esse querer seria tão facil aos meus amigos.

Outro exemplo: os senhores vão passando por aqui. Supponhamos que estamos na Avenida. Passa uma linda melindrosa. Um "amorzinho". Uma creatura do "outro mundo"... Os senhores dizem, por exemplo (outro exemplo):

— Bellezinha...

Ella ri. Os senhores insistem:

— Podemos acompanhal-a?

E ella, diabolica de seducção:

— Podem, sim.

Vê-se que os senhores bem podiam querer não seguir a pequena. Mas eu juro que os senhores não haviam de querer deixar passar a occasião...

Emfim, ha tanta coisa facil na vida, que a gente podia querer e, no entanto, não consegue dispôr do seu livre arbitrio.

Querem mais um exemplo? Eu hoje podia deixar de escrever esta nota. Seria facil. Nem os senhores ficariam amolados commigo, nem eu teria a cacetação de escrever tanto, tanto, para, no fim de contas, a terra continuar a gyrar em torno ao sol — como si nada tivesse acontecido.

Eu podia querer tudo.

Queria — mas não posso.

E seria tão facil...

OS HOMENS... AS MULHERES — Por que é que o senhor fala sempre nella, com tanto desespero?

— Nella, quem?

— Nora.

NÃO é uma tela do Louvre, ou mesmo dos «salons» da nossa Escola de Bellas Artes. E' apenas a photographia artística de uma dama do nosso «grand-monde», — Mme. Zila do Amaral Nogueira — e na qual o engenho do photographo se confunde com a graça, a elegancia e os requintes de finura da silhueta que apparece nella. O «décor», o fundo da photographia revela um artista de «élite»; o motivo impressiona pela phrase que se pode perpetrar: «A luz radiosa de um sorriso brilhante á sombra discreta de uma «sombrinha»...

— Mas eu não falo nella, mlle. X...

— Como não fala? O senhor não fala, convenho, mas escreve, que é um modo de falar, publicamente, sem reserva. E' peor.

Reflecti nas palavras de mlle. X... Ella serviu-me o chá côr de ouro — ouro liquido, como diria um chronista mundano, empregando o logar-commum das elegancias — numa porcelana da China, legitima. O liquido fumegou, e a fumaça bailou no ar ao compasso da volubilidade do vento. Ella serviu a sua chavena.

Murmurei com displicencia:

— A fumaça das minhas illusões...

Mlle. X... acudiu:

— Não disfarce, doutor. Vamos! Por que fala tanto em Nora, si diz que não a ama e que não a deseja vêr? E eu calmamente:

— Sabe, mademoiselle? Nós, quando rompemos em amôr, fazemos todas as promessas e todos os propositos, sem nos occorrer que o mais difficil não é romper, e sim enfrentar as consequencias da ruptura.

— Muito bem. Estou de accordo. Quer isso dizer que...

— Que si nós affirmamos: "Não quero vêl-a mais. Está tudo acabado!" é como si dissessemos: "Quero vêl-a a todo instante. Ella vae ser, de hoje em deante, uma obsessão para mim."

— Mme. Stael, si não me engano, disse que tentar esquecer a pessôa que se ama é relembral-a com maior insistencia. Adeante, doutor.

— Não tenho mais que dizer. Está dito tudo. O esquecimento é um phenomeno psychico que se opera por si mesmo. Sáe do consciente para viver no sub-consciente.

Um silencio. Ambos tomámos um novo gole de chá. Continuei:

— No caso de Nora, o que ha de peor é que não a procuro esquecer porque me enfastiasse della; é porque não desejo soffrer, toda vez que a recordo.

— O tempo realizará a sua obra de piedade.

— Sim, só com o tempo é que se esquece o amôr que encheu a nossa vida de sonhos e esplendores. Mas daqui até lá...

— E' preciso dar tempo ao tempo...

— E' preciso soffrer a recordação dolorosa de revel-a, na memoria, como no dia da sua traição apoucante.

— Que são as noivas, hein?

— E' — disse eu — mas ha um bom meio de esquecel-as.

— Qual é, doutor?

— Trail-as com outras.

Mademoiselle tomou o ultimo gole de chá, e respondeu:

— Felizmente ainda não sou noiva.

PIEGUICE — Eu hoje não estou nem triste, nem alegre. Tristes estamos nós quando achamos que o mundo não está bem feito e que a justiça divina não foi bem distribuida, só porque não encontramos razões para umas certas satisfações — pingos de luz na tréva permanente da dôr humana. Alegres estamos nós quando achamos que a vida é magnifica, é um poema feito de sol e de musicas; feito de sonhos e horas côr de rosa; feito das coisas bellas que imaginamos e vemos concretizadas, corporificadas, realizadas, deante dos nossos olhos risonhos e felizes.

Eu hoje estou assim n'um estado neutro de espirito — em que tudo me apparece na ordem em que deve estar.

Si ha alegrias e tristezas, venturas e desventuras, é que estas são dapendentes daquellas. Logo, nós, que somos mutaveis e susceptiveis de modificações alarmantes, não podemos achar que a vida está direita ou torta, só porque podemos estar alegres ou tristes.

Tudo está como deve estar. Deus escreve direito por linhas tortas...

De modo que eu, um lutador terrivel, tenaz, impenitente, anti-conformista, estou hoje de pleno accordo com tudo o que acontece.

Si o sol cahisse lá do alto, — subvertendo as leis do equilibrio dos corpos celestes — e morressemos torrados, como amendoim, o meu ultimo gesto seria louvar o astro-rei: "Bemdito sejas ó sol! Andas muito bem! Até lá, no outro mundo!"

De sorte que posso falar serenamente — "sans reproche et sans rancune".

Mas, francamente, eu hoje estou nesse estado quasi budhico, de insensibilidade fakirica, porque me recordo da felicidade que perdi.

Ha felicidades que passam como um furacão destroçador de tudo que sonhamos.

Aqui está um rosal, um jardim cheio de fructos dourados e de flôres como o das Hesperides. Dentro delle está aquelle

casal feliz que, pela primeira vez, troca o seu beijo de amôr. Esse beijo é quasi tragico. Tragico porque, sendo uma vibração de vida, uma fusão louca e demonstrativa de exuberancia vital, tem o gosto da morte. A morte de quê? Do amôr.

Pois imagina tu, amôr, e tu, criatura pallida e suave, como as chimeras dos poetas... Imagina. nós somos esses dois séres em communhão de affecto. De repente, essa felicidade passa, passa como um furacão, e todos os meus sonhos, os meus ideaes, as minhas fantasias são destroçados para sempre... Para sempre!

A felicidade foi breve. Durou a vida breve de um beijo... Mas quando passou, levou tudo de roldão deante de si, destroçando o nosso jardim das Hesperides...

SUPPLICA

Eu te peço... é melhor... que não me escrevas mais.
Attende, por piedade, e não me escrevas, não!
Porque, no fundo, é um mal, que inda amarga os [meus ais.
Cada cartinha tua a encher-me de emoção.

E' um mal... porque me lembra o que tento esquecer.
E' um mal... porque interrompe esta serenidade.
E' um mal... porque me faz, sempre e sempre, rever
o passado feliz, despertando a saudade.

Saudades desse amor que, bem vês, não morreu,
De teu suave carinho e esse doce quebranto.
Saudades de teu beijo e tudo quanto é teu...
Saudades do teu riso e mesmo do teu pranto.

Eu te imploro..... E' melhor... Não, não me escre- [vas mais!
Tua palavra morde um mundo de saudade
Do tempo que passou e não volta jámais
E quem sabe si até era a felicidade!

Saudades da alegria alvoroçada e doce
Com que vinhas, ansiosa, em meus braços cahir...
Saudades da tristeza em que sempre te trouxe
Até junto da porta, á hora de partir.

Saudades immortaes de ti que tanto amei,
Saudades, afinal, de mim que mudei tanto...
Saudades da ventura immensa em que passei,
Outrora, pela vida, entre flôres e encanto.

Saudades do que fui e nunca mais serei,
Saudades do que foi meu triste coração...
Saudades tão crueis do que fui, do que amei...
Eu te peço!... Tem pena... e não me escrevas não!

PAULO GUSTAVO.

O MULHER CHIC — Uma linda pose, num «ensemble rose», para o inverno. E' mlle. X...,
num modelo de Jean Patou.
(Photo Luigi Diaz — Especial para o FON-FON).

A pequenina Rainha da mocidade do Ceará

Mlle. Stellinha Bezerra, «Rainha dos Estudantes do Ceará».

* * *

(Para "FON-FON")

EM uma casinha pobre, de porta e janella, tendo ao fundo um jardinzito de tinhorões, situada no bairro do Outeiro, reside Stellinha Bezerra, a pequenina "rainha" dos estudantes da terra de Alencar...

Elles a quizeram assim — linda, intelligente e pobre — e deram-lhe o reino da Mocidade, a ella que já possuia o reino da Bondade no proprio coração.

Porque o coração de Stellinha Bezerra é igual ao coração de todas as mulheres do Ceará: cheio de graças e cheio de amor...

Toda a fragilidade encantadora da sua silhueta pequenina, toda a doçura que baila no seu sorriso, a sonoridade da sua voz um pouco rouca, eu vi desapparecer, como por encanto, para surgir a mulher nortista — mulher acção e pensamento — no momento em que a sua terra martyr implorava aos seus filhos o grito de revolta contra a onda de lama da politicagem que a invadia, emquanto a terra morena dos sertões famintos era calcada pela alpercata do cangaceirismo!

Pelas ruas de Fortaleza, no seu vestidinho branco, os cabellos presos dentro do chapéozinho vermelho, ella passa espalhando o sol do seu sorriso bom...

No dia 1º. de Maio, emquanto o Ceará erguia uma estatua a Alencar, a juventude da "terra da luz" corôava "Iracema" na figura de Stellinha Bezerra...

FORTALEZA — CEARA'.

Suzana de Alencar Guimarães

NEM SIM, NEM NÃO

O theatrinho está vazio. Attenção! O panno vae subir... Dentro de você... Sómente para você... Imagine o scenario. Por exemplo:

"Smoking-room". Ambiente tibio, penumbra, commodidades, luxo, tom gosto. No centro da scena uma mesa baixa coberta por um trapo grenat bordado á prata. Brilhos de crystal facetado: "cocktail", cigarros turcos, um livro que apenas se principiou a lêr... A' esquerda, um Maple. A' direita, um reposteiro de veludo verde garrafa. Musica em surdina... Como, porém, exijo que não entrem em scena mais do que dois personagens, você tem que se conformar com um radio ou uma victrola. Falta o perfume... "Si tu volais" de Janey? ou "tabac blond" de Caron? E' escolher...

Si ao contrario, você em vez da educada intimidade d'esse ambiente, preferir a vida ao ar livre... Veja commigo: Amanhecer rosicler, sportivo, são, aspero, secco, communicativo, e natural. "Maillots" "pullovers", camaradagem, liberdade, campeonatos e alegria collectiva. Rumor, muito rumor.

—

Elle e ella.

Elle — trinta annos. Homem.

Ella — Quasi vinte. Menina.

— Laura!

— Rogério!

— Não te afastes de mim. Os teus olhos me fazem feliz...

— Por que?

— Elles acordam em mim uma porção de saudades... Assim como quem desfolha uma rosa... pétala por pétala... Saudades de amores e desejos que nunca tive... de beijos exaltados que nunca passaram pela minha bocca... Não

— Os meus olhos não são bonitos... [illegible]

— Gosto do teu olhar.

— Sou quasi feia...

— Tens uma alma...

— Oh! Falas da alma no tempo de hoje? Crês [illegible] ventura nas milagres de São Francisco de Assis?...

— Creio em tudo. Pequenina. Até no amor, eu creio.

— Então por que não fazes delle um triumpho? Venceste. Eu te amo. Comtigo sou feliz. Comtigo quero repartir a minha felicidade. O' Rogério, não comprehendo essa timidez, esse olhar nervoso... [illegible] chama perto de mim... Tu des e tremes como a alma das crianças deslumbradas com as magias de Merlin!

— O amor é assim... contradictorio, inconsciente e soberano. Alma de [illegible] corôa de espinhos. Vivendo de esperança, espera a morte na realização. Ha um anno, quando te confessei que não acreditava no amor, já prévia o meu destino fechado nas tuas mãos. Tinha medo de soffrer. Quero-te assim. Não dizendo a ninguem que te quero muito. Amar na esperança. Na duvida. Na espectativa dolorosa de uma grande alegria. Os teus olhos nos meus olhos promettendo aquelle beijo que tarda... Gostosa tortura do amor incomprehendido que sonha a realização de um sonho que jamais deveria ser realizado... Comprehendes? Quando te perguntar: "Amas-me?", Dize, pequena: "Talvez"... Nem sim, nem não...

—

O theatrinho está vazio. [illegible] O panno vae descer. Dentro de você... Sómente para você...

DULCE AMAR[illegible]

O Fluminense Football Club iniciou a sua temporada artistica com uma vesperal, em que foi cumprido um programma de fino gosto. Constou elle de varios numeros de musica, declamação, bailado e outros motivos de arte. A direcção e organização dessa festa foi entregue á joven escriptora Magdala da Gama Oliveira, nossa collaboradora; e nisso o Fluminense andou acertadamente, visto como essa circumstancia offerece, como agora, todas as probabilidades de exito.

UMA POETISA

Manhãs é uma collectanea de lindas poesias, de fundo lyrico, na sua generalidade, e que a sua autora, a senhorita Beatrix Reis Carvalho, reuniu em cincoenta e poucas paginas.

Não se póde dizer que a joven poetisa seja uma principiante em quem não se possam reconhecer excellentes qualidades. Apenas essas qualidades ainda não estão plenamente desenvolvidas, a julgar pelas poucas producções de *Manhãs*. No emtanto assignalam, pela sua espontaneidade, e pelo profundo sentimento de ternura que as embala, a presença de um estro cheio de subtilezas e sonoridades macias só communs ás almas de eleição.

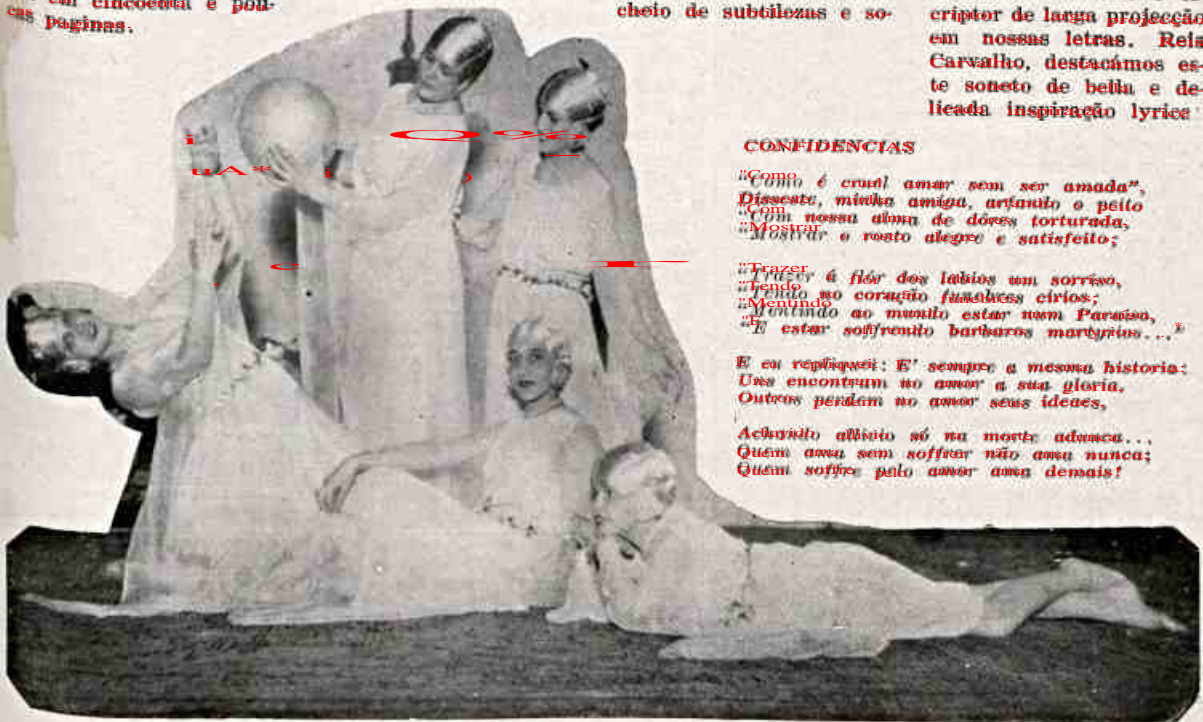
Do livro da senhorita Beatrix Reis Carvalho, que, aliás, é filha de um poeta de pensamento alto, critico de arte e escriptor de larga projecção em nossas letras. Reis Carvalho, destacámos este soneto de bella e delicada inspiração lyrica:

CONFIDENCIAS

"Como é cruel amar sem ser amada",
Disseste, minha amiga, arfando o peito
"Com nossa alma de dôres torturada,
"Mostrar o rosto alegre e satisfeito;

"Trazer á flôr dos labios um sorriso,
"Tendo no coração funebres cirios;
"Mentindo ao mundo estar num Paraiso,
"E estar soffrendo barbaros martyrios..."

E eu repliquei: E' sempre a mesma historia:
Uns encontram no amor a sua gloria,
Outros perdem no amor seus ideaes,

Achando allivio só na morte adunca...
Quem ama sem soffrer não ama nunca;
Quem soffre pelo amor ama demais!

As figurinhas da nossa alta sociedade que compuzeram o corpo do bailado que se realizou na vesperal de arte do Fluminense Football Club.

PAINEL DE AZULEJOS

MOZART Firmeza é um joven intellectual cearense, que acaba de enfeixar em livro, a que deu o titulo suggestivo de «Cartas do Rio», uma serie de chronicas da vida carioca, escriptas com simplicidade e brilho. São paginas que reflectem um original espirito de observação e revelam uma alma de artista deslumbrado deante do que vê e do que sente.

ACÇÃO DE GRAÇAS

Alguem me disse com uma ironia fina e penetrante que sempre se sentia isolado entre os seus similhantes e que sempre notava que não era visto com bons olhos com que se viam outros, nem conseguia a intimidade e a confiança que os demais facilmente, naturalmente obtinham.

— Parece-me, accrescentou, que sou differente dos outros e que elles sentem mysteriosamente essa differença. Farejam-na.

E indagou:

— Será possivel?

— E', assegurei eu. Porque commigo se passa a mesma coisa. Sinto o que sentes. Incommoda-me o que te incommoda. E soffro por isto como deves soffrer.

— E que devemos fazer? perguntou.

— Somente erguer as mãos para o céo e dar graças a Deus por não sermos iguaes aos outros.

Murmuramos, então:

. .— Gratias libi ago, quia non sum sicut coeteri hominum!

FRUCTOS BICHADOS

Quantas vezes um rosto lindo de mulher e um corpo ainda mais lindo de mulher encobrem defeitos moraes e vicios os mais infames e repellentes! Quantas vezes a belleza máscula dum homem não é a capa que occulta a maior fealdade e a mais vasta torpeza moral! E a gente, insensivelmente, é levada a crêr no que diz Santo Agostinho: que justamente nos mais bellos fructos é que se formam os mais feios vermes...

ESPIRITO ARISTOCRATICO

"Eu não desejo fazer a côrte a ninguem. Ainda menos ao povo do que ao ministro."

STENDHAL

PRUDENCIA...

Marcial, segundo o diz no livro segundo de seus epigrammas, desejava unicamente o seguinte: uma casa singela, cuja chaminé lhe não enfumaçasse os aposentos, perto uma fonte de agua pura, um bom criado, somno á noite, nenhuma demanda judiciaria e uma mulher que não fôsse muito sabia...

ARCADES AMBO

Na opinião do velho Catão as palavras dos gregos sahiam dos seus labios e a dos romanos sahiam de seus corações. Ainda hoje, na vida, os homens se dividem em duas classes similhantes: aquelles cujas palavras sahem somente da bôca e aquelles em que ellas brotam da alma. Infelizmente, os primeiros são a grande, a vasta, a immensa maioria e os segundos uma minoria ridicula!

— E as mulheres? perguntarão os curiosos.

— As mulheres, respondo-lhes eu, não são peores nem melhores do que os homens...

CANTA, MEU CORAÇÃO!

Nobre livro de versos de Laura Margarida de Queiroz. Nelle, um coração feminino derrama em versos de oiro a alegria da mocidade e da vida. Este livro é um forte raio de sol que vara as neblinas da poesia nacional. E' uma das modernas reacções contra os ensimesmamentos, as melancolias, as saudades, as tristezas e as descrenças, outrora tão communs virtudes de nossos poetas. A poesia de Laura Margarida de Queiroz é saturada de oxygenio, celebra o prazer, guisalha o riso e fez até as pedras da rua cantarem alegremente como o seu coração.

E ha nelle delicadezas que merecem especial registro. Esta quadra maravilhosa, por exemplo:

"Olhos profundos, estranhos,
sempre em scismares immersos,
esses teus olhos castanhos
já não são olhos, são versos..."

Laura Margarida de Queiroz é uma poetisa de verdade.

D. JAYME

NOTAS INTELLECTUAES

(Photo Annunciato.)

O joven poeta Joaquim Thomaz de Paiva, autor dos livros «Procissão da Dôr e da Saudade» e «A Mystica», Joaquim Thomaz, que é, tambem, advogado e jornalista, acaba de regressar de Bello Horizonte, onde realizou, perante numeroso auditorio, que enchia o salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Geraes, uma conferencia sobre «A indole mineira na construcção da brasilidade». Brevemente, o apreciado intellectual nos dará um novo livro de versos: «Fonte Esquecida».

BANCOS DE JARDIM

JA' notastes alguma vez a tristeza que têm os bancos dos jardins publicos? Não falo desses do Flamengo, em bellas tardes de ouro e rosa, esbatidos pelo céu, quando o sol, para morrer, veste suas galas mais lindas, e sorri na agonia como sorria, esvaindo-se em sangue, o romano gladiador, querendo, em vão, empolgar a assistencia indifferente e calma. Não... Esses pavoneiam-se cobertos de rendas e de sedas, espreitados, disputados, envoltos na atmosphera galante e futil da hora da moda.

Falo dos pobres bancos poeirentos e vazios, das praças desprezadas, a horas improprias. Pelas manhãs nevoentas e chuvosas, pelos dias de céo pesado e escuro, pelos crepusculos breves, humidos e tristes... Elles sós, estendendo melancolicamente seus estreitos assentos verdes, tão poucas vezes occupados. Nelles só se arrastam a miseria e a tristeza, nelles só repousam um instante aquelles que não têm um lar amigo onde repousar.

Quanta baixeza, quanta vergonha, quanta dôr devem ter elles visto, ouvido e sustentado — os pobres bancos, abandonados dos felizes! Quanto pacto infame, quanta revolta, quanto desatino! Quanto sonhar ermo de alegria e de esperança, quanto desejo surdo e máu, quanta cogitação angustiada!

Nós passamos, e vemos um ente cabisbaixo, assim jogado como um resto de naufragio sobre um desses bancos de praça publica. Em torno, toda a animação da vida e da lucta, todo um oceano de ambições desenfreadas, de urgentes affazeres, de indifferença por falta de tempo, de crueldade por falta de meios — bondes, carroças, trabalhadores, transeuntes, passeantes — toda a agitação do formigueiro humano, todo o bafio espesso, tépido, insalubre da civilização.

"E' um vagabundo..." dizemos apressados. Um vagabundo? Esse desgraçado nessa attitude de lassidão immensa, de abandono total? Um exilado da alegria e da festa da vida, sim, talvez. Oh! dizei-me, vós que tendes um lar carinhoso e que tendes amigos, que podeis estar em casa a repousar, ou que podeis entrar num café em grata companhia — já vos vistes alguma vez assim cahido e só, num banco deserto de praça erma, quando o vento é humido e cortante e a chuva ameaça de instante a instante?...

Por uma dessas tardes nubladas de desanimo e de cinza, uma dessas tardes sombrias e arrastadas em que a luz se perde, diluida em brumas, em que a noite vem sem que se saiba como — por uma dessas tardes, eu vi, num canto de parque liso e correcto, numa volta de alameda solitaria, um banco de jardim... e nelle, sentada, encolhida antes, muito humilde e myrrhada, uma velhinha. Na pelle de seu rosto, enrugadinha, enrugadinha, não havia uma polegada, que digo, não havia um cantinho que bastasse siquer para o pequenino beijo de um anjo pequenino, que as contracções da vida não tivessem marcado e repuxado, que a pesada charrúa da dôr não houvesse lavrado, cortado, riscado com milhares de sulcos finos e indeleveis. Uns olhos grandes, muito abertos, esgazeados, velados de bruma e de saudade, uns olhos claros, esbranquiçados e vagos de passado, fixos, a olharem sem vêr talvez... fixos a olharem o verde queimado e triste do gramado tousado.

Que fazia alli aquella velha tão velhinha, toda tremula e curvada? Em que pensava ella, que não via o céo de chumbo e de ameaça? Não tinha medo pela sua enxaqueca, pelo seu dorido rheumatismo? Não tinha alguem que a acompanhasse e seus passos velasse?... Entretanto, ella deveria ter acompanhado e velado alguem, ha annos, ha muitos annos, quando era ainda moça e forte. Que? Nem um filho, nem um neto? Ninguem... e talvez o horror do canto inhospito que nem se chama lar... Pobre infeliz! Só ella poderia dizer porque ali estava áquella hora, como só ella poderia contar uma por uma as lagrimas de sua vida, porque, em linhas largas, eis a sua historia: soffreu, amou, errou, soffreu ainda, ficou velha, muito velhinha, ficou sózinha... e o banco do jardim publico a recolheu, curvadinha de dôr e de miseria.

Ides sempre apressados... Nunca notastes nada disto... Pois olhae e vereis e notareis, então, a tristeza que têm, nos logares desertos, a horas frias e improprias, os bancos dos jardins publicos...

Petite-Source.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo-film da Cidade

NOTAS MEDICAS

O dr. Xavier de Oliveira, em disputado concurso para docente de Psychiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, apresentou notável these, intitulada — «O magnicida Manço de Paiva», trabalho esse que muito recommenda a cultura do illustre autor de «Beatos e Cangaceiros», nome largamente conhecido nos circulos intellectuaes desta capital.

ENCONTREI Melindrosa, segunda-feira ultima, na Avenida, a vender margaridas. Na occasião, ella, sorridente, enfeitava, com as suas mãos finas e elegantes, a lapella de um almofada qualquer, a que pregava a symbolica florzinha.

O almofada, porém, parecia contrafeito, recebendo com cara de poucos amigos o gesto delicado de Melindre. São uma gente sem alma, os almofadinhas. Sem alma e sem... notas.

Collocada a flôr na lapella, elle, que estava com a mão no bolso das alças, como quem de lá quer tirar algum dinheiro, de mão no bolso foi andando, sem sequer fitar o cofre que Melindrosa lhe apresentava.

Melindre arregalou os olhos, espantada, mas, sem perder a calma, foi-lhe no encalço, gritando-lhe:

— Cavalheiro, esqueceu-se de lar a sua esportula...

— Como, mademoiselle?!...

— Sim, não pagou a margarida...

— E' exacto, mademoiselle; verifiquei, porém, que não tinha dinheiro trocado. Vou trocar e logo mais apparecerei...

Melindre, que conheceu o "truc" e o logro, foi gentilmente perversa:

— Não vale a pena, moço, eu pago pelo senhor...

E poz um nickel de 200 réis no cofre, quanto lhe custou a "gaffe" do almofada.

* —

JA' eu ia a me esgueirar, afim de não falar com Melindre quando ella, avistando-me, correu para mim, como uma flexa.

— Esaú! Esaúzinho querido, ingrato e máu! Ha quantos dias não te vejo e sequer já não me attendes ao telephone. Sempre que procuro por ti, dizem que não estás. Deste ordens nesse sentido, sou capaz de jurar!

E os olhos de Melindre encheram-se de lagrimas, lagrimas que vieram rolando pelas suas faces carminadas.

E foi uma vez a força de vontade de Esaú — o homem mais ingenuamente piegas que já veiu a este mundo de meu Deus, quando se encontra deante de uma Melindrosa chorosa.

Com um nó, um aperto na garganta, é que fiz:

— Filhinha, minha queridinha...

Melindre comprehendeu que a praça... forte estava rendida e saltou-me ao pescoço, papocando-me na bocca um daquelles seus beijos mais chilreantes, cigarreantes e ardentes. Um beijo de fogo, uma verdadeira descarga electrica de carinho e de escandalo.

*

O resultado já se sabe: paguei o beijo de Melindre em margaridas: um "bouquet" de margaridas que ella me arranjou na lapella, a roçar-se em mim como uma gatinha amimada e dengosa.

Quando, porém, eu ia enfiar na bocca do cofre uma nota de cincoenta dinheiros, Melindrosa, pegando-me na mão, foi dizendo:

— Não, Esaúzinho. Assim não faz "peso". Vamos trocar, para encher o cofre.

E sahi com Melindrosa para fazer o "peso" do cofre com a minha nota transformada em prata e nickel.

Cincoenta mil réis por um beijo antigo que está ficando sem cotação no mercado!

Eu sempre sou um grande idiota!

ESAU' & JACOB.

NOTAS MEDICAS

ENTRE os medicos da nova geração brasileira tem logar de prestigioso relevo, pela sua intelligencia, pela sua cultura, pela sua capacidade profissional, o nosso illustre patricio, dr. Alfredo Vianna Filho, clinico nesta capital. Tendo trabalhado durante varios annos na 1.ª Enfermaria do Hospital de S. Francisco, sob a direcção do professor Agenor Porto, o dr. Vianna Filho logo se impoz pelo seu proprio merecimento e dedicação. Sua these sobre «Ulceras do Estomago» é um trabalho notavel, que muito recommenda o joven medico brasileiro.

COM a presença das altas autoridades do Estado, entre as quaes se encontrava o presidente Julio Prestes, foi solennemente inaugurado em São Paulo o Museu Industrial e Agricola, que funccionará no Palacio das Industrias. Estão ahi dois aspectos dessa ceremonia, vendo-se o dr. Julio Prestes e seus secretarios de governo, além de outras altas autoridades civis e militares. Ao alto da pagina apparecem dois flagrantes da festa do Divino, em Santo Amaro, naquella capital.

FILIGRANAS

Não tendes notado que muita gente tem a mania de nada levar a sério. A proposito de tudo, estão sempre com o trocadilho ou a gracinha engatilhados. Acham meios de rir das mais serias situações, de responder a tudo com uma pilheria.

As pessôas desprevenidas apreciam os individuos assim. Riem de suas graçolas e mesmo muitas vezes as provocam. Seus ditos são repetidos por toda a parte e suas maldades espalhadas sob a forma de malicias inoffensivas.

Um pensador profundo e digno, grande e nobre como uma cathedral, julgou-os em poucas palavras com uma severidade e um acento que assombram. Foi Pascal. Eis o que deixou sobre essa casta de gente: "*Diseur de bons mots, mauvais caractere.*"

Tendes alguma coisa a dizer?

AS PRIMEIRAS "FLORES" DO ANNO

O «Dia da Margarida» já deu abertura, este anno, á estação dos «dias floraes». Sim, podemos dizer que temos uma estação floral, não só porque haja rosas e chrysanthemos nos jardins da cidade, uma festa linda de côres e de abelhas, mas porque, e justamente, todos os annos, assim que é inaugurada a temporada mundana, o Rio se enfeita de «margaridas», de «violetas», de «acacias», de «rosas» e tantas outras «flores» de piedade, que brotam das mãos brancas e finas da carioca para a «boutonniére» de todos nós. Benditas sejam essas flores de artificio, que perfumam de alegria e conforto a alma dos que soffrem. O «Dia da Margarida» é instituição nobre da Caritas Social, em beneficio de muitas obras dignas de amparo. Ahi estão as abelhas diligentes desse trabalho de amor em proveito do proximo.

FIM DE ROMANCE ...

Vamos fazer romance
e ficar de paixão, tu por mim, eu por ti?
— Bibelot de fayance!
— boneco de biscuit!...

Eu direi que és magriça, agil e bella,
ondulante e macia,
como um barco de vela,
como uma borboleta, ou uma... "stegomyia",
mais perigosa do que a epidemia,
mais que a febre amarella...

E dirás que sou novo heróe-manchego,
que, por amor de ti, bebêra o Nilo e o Kiang
e chuparia todo o mar em sangue...
— Eta, que heróe-morcego!

Isso, não! Eu não brinco!
Com amor não se brinca. E' caso sério.
Nada de barracão de taboa e zinco:
faz-me um "appartement" melhor do que os do
[Imperio,

cada um de nós terá sua chave de trinco...
Não irás quando eu fôr; não irei quando fôres,
daremos que falar aos faladores...
E quanto a amor... Nada de amores!
E' só romance, é só mysterio.

— Mas si o amor fôr real e fôr eu o enganado...
— Veja lá... si você fôr falso e sonso...
... "sua" boneca de algodão pintado!
... "seu" boneco de engonço!

— ... Com esse cabello "oxygené" de fogaréo...
— ... com esse penteado de banana em cacho...
— ... Olha, eu te atiro deste arranha-céo...
— ... sério, do arranha-céo?
— !!
— Mas... de baixo p'ra cima, ou de cima p'ra
[baixo?

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Ha almas que se entendem e comprehendem e que, attrahidas uma para a outra, se buscam, ansiosas, pela longa estrada da vida, sem jamais se encontrarem. Passam, muita vez, uma ao lado da outra, e param, um momento, e se fitam, de longe, suavemente illuminadas pelo mesmo sorriso de tristeza em que expressam toda a angustia e toda a tortura da inquietação em que vivem, sem poder darem-se as mãos, ou trocar um beijo, ou beber, na mesma fonte, a agua fresca e pura da sua consolação interior.

São almas que marcham pela vida, compellidas uma para a outra pela mesma affinidade espiritual, pelo mesmo impulso affectivo, pelo mesmo anseio do coração, e sempre animadas pela tortura da esperança de, um dia, finalmente, se encontrarem.

Como são felizes as que, após uma longa e exhaustiva jornada, chegam a encontrar-se, *nel mezzo del cammin!...*

Ha, porém, as que nunca se encontrarão, as almas parallelas, que marcham, lado a lado, sem jamais se confundirem, na troca de um beijo de amor, de um gesto de carinho, á sombra agazalhadora da arvore da Consolação, numa curva do caminho, sempre tão sinuoso e accidentado da vida...

Eu proprio, mais de uma vez, tenho encontrado a alma irmã da minha, a estender, ao meu lado, a infinita parallela do seu e do meu desespero... E marchamos as duas, estrada afóra, sem nunca attingir o termo da nossa peregrinação, sem nunca realizar o ideal de fé e de amor que nos sorri nos olhos, que se procuram, que nos canta nos labios avidamente abertos para a eucharistia de uma caricia.

Creação ideal do meu sonho de amor, nunca realizado, enlevo e encanto mystico da minha adoração á alma que seria a alma mesma do meu anseio de felicidade na vida, *Maria do Céo* — a das *Rosas de Santa Therezinha*, desta secção — parece não vive tão só no... céo da minha fantasia...

Um gesto de mulher, delicado e singelo, na expressão de pureza e de bondade que o inspirou, tocou-me, um dia destes, a alma, causando-me uma doce e suave emoção, e dando-me a impressão de que *Maria do Céo* não é apenas a consoladora ficção da minha fantasia.

Um envelloppe e, dentro, uma rosa branca, tendo, numa das petalas, escripto a tinta, o nome de... *Maria do Céo* — eis todo o mysterio da singular e delicada missiva que, ha poucos dias, me chegou ás mãos.

A meiga, gentil e desconhecida *Maria do Céo*, que me enviou essa encantadora lembrança, certo apenas quiz fazer-me sentir, com esse gesto captivante, a realidade da existencia de muitas Santas Therezinhas que vivem a desfolhar, aqui na terra, as rosas do céo de seu... coração.

Maria do Céo, uma alma irmã da minha, a minha alma parallela?...

Forse che si, forse che no...

De qualquer modo, muito me sensibilizou o gesto delicado e puro da mysteriosa Santa Therezinha, que me enviou com a sua linda rosa branca um pouco de seu coração e de sua alma...

Uma silhueta nupcial de madame Lahire Carino Pinheiro.
(Photo Nicolas.)

BONECA NA AVENIDA

Esta semana teve, no seu primeiro dia, um dia... *cheio*, como se costuma dizer. Um dia cheio de sol, de céo azul e diaphano, e cheio tambem de Bonecas e de margaridas, umas e outras lindas e artificiaes.

Quando pulei do auto, em que me transportei para o centro da cidade, já uma infinidade de lapellas, enfeitadas com a delicada florzinha do dia, estava a indicar em mim uma nova victima das galantes e gentis "salteadoras" da Caridade.

Com a mão pelo bolso dos nickeis e das pratas, afim de pôr de reserva o meu obulo, cuja maior ou menor importancia ficava, desde já, é certo, dependendo da figurinha da "vendeuse". Se velha, se feia, se bo-

nita, etc. — nickel ou uma pratinha, ou mesmo uma... nada, conforme fosse.

Mal déra, porém, dois passos, e uma voz de mulher, com um accentuado sotaque estrangeiro, foi-me dizendo...

— Senhorrr...

Voltei-me, prestes, e vi deante de mim a mão muito clara que me offerecia uma margarida.

Machinalmente remexi o bolso, emquanto fitava de relance a minha "vendeuse". Não era bonita, não. Mas, seus olhos serenos e azues pareciam um céo aberto, um céo tão lindo como o que coroava de azul a manhã festiva e fresca de segunda-feira ultima. Eram uns olhos feitos da divina caridade da luz, tão ternos e tão bons, olhos feitos para illuminar as margaridas que enfeitavam a cestinha de sua dona.

Dei uma prata e fiquei intimamente satisfeito, a passar em revista, desvanecido, o bando alácre das "vendeuses", dos lindos anjos da caridade.

Mlle. Eunice Faria, distincta figura da sociedade bahiana.

SEARA ALHEIA

JUANA DE IBARBOUROU.

Te tengo en el alma
clavado lo mismo que un dardo.
Eres en mi alma
tal como una gota de llama
en un nardo.

Surgiste en mi alma
como un ojo-de-agua que ha brotado alli,
sin saberse como, ni porque, ni cuando.
Solo porque si!

Manantial eterno que ya nunca, nunca
se debe secar;
fuente en cuyas ondas todas mis estrellas
se han de reflejar;

para mi tu tienes la atracción del agua,
el hechizo brujo que mana de un rio...
Yo no te soñaba, yo no te buscaba,
mas soy toda tuya y eres todo mio!

POMBO CORREIO

Maria do Céo, meu puro e grande amor — Como se fosse uma bragada de flores, de rosas do céo, mandadas por você para alegria de meu coração, é que recebi, minha querida amiga, a sua ultima cartinha.

O seu silencio já me vinha inquietando. E esse silencio, depois de lhe haver eu declarado, leal e sinceramente, o amor que lhe dedico, parecia-me bastante significativo. Que poderia pensar, Maria do Céo, senão que você não se sentia animada a corresponder ao meu affecto?

A duvida em que você me deixou por tantos dias, a espectativa ansiosa e dolorosa que me trazia numa constante exaltação de soffrimento, tudo isso, meu amor, eram provações, bem duras, é certo, mas que eu, hoje, abençôo, porque parece que me fizeram mais digno da recompensa, da graça a mim concedida pela minha adorada Santa Therezinha.

Escute: eu — o descrente — como você, ás vezes, me chamava, o sceptico, o quasi impio, ao sentir-me esquecido e abandonado por você, pedi á meiga Therezinha das Rosas do Céo movesse em meu favor o duro coração da sua chará das rosas da terra... senhora e dona de meu coração.

E o milagre se fez, Maria do Céo. Dois dias depois, sua carta vinha ter ás minhas mãos, uma linda e consoladora cartinha toda cheia de seu coração, do puro e bonissimo coração que, hoje, sinto, é meu, como é seu, definitivamente, o que já foi meu e que só, por emprestimo, a titulo precario, já passou pelas mãos de outras mulheres. A você eu dou... bem dadinho, e sem restricções, o que a ellas apenas fazia que dava, mas, na realidade, não dava.

Com essa confissão feita tão lealmente, penso que você não terá mais nenhum escrupulo em acceitar um coração que nunca se deu, de facto, a nenhuma outra mulher, antes de você. E, depois de você, nenhuma outra tambem o terá, a não ser que você o aliene por conta propria. Porque meu coração é, hoje, uma coisa sua, de que você disporá á son gré.

Agora, Maria do Céo, permitta-me que lhe beije as mãos, que lhe beije os lindos olhos negros e divinamente illuminados de caricia, que beije a rosa vermelha de sua bocca... Perdôe-me, minha Santa Therezinha, o ardor deste amor profano, que o vinho generoso do carinho exalta e embriaga, fazendo dançar, de alegria, meu pobre coração.

Faço ponto aqui, para poupar as rosas do seu pudor, que vejo se desenharem, rubras, nas suas faces macias.

Maria do Céo, hoje estou convencido de que uma santa é muito mais tentadora e perigosa do que uma peccadora qualquer. A uma peccadora deseja-se, a uma santa ama-se e... adora-se. E traçar limites, *les convenances*, entre o amor e a adoração, entre o culto pagão e o religioso, o espiritual, é coisa bem difficil...

Até breve, *donna mia*, e adorada santinha da minha fervorosa devoção.

PETIT BLEU

Já não posso crer no teu amor, esse amor tantas vezes jurado e tantas outras negado.

A ti, com uma ingenua confiança de criança, entreguei um coração e uma alma que a tristeza e o soffrimento ha muito amarguravam, sem, comtudo, matar-lhes as illusões ou extinguir-lhes a esperança de, um dia, encontrarem, na terra, alguem que realizasse o milagre da sua hora sorridente, do seu anseio de felicidade, tão louca e ardentemente acariciados.

Tu vieste, porém, um dia, e, deslumbrado pela luz de candura, de pureza e de bondade que o teu ser irradiava, meu pobre coração sonhador viu em ti, julgou adivinhar na mulher-criança que tu eras, a fada generosa e amiga que iria

operar o milagre da sua salvação.

E recebeu-te a cantar, num rythmo largo e profundo de alegria e de consolação.

Mas tu, a pouco e pouco, lhe fizeste sentir o seu engano e, a pouco e pouco, uma a uma, se foram desfazendo todas as illusões com que elle — meu pobre coração — tecia o seu sonho de amor e de felicidade.

E, agora, despojado de toda a minha seara de illusões e de esperança, de idealidade e de fé, já não posso mais amar, nem sonhar, nem viver!...

ESTRELLAS CADENTES

Luminosa estrella de meu coração, abençoado raio de luz das trevas da minha vida, sinto que tremeluzes e bruxoleias, prestes a apagar-se, deixando-me, de novo, e para sempre, ás escuras.

E, mais sombria do que antes de haveres raiado para a illuminação interior de mim proprio, será, quando já não brilhares para mim, a noite da minha desventura.

Meu amor, que me foges e me abandonas, e me deixas, novamente, sem rumo e sem guia, sem illusão e sem esperança, sem luz e sem alegria, por que, qual uma estrella cadente, passaste pelo céo sombrio da minha vida, illuminando-o fugitivamente, por um minuto apenas?

Por que me fizeste sonhar com uma festa de luz e de ventura, descerrando os meus olhos affeitos á treva da tristeza, á tua deslumbrante revelação, abrindo as portas de meu coração á alacre invasão de emoções para mim desconhecidas, e dando á minha alma, fraca e soffredora, a impressão, fallaz e ficticia, de uma potencialidade de força, de mysterio, de indestructivel e eterno amor?

Porque minha alma, sob o calor luminoso de teus olhos, tão lindos e tão falsos, era como uma mysteriosa palpitação do infinito a cantar dentro de mim, a exaltar a vida, a belleza, o amor!...

Depois, tu começaste a me deixar, a me fugir, para fulgir e resplandecer e aquecer, illusoriamente ainda, talvez, no céo de outro coração.

E eu comecei a sentir frio, a sentir a falta do carinhoso e quente raio de luz, que era a festa e alegria da minha vida...

Minha abençoada estrella cadente volta a illuminar a noite da minha tristeza e da minha desillusão.

Sem ti, como marchar pela estrada longa e tormentosa da vida?...

SORRINDO...

Interroge - toi toujours que tu ris. E eu estou a sorrir neste momento, a sorrir com os labios, com o coração, com a alma. E' um sorriso bom, confortador, festivo, de todo o meu ser, que o teu, minha querida, hoje, encheu de alegria e de felicidade.

E, ao sentir-me tão plenamente feliz, meu amor, é que me vem á mente aquella phrase de Stendhal: interroga-te sempre que sorris.

Porque haverá sempre uma razão, um motivo que faz aflorar aos labios da gente a linha curva de um sorriso, que é como uma janella florida que se descerra, ao de leve, para a alma ou o coração nella se debruçarem por um momento.

O meu sorriso, este illuminado sorriso, entre sizudo e brejeiro, tem, assim, a sua significação, a sua razão de ser. E' o sorriso com que meu coração, cheio de ti, está a recordar a divina canção do nosso amor — a silenciosa canção dos nossos olhos, a se metterem uns pelos outros, de nossas mãos entrelaçadas, de nossos labios que se procuravam, ainda hoje, á luz morna e gloriosa do sol de Ipanema.

E' um sorriso feito de teus olhos postos nos meus, palpite de beijos e de carinho, tonto de luz e carinhoso como a manhã fresca que parece abençoar a pura alegria dos nossos corações.

Ao rythmo intenso e tumultuoso do mar, que cantava aos nossos pés, juntavamos os dois — eu e tu — sonhadores e felizes, a cadencia rythmada e suave de todo o nosso ser.

E, a recordar tudo isso, a reviver toda a gloria, e toda a belleza, e todo o encanto da nossa manhã de hoje, sob o céo azul e illuminado de Ipanema, é que sorrio, agora, para ti, para a vida, para o nosso amor, para a nossa feliz e divina exaltação.

SOCIEDADE

Diplomaticas — O dr. T. Grabowski, ministro da Polonia, offereceu, na séde da legação daquelle paiz, um jantar em honra do dr. Vianna do Castello, ministro da Justiça, e senhora.

Tomaram parte nessa homenagem os srs. Bernardo Attolico, embaixador da Italia, e senhora; Alfredo de Mariategni, ministro da Hespanha, e senhora; dr. Berenguer Cesar, secretario de gabinete do ministro das Relações Exteriores, e senhora; dr. Amaro da Silveira e senhora; Ignaz Friedman, pianista polonez e sua senhora, e Stanislas Gluski, secretario da legação da Polonia.

Após o jantar, o pianista Friedman fez-se ouvir.

A parte musical, além das pessoas acima, foi assistida por varios elementos de destaque da sociedade carioca e do corpo diplomatico.

A applaudida cantora brasileira sra. Antonietta de Souza, que acaba de abrir, em sua residencia, um curso de canto e declamação lyrica.

— Amanhã, domingo, a directoria do Fluminense Football Club offerecerá aos seus dignos associados um animado *diner-dansant*.

Esta reunião, que terá inicio ás 19 horas, está sendo ansiosamente aguardada e, certo, terá o encanto e a distincção que tanto caracterizam as festas elegantes do sympathico gremio mundano.

Fizeram-no assim. Por isso, cumpria gostosamente o seu destino.

Ainda menino, o pae, commerciante abastado, metteu-o na loja, como o ultimo dos empregados da firma.

Antonio Pinto começou como vassoura e galgou os degráos da escada até o alto posto de gerente.

Morrendo o pae, tornou-se o successor na firma, honrado negociante de fazendas e homem de costumes sobrios.

Foi a solida reputação do senhor Antonio Pinto que o fez marido de Angelina Cunha, filha tambem de gente abastada.

Angelina era um poço de virtudes. Pinto um trabalhador exemplar, ambos festejados e invejados pelos amigos mais intimos.

POR occasião das festas centenarias em homenagem ao grande José de Alencar, o nosso companheiro, dr. Gustavo Barroso, e o jornalista Gilberto Camara fizeram a descoberta, no archivo do arcebispado do Ceará, do traslado do baptisterio do autor do «Guarany». Por elle se verifica ter José de Alencar nascido a 1.º de março de 1829, e não em 1.º de maio, como toda gente julgava, inclusive o proprio romancista. Alencar nasceu em Mecejana, no Ceará. E' o que se vê no «fac-simile» do assentamento descoberto. Gilberto Camara é o que apparece no grupo, onde se vêem tambem o conego José Quinderé e monsenhor Tabosa Braga, vigario geral de Fortaleza, e o academico Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON. O vigario geral tem o livro de assentamentos aberto a folhas 182 V., onde está registado o nascimento do grande escriptor, a cuja memoria foi erigido um monumento em Fortaleza. Esse flagrante foi apanhado na séde do arcebispado do Ceará.

* * *

ETERNO ENIGMA

O senhor Antonio Pinto foi sempre uma creatura de habitos regulares.

Que marido!

Que esposa!

Quanta harmonia, santo Deus!

Porém, certo dia, os amigos do casal foram surprehendidos por uma novidade bomba...

Angelina havia requerido divorcio!

— Seria possivel! — indagavam uns.

— Era falso — affirmavam os mais chegados ao casal.

Entretanto, era facto, e a petição estava em mãos do juiz, que, tambem espantado, procurava decifrar o enigma, pois havia cahido das nuvens. Angelina, uma creatura tão bôa, morigerada, optimamente installada, e Antonio Pinto, homem tão bom, amigo da esposa, marido apontado como um modelo!

Enfim, chegou o dia da audiencia e o juiz, consternado, grave, indagou, solenne:

— Mas, exma. sra. d. Angelina, que motivos tem para propôr o divorcio?... Acaso o senhor Antonio Pinto, seu marido, teria perdido...

— Absolutamente — interrompeu a querellada. Faço questão de esclarecer tudo... O meu marido é um homem bom, muito bom, excessivamente bom...

— Então, minha senhora?!

— Mas... vivemos juntos ha dez annos, na melhor harmonia, sem uma só desavença...

— Então, minha senhora?!

— Dez annos! E o senhor sabe o que significa viver dez annos com um homem que nunca nos deu motivo para a menor contrariedade?! Dez annos sem um só desgosto?!

PHOTOGRAPHIA tomada em frente á estatua de José de Alencar, em Fortaleza, por occasião da festa inaugural do grande monumento que o Ceará erigiu ao seu illustre filho. Apparecem no primeiro plano, o dr. Juvenal Lamartine, presidente do Rio Grande do Norte, o barão de Studart e o joven Flavio Barroso, filho do escriptor Gustavo Barroso, nosso prezado companheiro, que se vê no segundo plano, ao lado do presidente Mattos Peixoto.

O dr. Abrahão Leite, director da Rêde de Viação Cearense, offereceu em sua residencia, em Fortaleza, um almoço intimo ao seu digno conterraneo, o esculptor paulista Humberto Cozzo, autor do monumento de José de Alencar, recentemente inaugurado na bella capital cearense. Nesta photographia, além do chefe da Viação Cearense e do homenageado, tambem se vê, entre outras pessoas, o jornalista Gilberto Camara.

Ah! eu não posso mais supportal-o...

O juiz, levantando-se, espalmou a mão sobre o hombro da senhora Angelina, e aconselhou paternalmente:

— Juizo, minha senhora, tenha juizo.

MARION.

FRIO E CALOR

Quando o Verão aquece a cidade, pondo labaredas de sol no nosso cerebro, todas as boccas se abrem para uma queixa:

— Que coisa exhaustiva! Que fornalha! Oh! não ha nada como o frio...

A nossa paciencia esgota-se na procura de ar de ventiladores, de gelados, mas, não fugimos ao circulo dantesco.

Quando o inverno apparece com pés de lã, embuçado de nevoas, tornan do rigidos os nossos dedos, envolvendo na neve o nosso coração, todas as boccas se abrem para um lamento unisono:

— Que coisa terrivel, é o frio! O sangue não está nas veias. Oh! que venha depressa o calor!..

A vida gira entre estes dois polos: frio e calor.

E, como nós nunca sabemos o que na verdade queremos, o que nos faz a alegria nem a tristeza, passamos a vida a maldizer todas as suas grandes bellezas, até chegar a Morte, que é o fim...

Humanidade galata!

REVERBEROS

Por que foi que meus olhos cahiram naquella pagina de jornal? Na noticia daquella festa de caridade? Naquelle nome?

Eu estava tão bem, sem me lembrar de nada, e vem o acaso, e me põe novamente á frente dos olhos uma pagina dum longinquo romance.

A senhorita Elza Alves da Silveira e seu noivo, o sr. Jorge do Valle Costa, cujo enlace, realizado a 30 de maio ultimo, nesta capital, constituiu uma nota social em nosso meio.

A senhorita Rosa Lucchetti, sobrinha do illustre actor Procopio Ferreira, casou-se com o sr. João Alves Pitta Filho, que apparece ao seu lado, na photographia acima, tomada por occasião da cerimonia.

A imaginação se inflamma, a circulação se activa, todo o organismo se reanima áquella recomposição de quadros da primavera do tempo e da primavera da vida.

A razão quiz reagir áquella resolução de assistir á festa de caridade.

Entretanto, lá fui.

Quem foi que me levou, se eu não queria ir? Nem sei.

Esqueci-me dos annos, esqueci-me dos tempos, ao lobrigar, entre o turbilhão rutilante que rodopiava ao macaquear do jazz, o vulto que me fez viver o longinquo romance...

E ella? Reconheceu-me? Certamente. Não poude nem mesmo esconder a sua deploravel confusão, ao fixar-me demoradamente como quem procura lembrar-se, e de repente se lembra.

Por que haveria eu de ir áquella festa de caridade?

Por que haveria eu de me lembrar dos annos que já vivi?

A' madrugada, quando o automovel fonfoneante me conduzia á casa, por entre aquellas duas fileiras intermináveis de um immenso casario, a imaginação trabalhava ainda.

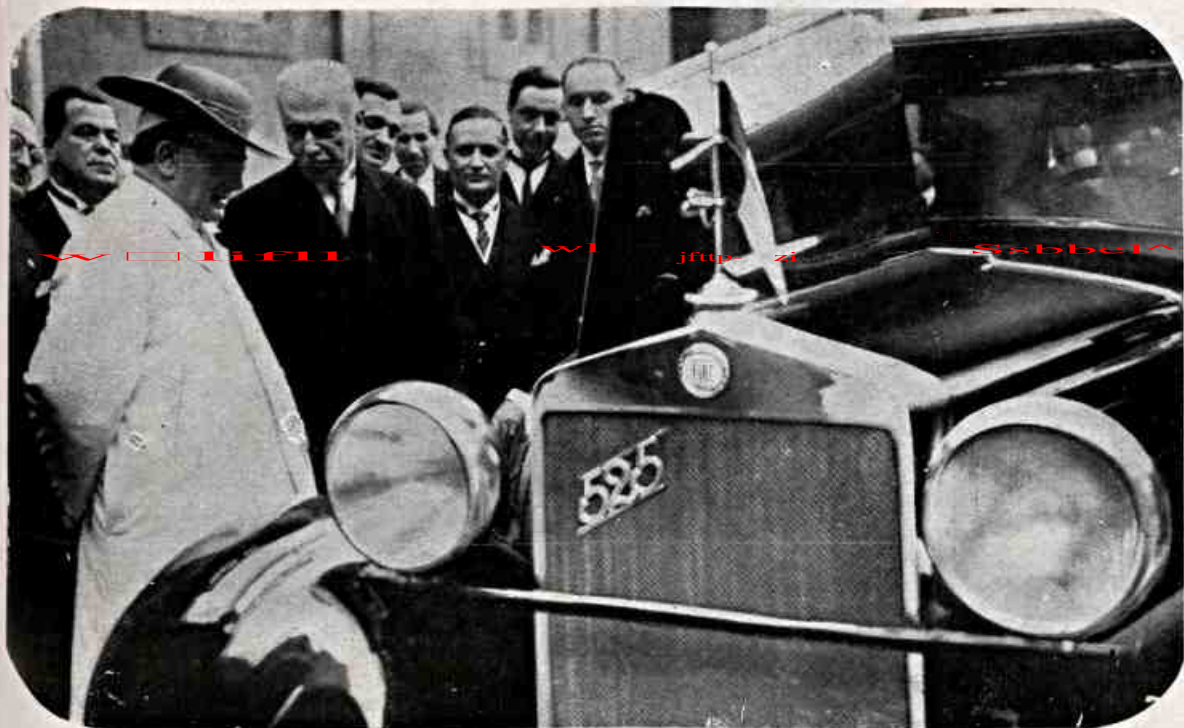
E como são diversos os destinos das coisas!

Ha muitos annos, naquella mesma rua, eram avoengas as casas, e tudo na cidade era escuridão, silencio e tristeza das coisas centenares.

Hoje, ha luz em toda a parte, e um ruido de alegria e mocidade. São Paulo é a juventude mesma, com os seus desvarios todos... que eu bem conheço.

E eu?

Não conhecem os versos de Tomonori, o velho poeta japonez?

"Identica a côr e a fragrancia
como no ardor de velhas primaveras...
E' frio o sangue que antes se incendiava
na chamma rosada
dos cerejos em flôr.
Pois eu já sou velho..."

A offerta feita a S. S. o Papa Pio XI, de um luxuoso carro «Fiat», expressa, realmente, um gesto de alta veneração e respeitosa manifestação de elevado apreço tributadas ao Summo Pontifice pela directoria da importante empresa italiana de automoveis. Na gravura que estampamos, o presidente da «Fiat», sr. João Agnelli, senador do Reino, dá a S. Santidade algumas informações a respeito do motor do «Fiat» 525, um lindo carro, austeramente pintado de vermelho escuro, com as armas pontificias em ouro e uma adaga de S. Christovam — o protector dos automobilistas — illuminada no esmalte.

SEIXOS

Ne inverno passado, minha dóce amiga, eu tinha, para conforto de minh'alma, nos momentos de tédio e de neurasthenia, a caricia illuminada de teus olhos... a sonoridade de teus beijos... o prestigioso encanto de tua mocidade...

E hoje, — que envelheci dez annos! — no desespero da ausencia que Deus quiz se prolongasse ao infinito, meu soffrimento é maior por me faltar o consolo espiritual que outr'ora tu me davas...

Pessoas que tomaram parte no jantar rotaryano em homenagem á sra. Nair Teffé Hermes da Fonseca, presidente da Associação Petropolitana de Sciencias e Letras. A homenageada é a que está ao centro, tendo á sua esquerda o senador paraguayo Diaz Escobar, do Rotary Club de Assumpção.

SEIXOS

Muita vez, quando a saudade te assalta, suave, subrepticiamente, nos longos crepusculos de ouro ou de bruma — quando a gloria esplendente do sol que se põe não deixa uma alegria na alma, sorrindo, cantando, ou a frialdade da chuva ou a monotonia desse cinzento nos estremece de quando em quando o ser, em arrepios esquisitos, e nos faz sentir a dor de uma ausencia ha muito prolongada — confessa, muita vez, em momentos assim, não tiveste vontade de morrer?...

A PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI

TODOS os annos, o nosso mundo catholico assiste a uma imponente ceremonia da Egreja: a procissão de Corpus Christi. Domingo passado, o tradicional cortejo religioso em louvor do SS. Sacramento sahiu á tarde da cathedral metropolitana e percorreu quasi todas as ruas do centro urbano, offerecendo aspectos verdadeiramente bellos e majestosos, como os que aqui apparecem.

* * *

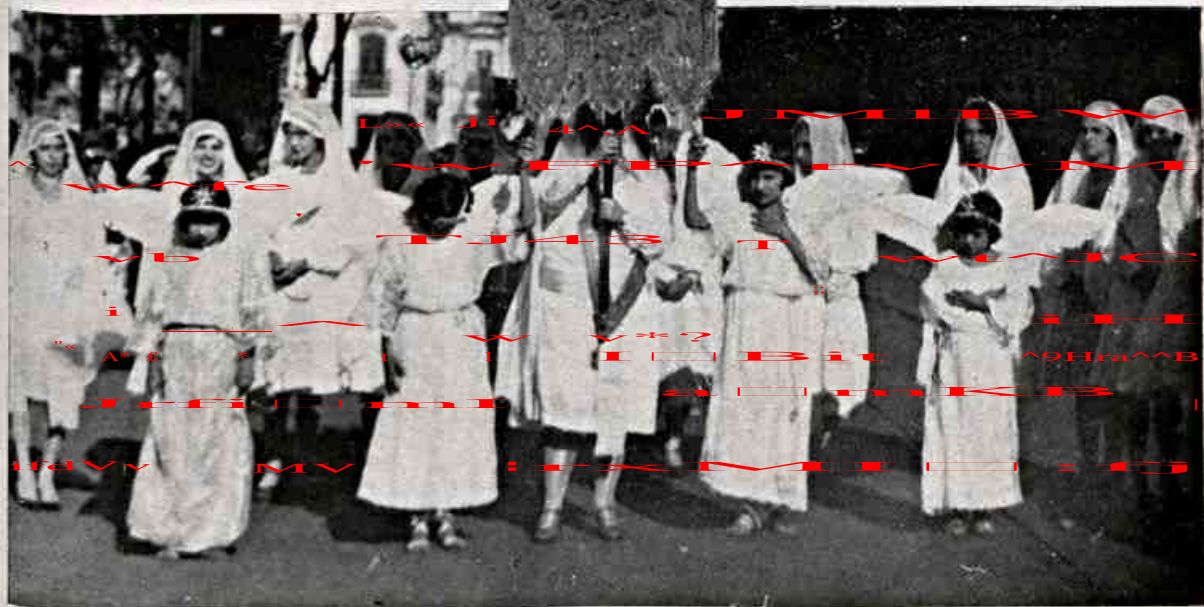
UMA VALSA DE NELSON FERREIRA

De passagem pelo Rio, onde chegou na vertigem esthetica que empolgou esta metropole, o maestro pernambucano Nelson Ferreira, compositor festejado no norte e em todo o paiz, escreveu uma linda valsa a que intitulou: — "Beijo-te os pés, Miss Brasil".

Essa producção do autor de "Milusinha", "Jurete" e tantas outras musicas de successo, recebeu delicada letra do brilhante poeta Oswaldo Santiago.

SEIXOS

Fóste, sem duvida, o espinho mais suave de minha corôa de martyrio... O que eu consegui beijar sem que me fizesse, de prompto, sangrar a esperança que desabrochava em meus labios doloridos na fórma de um sorriso...

E, muito embora jamais me comprehendesses, quanta vez, na paz acariciante de meu isolamento, eu abençoei a tortura dessa illusão de amôr que tu me davas — para teu prazer e para meu tormento — bemdizendo, a alma ajoelhada em attitude de prece, todo o immenso infortunio que me tornava artista...

A procissão de Corpus Christi, quando desfilava, domingo á tarde, pela avenida Rio Branco, entre a massa popular que alli se comprimia para render suas homenagens ao SS. Sacramento, conduzido por s. ex. revma. o sr. arcebispo coadjuctor, d. Sebastião Leme.

LANTERNAS DE PAPEL

ANTHOLOGIA DA ALMA

Da alma unica e immensa do universo — ensinou Hermes Trismegisto, Tres Vezes Grande — ao seu filho Tat — sahem todas as almas que se espalham e distribuem pelo mundo todo. As almas larvaes animam os sêres inferiores, vindos dos mineraes e dos vegetaes, onde se elaborou sua energia de potencial; depois, já rampantes, dão vida aos sêres aquaticos; vão se elevando lentamente pela metempsychose e passam aos animaes terrestres, vôam com os de asas; e são as almas aereas que se encarnam nos homens, e as destes podem ascender á apotheose da immortalidade. Mas os castigos a esperam quando, em logar de governar os instinctos do corpo, ella lhes obedece e se torna sua escrava.

Essa é a crença na alma que vem das mais recuadas theogonias, que encheu o oriente antigo, que animou a religião funeraria dos egypcios, que o pythagoricismo espalhou no occidente e que muitas seitas christãs primitivas, ao tempo das lutas da Gnose, adoptaram. E' ainda a ella, no fundo, que se prendem a theosophia moderna e o espiritismo.

A Igreja condemnou-a in limine, in totum. Mentiria ao seu dogma da penalidade ou perdição eterna, si a não condemnasse.

*
* *

Macrobio, commentando litterariamente o famoso Sonho de Seipião, occupou-se muito da natureza da alma, que proclamou, como os seus antecessores na philosophia, na sciencia e nas lettras, immaterial e immortal.

Para o divino Platão, a alma era uma essencia que por si propria se movia — essentiam se moventem. Para Xenócrates, um numero com movimento. Para Aristóteles, a entelêchia, isto é, a força motriz. Para Pithagoras e Philolaus, uma harmonia. Para Possidonio, uma idéa.

Asclepiades considerava-a o exercicio bem organizado dos cinco sentidos e havia, na sua theoria, a semente dos materialismos futuros. Hoppócrates acreditava-a um espirito subtil espalhado por todo o corpo. Heraclito do Ponto achava que era uma luz. Heraclito o Physico julgava-a uma parcella da essencia estellar. Zenon affirmava que era o ar condensado com o corpo. Democrito via nella um espirito impregnado de atomos — spiritum insertum atomis.

Era a quintessencia dos quatro elementos para o peripatetico Critoláus; fogo, para Hipparcho; ar, para Anaximánes; sangue, para Epédocles e Critias; terra e fogo, para Parménides; terra e agua,

***

A TEMPORADA LYRICA

REGINO Sainz de la Maza é o notavel guitarrista hespanhol que estreou quinta-feira ultima, no theatro Municipal, e está alcançando um grande successo com as sonoridades melancolicas do seu instrumento e a sua arte prodigiosa.

***

para Xenóphanes; ar e fogo, para Boethos; e uma composição mixta de fogo, ar e ether, para Epicuro.

*
* *

Plinio diz que a crença na immortalidade da alma é o resultado das illusões duma natureza que ardentemente deseja nunca mais se acabar. E Seneca o Rhetorico declara que suas esperanças nessa immortalidade, com o estudo e o tempo, se desfizeram como um bello sonho. E varios outros morrêram certos de que a alma perecia com o corpo: Simonides, Homero, Galeno, Alexandre de Aphrodisia, Seneca o Tragico.

*
* *

Antes de attingir a immortalidade, a alma dos antigos pythagoricos, estoicos e platonicos iam, como nol-as pinta Virgilio, beber a agua do rio Anieles que lhes dava o esquecimento. Haverá maior recompensa para quem penou sobre a face da terra do que o olvido? Como é delicioso esquecer...

*
* *

O philosopho Leão pensava que as almas eram espiritos celestes exilados na materia para purgar peccados. Sándios escreveu um livro sobre a Origem das Almas e Lactancio affirmou a sua preexistencia á carne. E Origem considerava as almas como sendo castigadas nos corpos por determinação divina, de accordo com suas faltas.

Tertulliano cria que as almas tinham sido todas criadas em Adão.

*
* *

Como Platão, Descartes dava a Deus a responsabilidade da differença entre as almas, differença que Plutarcho achava maior de homem a homem do que de animal a animal.

*
* *

Em verdade o que é triste e humilhante é que o homem não se possa conhecer a si mesmo na sua essencia intima, não possa comprehender perfeitamente a natureza de sua alma e qual o laço que une seu espirito idealista ao seu corpo dotado de instinctos grosseiros...

CLAUDIO FRANÇA

O Centro Academico da Escola de Medicina e Cirurgia realizou sabbado ultimo, nos salões do Club de Regatas Guanabara, a sua «Festa do Calouro», na qual se declamou e dançou ao som de musicas modernas. A nova directoria do Centro foi empossada nessa occasião, perante a actual «Rainha dos Estudantes», sra. Anna Amélia, e a sua antecessora, senhorita Zita Coelho Netto.

FILIGRANAS

Senhora, o vosso todo de castellã medieval exilado nesta época, na Avenida, me fascina cada dia mais. Quando vos vejo, mesmo á entrada dum cinema moderno, meu espirito se transporta a dez seculos e vos imagino com os véos longos do "hennin" pontudo derramados em redor do vosso rosto delicado em que os olhos são como duas poças de agua perigosa... Vejo-vos debruçada nas ameias dos roques contemplando as gi-estas floridas que se balançam na escarpa dos fóssos, ou seguindo o vôo dos grous no céo azul... Vejo-vos á noite, com a sombra das sentinellas atirada pelas almenaras nas paredes das cortinas, fazendo cahir uma escada de corda da janella de vossa camara e tenho vontade de vos murmurar ao ouvido os versos duma ballada de François Villon:

Sachez qu'Amour l'escript en son volume.
Et c'ert la fin pourquoy sommes ensemble.

Um flagrante alegre da «Festa do Calouro» dos alumnos da Escola de Medicina e Cirurgia.

TREPAÇÕES

ESSA historia de *miss* — transtornou a cabeça de muita gente bôa.

Certa criatura de certo bairro elegante entendeu,

Roberto, galante filhinho do dr. Francisco de Paiva Cortes, residente em Poços de Caldas.

por exemplo, que é a mais bella de quantas existem no Rio, e vae dahi deu para olhar a humanidade por cima dos hombros, com formidavel desdem.

Os namorados foram despedidos, as amiguinhas postas de lado, e a criatura pavoneia a sua importancia, a sua belleza, pelas pedrinhas das calçadas que orlam a praia, sonhando certamente com a chegada de um principe encantado, um principe de lenda, que a tome nos braços, a envolva na sua capa de sêda, alando para regiões desconhecidas, para bem longe dos sêres inferiores que habitam a terra.

A nossa heroina precisa ter cuidado, pois é assim que muita gente se perde...

MLLE. tem a mania — de escrever cartinhas romanticas, num papel côr de ouro, e perfumado. Um dos seus destinatarios, um escriptor, ha pouco tempo recebeu uma dessas missivas. A pessôa, que a recebeu do correio e lh'a entregou, concluiu, pelo perfume e pela graphia, que se tratava de mulher. Perguntou ao destinatario:

— Paixão, isso?

— Não. Literatura platonica.

— Vem dar no mesmo

— E' — ponderou o escriptor — A literatura e a paixão platonica dão na mesma coisa. São inoffensivas e divertem. Mas, se alguem fosse prejudicado com isso, seria o destinatario, que é o heroe da romantica missivista.

E explicou:

— Toda mulher que ama um cavalheiro á distancia, platonicamente, é como aquella que beijava o noivo em intenção do heroe do seu sonho.

E concluiu:

— Elle estava na sua imaginação, dizia ella, mas quem ganhava os beijos era o noivo.

SABEMOS que Mlle., — desejosa de conhecer aquelle cavalheiro que tanto a preoccupa — desejosa de conhecel-o ou de lhe dar um trote — marcou-lhe um encontro á porta de um cinema — como isso é prosaico! — e deu-lhe uma *toilette* com que não estava vestida.

Disse-lhe que iria só:

— Vem sozinha.

— E si eu a não reconhecer?

— Não é possivel. Mas, si tal acontecer, eu, que já o conheço de vista, irei ao seu encontro...

Sabemos, porém, que Mlle. si foi á entrevista, é claro que lá encontrou um preposto do rapaz a quem ella desejava conhecer.

Será possivel que ainda haja alguem que use desse *conto do vigario* do amor?

O automovel créme mon— ta guarda na praia Botafogo, em ponto estrategico.

Depois, salta de um omnibus galante figurinha, com ares mysteriosos e pula para o lado do *chauffeur* amador.

O motor respira forte, um impulso para a frente e o automovel desapparece, como um raio, rumo desconhecido...

E' um brinquedinho interessante, que diverte e intriga os assistentes,

Milton, filhinho do sr. João Soares Guimarães e de dona Marina Garcia Guimarães.

pois ambos trazem alliança nos dedos...

Achamos, entretanto, conveniente não abusar, porque o divorcio será lei, em breve, e o divorcio poderá fazer descasar os que se sentirem enganados...

Prudencia, prudencia

Fernando Carlos, filhinho do dr. Braz Dias de Pinho e de d. Maria de Lourdes Pinho.

para evitar alguma *derrapagem* perigosa...

FOI um prologo de ro— mance, aquelle amor. Começou uma noite de luar, entre as roseiras floridas de um jardim, em bairro "chic" da capital. Ella o conhecêra á tarde e já á noite o tinha a seu lado, num idyllio romantico, sob a luz serena do luar. E ali, naquelle jardim de tantas recordações — naquelle jardim... dos amores, os dois arrulharam longamente, sentindo o perfume das violetas de maio e ouvindo a harmonia melancolica de um violino que derramava na noite as suas notas doloridas.

Entre as roseiras floridas, houve beijos, naquella noite... Naquella noite que foi a primeira e a ultima em que elles sonharam acordados...

Foi um prologo de romance, aquelle amor...

DOMINGO ultimo, foi solennemente commemorada, na embaixada da Italia, a data do «Statuto», que reuniu em torno do embaixador Attolico grande parte da laboriosa colonia italiana, numa festa expressiva de evocação da patria distante.

FILIGRANAS

Ariosto tem estes versos no canto decimo do seu *Orlando Furioso*:

Come segue la lepre il cacciatore
Al freddo, al caldo, alla montagna, al lito;
Nè più l'estima poi che presa vede;
E sol dietro a chi fugge affretta il piede.

O velho Montaigne applicava perversamente esses versos ao amor. Assim como, dizia elle, atravès das neves ou sob o sol quente, dos montes e dos valles, o caçador segue a lebre para não fazer o menor caso della, assim o amante perde o seu desejo *forcené* depois que o satisfaz. E, então, elogiava a amizade tanto mais elevada e viva e forte quanto mais antiga. Mas é que o velho pensador francês esqueceu a terrivel combinação da amizade e do amor — rara, porém que existe, — e que é a tal que vulgo diz que pega de galho.

FILIGRANAS

A rainha Margarida de Navarra, irmã de Francisco I, rei da França, a cujo fino espirito se devem as alegres paginas do «Heptaméron», escreveu no Prefacio do mesmo livro, que Simontault, personagem [illegible], disséra: «Senhoras, fui tão mal recompensado pelos meus longos serviços que, afim de vingar-me do amor e de quem é cruel para commigo, vou dar-me ao trabalho de reunir todos os racontros de peças que as mulheres têm feito aos pobres homens e sómente direi a verdade».

Essa promessa é irrealizavel, porque não se podem calcular os maleficios causados aos pobres homens pelas mulheres sinão comparando-os um a um com os maleficios causados ás pobres mulheres pelos homens...

A Academia de Commercio do Rio de Janeiro, commemorando, sabbado passado, o vigesimo setimo anniversario de sua fundação, realizou uma solennidade no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, onde collaram grão os novos contadores daquelle estabelecimento de ensino commercial.

FILIGRANAS

Ha gente que não devia frequentar certos logares, porque nelles sua unica utilidade é incommodar os outros. Infelizmente, não ha nenhuma medida policial a que se possa recorrer para evitar o que costumam praticar.

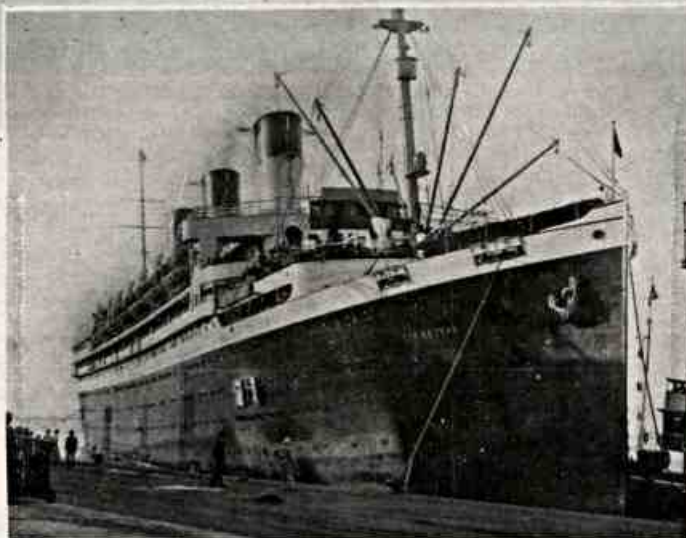
Foi o caso duma senhora gorda que o outro dia, por mal de meus peccados, ao meu lado se sentou num cinema. Como a sala estivesse cheia e não houvesse onde me sentar, preferi ir embora a continuar junto daquella bola de unto temperado com osso-fétido.

Sahi furioso e, si ella entendesse o que queria dizer, ter-lhe-ia lançado a apostrophe da famosa Satyra Menippéa:

— *La queue vous fume!*

Arre!

OS VIAJANTES ILLUSTRES DO «CAP «ARCONA»

O «Cap Arcona», o grande e luxuoso transatlantico da Companhia Hamburgueza Sul Americana, de que são agentes nesta capital os srs. Theodor Wille & Comp. (Avenida Rio Branco), chegou, terça-feira pela manhã, ao porto do Rio de Janeiro, e trouxe da Europa, de onde veiu, figuras de destaque em nosso mundo scientifico, diplomatico e politico.

Entre outras personalidades illustres que viajaram no «Cap Arcona», desembarcaram nesta capital o professor Juliano Moreira, que volta de sua viagem á Europa e ao Oriente; o deputado Assis Brasil, da Alliança Libertadora; o dr. Guilherme Guinle, os ministros Araujo Jorge, Ipanema Moreira e Lucillo Bueno. Como se vê, o «Cap Arcona» é o transatlantico dos diplomatas, dos scientistas e dos politicos.

D. Bosco e suas obras

COM a beatificação de D. Bosco, o grande e santo educador, e glorioso fundador da Ordem dos Salesianos, exultou a alma catholica de todo o mundo.

A 2 de junho corrente, o Summo Pontifice declarou, com a solemnidade e a pompa do ritual, a beatificação desse nobre missionario do Bem e da Religião, a cujas iniciativas tanto deve a Egreja Catholica.

Damos, a seguir, uma resenha do que foi a obra do apostolo de D. Bosco.

"D. Bosco nasceu a 16 de agosto de 1815, em Becchi de Castelnuovo D'Asti (Turim). Iniciou a sua obra em Turim, no dia 8 de dezembro de 1841, catechizando um pobre menino. Foi quem ideou o Oratorio Festivo, as Escolas Profissionaes e o chamado "Systema Preventivo da Educação", especialmente baseado na caridade, na razão e no temor de Deus. Falleceu a 31 de janeiro de 1888.

Sua primeira séde estavel foi um simples alpendre em Valdocco, então arrabalde de Turim), logar onde agora se ergue a Casa Matriz dos Salesianos (Via Cottolengo, 32), com 700 alumnos internos e outros tantos externos. Já em 1859, deu elle inicio á sua ordem, que foi approvada pela Santa Sé, em 1869.

Depois da sua morte, ella continuou a desenvolver-se rapidamente. Deu á Egreja dois cardeaes (Cagliere, já fallecido, e Hlend, actual primaz da Polonia); 5 arcebispos (dos quaes 2 no Brasil: Marianna e Cuyabá); 19 bispos, 4 no Brasil: Petrolina, Goyaz, Corumbá e Campos); 6 prefeitos apostolicos (2 no Brasil: Monsenhor L. Gierdani e Monsenhor P. Massa), e 2 delegados apostolicos (Filippinas e Haiti).

Actualmente, a congregação consta de 8.000 socios salesianos. Os collegios e residencias são 600, dos quaes 44 no Brasil.

A Congregação Salesiana consta de 38 inspectorias e 8 visitadorias. As missões a cargo dos salesianos são 16, com 98 residencias consideradas "logares de Missão" pela *Propaganda Fide*.

Em 1923, as fundações salesianas abrangiam as obras seguintes: 280 oratorios festivos e quotidianos, com aulas nocturnas, após-escolas, caixa de soccorros mutuos, escoteiros, sociedades gymnasticas e sportivas; 122 institutos para meninos pobres estudantes primarios e secundarios, aprendizes e agricultores, com 93 escolas profissionaes (artes e officios), 28 escolas agricolas com aulas de agricultura theorica e pratica; 130 entre collegios e pensionatos e para estudantes primarios e secundarios, com aulas

D. Bosco — o santo sacerdote — cuja beatificação foi ha pouco declarada pelo Summo Pontifice.

annexas; a *obra de Maria Auxiliadora* para cultivar as vocações ecclesiasticas (18 Casas de Filhos na Colombia, 300 entre parochia e Terra do Fogo, nos Pampas, no Brasil (no Matto-Grosso e Rio Negro), no Paraguay, no Equador, na India, na China e na Australia; *Assistencia espiritual aos leprosos* na Colombia, 300 entre Parochias e egrejas publicas, sem contar as semi-publicas; secretariados e outras obras de assistencia para os emigrantes europeus, principalmente italianos; *Diffusão da Boa Imprensa*.

São perto de 450.000 as pessoas que receberam sua educação nos institutos salesianos. E' caracteristica a organização dos ex-alumnos reunidos numa poderosa *Federação Internacional* (com séde em Turim) para manter vinculos de affecto, communhão de principios e tambem de acção com seus educadores. Entre elles ha muitissimos sacerdotes, diversos bispos e muitos outros personagens de destaque social.

As obras salesianas vivem graças ao apoio generoso dos cooperadores, instituidos por D. Bosco em 1876, e que eformam uma especie de ordem terceira espalhada por todo o mundo. Seu orgão official é o *Boletim Salesiano*, do qual se imprimem todos os mezes, em diversas linguas, 220.000 copias.

Segundo uma expressão do cardeal Parocchi, a nota caracteristica dos Salesianos é a caridade exercida de accordo com as exigencias do seculo presente, para reconduzil-o a Jesus Christo. E' esta a razão principal da sympathia de que elles gozam até entre pessoas de principios differentes.

No Brasil, a obra salesiana está dividida em 3 inspectorias: a do Sul (do Espirito Santo ao Rio Grande do Sul), com séde em São Paulo; a do Norte (da Bahia ao Amazonas) com séde em Recife; a de Matto-Grosso, com séde em Cuyabá.

Estão funccionando, actualmente, 24 collegios, alguns dos quaes são exclusivamente para alumnos pobres, sendo que em todos os outros ha tambem grande parte de alumnos gratuitos.

Além desses 24 collegios, ha mais 20 residencias: parochias, missões, etc. Os principaes centros de Missão acham-se em Matto-Grosso, Rio Negro e Porto Velho.

A Congregação Salesiana mantem no Brasil 7 escolas agricolas, 9 escolas profissionaes, 10 santuarios e 6 typographias para diffusão da Boa Imprensa.

O maior collegio salesiano do Brasil é o Lyceu Coração de Jesus, em São Paulo, com a frequencia de 2.000 alumnos. O collegio mais antigo é o Collegio Santa Rosa, de Nictheroy, fundado em 14 de julho de 1883. O mais recente é o Instituto São Francisco de Salles, do Rio de Janeiro, fundado em 29 de janeiro do corrente anno."

A APOSTA

De J. H. ROSNY

— E sem duvida, disse Philippe, o automobilismo vae desferir um ultimo golpe nas velhas e encantadoras paizagens, e visita de myriades de mendigos acabará por destruir os aspectos mais duradouros da França ancestral. Mas essa França, ella propria, não tem mais o aspecto da Gallia. A terra, além do mais, se transformou, milhares de vezes, no seu conjuncto, antes mesmo que a besta humana apparecesse sobre ella. Nós não fazemos senão apressar as metamorphoses. Nossos filhos encontrarão o remedio para isso. Quanto a mim, eu não saberia odiar os *teuf-teuf*. Eu lhes devo emoções delicadas, novas e encantadoras. E mesmo um pequeno milagre.

* *

DURANTE o ultimo outomno, eu fazia o automobilismo sobre os caminhos da Gironda. Sou proprietario ahi: possúo um castello, um parque de pinheiros, carvalhos verdes e sycomoros. Uma larga estrada, larga e bem trabalhada, separa a minha propriedade de uma outra, que é rica de bosques verdes, vinhas, pomares, terras cultivadas — e pertence ao sr. W. C. B. Morrison, de Connecticut. Esse cavalheiro fazia, como eu, o automobilismo, e as suas cinco filhas praticavam o *teuf-teuf* com "emballement".

Essas jovens eram impetuosas, temerarias, resplandecentes, umas com cabelleiras de sol e olhos de fogo escuro; outras com longos cabellos do Erebo e olhos cheios da luz do canal de São Jorge. Uma dellas, sobretudo, — Ellen — me agradava perdidamente. O céo e o inferno habitavam o seu olhar, as suas magnificas pupillas, que reflectia uma flamma lilaz, sobre a sombra, e dardejava raios de esmeralda em pleno dia. A sua cabelleira escorregava sobre as espaduas, com a doçura dos veludos e a selvageria das hervas, na tempestade. A sua face era de uma luz dôce e suave; a sua bocca uma fornalha de volupia. Não havia criaturas mais vivas. Todos os seus movimentos indicavam liberdade e desenvoltura, mas com o rythmo divino das jovens que alliam a segurança do gesto á perfeição dos contornos.

Parecia feita de caprichos, seductora como a onda, insaciavel como o sôpro das florestas. Mas no fundo, era sincera, era leal e fiel.

* *

UM armador me havia apresentado ao sr. W. C. B. Morrison. Eu lhe agradára. O americano me confundia, de bom grado, com a sua horda graciosa e, em varias noites, corremos juntos, pelas estradas, com um fragor de carros de guerra, que faziam os camponezes se levantar e as mulheres fugir com pavor.

Eu fazia a côrte á Ellen. Sem esperança. A joven me tratava como a um simples camarada. Procurava, constantemente, a minha companhia, mas com uma alegria, um enthusiasmo, uma força de sympathia, que apagavam, nos meus labios, o fogo das minhas palavras galantes.

rapaz. E tinha mesmo a illusão, muitas vezes, de vencer o meu *penchant* — sobretudo quando rolavamos com o fragor dos ferros e das engrenagens das nossas machinas, lançadas a toda velocidade, através do horizonte sem fim. Mas durante as paradas, os passeios a pé, á borda dos lagos e á sombra religiosa das faias, de repente o olhar verde ou malva me penetrava de um clarão ardente, suave e selvagem, que dissolvia toda a minha casualidade.

* *

UMA noite, haviamos partido juntos, de tricycles. Deviamos ir a Bordeaux e voltar: Morrison offerecia um "lingot d'or vierge" ao vencedor. Nós fomos de bom grado, radiantes, e, graças a algum accidente occorrido com miss Rosemonde e a Morrison, ganhamos, Ellen e eu, um grande avanço.

A noite era prodigiosa. Venus e Jupiter luziam como pequenas luas, num céo fremente de constellações e poeira prateada.

Por volta de dez horas, fizemos alto para admirar algumas estrellas que nos interessavam. Uma dellas era a grande Wega, a rainha scintillante do norte, que palpitava sobre a lyra, como um pequeno coração de diamante.

— E' a minha estrella! — disse ella... Qual é a sua?

— Dê-me uma! — fiz com um tremor na voz. Si eu vivesse cem annos, seria capaz de fital-a todas as noites. Por amôr de você...

— Oh, todas as noites! — exclamou ella com um pequeno sorriso.

Uma brisa leve sacudia a sua saia curta. O seu semblante me enchia de uma ternura desesperada. E nunca ella me havia fornecido um tão lindo symbolo de felicidade.

— Pois bem, continuou.... Dou-lhe Altair, ali, sobre a Aguia. Não a esqueça!

— Tanto quanto não esquecerei que a amo.

Cuide do seu corpo...
ajude a propria natureza...
O EXERCITADOR E REDUCTOR ELECTRICO "TOWER" ESTIMULA, POR MEIO DA MASSAGEM VIBRATORIA, A CIRCULAÇÃO DO SANGUE, DESENTORPECE OS MUSCULOS, TECIDOS E NERVOS, NORMALISA O FUNCCIONAMENTO DE TODOS OS ORGÃOS, ELIMINA A GORDURA SUPERFLUA E CONSERVA O CORPO ESBELTO E SADIO. PROPORCIONE AO SEU CORPO O BEM ESTAR DIARIO, FAZENDO QUINZE MINUTOS DE EXERCICIO PELA MANHÃ, NA COMMODIDADE DO SEU "BOUDOIR".
Moulding
the
Hips

A APOSTA

(Conclusão)

Ella riu ainda, e disse com uma voz argentina, como a agua das fontes, sobre o dorso de uma rocha:

— Como diz você, French?

Repeti a minha phrase com uma voz tremula. Ella mergulhou nos meus olhos o seu grande olhar. Não riu mais. Ficou grave, quasi feroz. Depois, o seu riso voltou, — mas aspero, bellicoso. Exclamou:

— Você já ouviu dizer, sem duvida, que certos Tartaros devem conquistar a sua noiva durante as excursões, as caminhadas. Façamos um *handicap*. Nossos *tri* substituirão os cavallos. Avanço cincoenta metros na frente. Si você me alcançar, será então meu esposo.

— Não se divirta commigo, Ellen, murmurei, com uma certa tristeza.

— Não me divirto! — exclamou. Avanço. *All right*.

Ella montou na sua machina. Demarrou, e ouvi-a dizer pouco depois:

— Vamos! Pode partir!

* *

Oh, essa corrida!

Eu me hei de recordar sempre da silhueta que fugia pela noite, do vento que me acariciava o rosto, da minha embriaguez de amôr, de guerra e de espanto.

Vinhas, casas, villas, arvores fugiam como meteoros. Parecia que eu corria por entre as estrellas. E si bem que eu não acreditasse na promessa feita, corria com a vertigem de um homem que devia salvar a sua vida ou ganhar a sua felicidade. Ai de mim! Eu não via diminuir a distancia, entre o *tri* da adoravel fugitiva e o meu. E já o dominio do sr. Morrison apparecia no horizonte, sob os reflexos do grande pharol azul e vermelho, que rodava no [...] da casa. Arrisquei tudo para alcançal-a. O meu [...] descia freneticamente a ladeira que levava á [...] propriedade... e, desta vez, pareceu-me ganhar terreno. Ainda um kilometro, ainda quinhentos metros, ainda cem metros — estou perto — chego á altura de Ellen — attinjo o pateo.

— Hurrah! — gritou a magnifica vencida.

E eis-nos de novo, sózinhos, dentro da grande noite. Os olhos extraordinarios me penetram. Depois, dois braços encantadores sobre os meus hombros, um ninho de cabellos sobre a minha bocca, e uma [...] dôce, e ao mesmo tempo voluntaria, graceja[...] apai-xonada:

— Muito bem! caro French.... você deseja ser meu esposo.... Juro que, si você o quer, sel-o-á.

Soltei um grito de alegria. Afundo o meu rosto na massa negra do seu cabello, emquanto Ellen murmurava:

— Eu retardei a marcha, meu querido!

DO DIARIO DE UMA FEIA

Sabbado, 3 de janeiro.

Sinto-me tão bem, hoje, tão feliz! E' que... Foi assim:

[illegible] sou feia e seria preciso que uma pessoa [illegible] qualquer sentimento extraordinario para commigo [illegible] deixar de percebel-o.

Tudo indica em mim:

O rosto [illegible] desgracioso, em que os olhos de uma côr [in]decisa, conservam um brilho quasi apagado; o [illegible] pouco adunco; os lábios, grandes e irregulares, [illegible] cabellos lisos e estirados bem o denotam, sem falar [illegible] de magreza, posso dizer, saliente sem [illegible] pormenor que attenue este meu physico desen[illegible] e ridiculo. Conheço-me perfeitamente e por isso, [illegible] instinctivamente, me retraio de qualquer logar em que a minha triste fealdade possa fazer-se notada ainda. E é assim que me encontro de cos[tume] [illegible] canto de sala ou sob a protecção de uma [illegible] discreta, ou em um terraço solitario. Dalli, em [illegible] e satisfeita por estar só com os meus pensamen[tos], fico a scismar...

Scismar... Em que?

[illegible] em todas essas figuras de mulher que passam [illegible] meus olhos, ou no rodopiar de uma valsa ou [illegible] simples passeio pelo braço de um cavalheiro ele[gante], e... sem querer, sinto-me arrastada a exami[illegible] e comparal-as commigo! Oh! não penso que todas [illegible] mulheres lindas sejam comparaveis commigo. Po[illegible] de mim! Pelo contrario, admiro o contraste que a [illegible] caprichosa costuma produzir. E, como estheta, [illegible] sinto nenhum rancor, nenhuma inveja perante a [illegible] das outras mulheres, tão vaporosas e finas em [illegible] roupas modernas, donde irradiam a mocidade fresca [illegible] formas de sylphides, a belleza culta de seus [illegible] classicos que marcam época na historia da [illegible] feminina. Admiro todas essas criaturinhas, que [des]pertam em mim um sentimento bom.

E foi em um baile em casa de L. que notei aquella [illegible] de olhos negros e intelligentes, extraordinaria[mente] bella, de uma fragilidade de porcelana de Sèvres, [illegible] sempre se sabia fazer rodeada de um grupo de admiradores sinceros e que mal lhe davam folego para prestar alguns momentos de attenção a outros circumstantes, portanto, ainda muito menos á minha humilde pessoinha sempre escondida no fundo da sala.

Sentia um prazer infinito em vel-a falar, dançar, animar o ambiente com o seu sorriso alegre e o rythmo de seu corpo admiravel! Sentia como que um respeito por tanta belleza e achava-me quasi que feliz se o seu olhar, errante pela sala, por acaso passava por mim. Não sei, mas sentia-me muito humilde, muito pequenina ante ella. Achava natural que ella nunca se apercebesse de minha figura desajeitada, que ella nem suspeitasse da minha existencia.

E, no emtanto, esta noite, depois de meu recital de violino no Club dos A., quando, fugindo ás manifestações de agrado, já me tinha refugiado no vão de uma janella, para apreciar, de longe, o baile que se ia dar, vi, com a maior surpreza, e com uma felicidade subita a palpitar-me no intimo, aproximar-se de mim a moça loura com passo rapido; e, com um esplendido sorriso no canto da bocca, sem esperar que o cavalheiro que a acompanhava fizesse as apresentações banaes, ella me abraçou effusivamente e me disse, deixando-me cada vez mais attonita:

— Felicito-a, querida. Em si reside a verdadeira belleza. A sua arte admiravel nos transporta, de um momento para outro, a um mundo desconhecido, fazendo-nos sonhar... deliciosamente! Como é bom ser uma artista como você, e é pena que não se tenha dado a conhecer ha mais tempo. Se quizer, faremos boa amizade; eu amo a musica e minha professora de piano diz que tenho temperamento artistico. Havemos de ser optimas amiguinhas, não é?

E, antes que eu tivesse podido sahir do meu espanto, tomou-me pelo braço e arrastou-me para o salão de baile. Apresentou-me a alguns de seus mil e um admiradores e, com a maior estupefacção, percebi que todos esses rapazes que dantes nem sequer me tinham olhado ou reparado, agora me dirigiam phrases agradaveis, dizendo-me que eu era sympathica, interessante, o que eu não podia comprehender. Foi para mim uma noite de triumpho, porque, afinal, a minha nova e inesperada amiga acabou por achar-me até um tanto bonita, e eu não cabia em mim de alegria, de satisfação moral.

E esta noite comprehendi, mais que nunca, o pensamento de que «a arte embelleza o artista».

CATHARINA M. MEILER.

VARINHA DE CONDÃO

Simplicidade. A distincção é quasi sempre feita de simplicidade. Não ha duvida que a moda actual tem pendido para o maior capricho e fantasia nos feitios das *toilettes*, e que os modernos vestidos, mormente os de *soirée*, apresentam um luxo de ornamento, uns requintes de faceirice bem feminina, mas é preciso que a linha singela e sóbria não seja esquecida em certos trajes, afim mesmo de formar o contraste que tornará os outros ainda mais attrahentes.

Referimo-nos ás pequenas *toilettes* esportivas e matinaes, dos ensembles para compras ou trabalho.

Offerecemos hoje ás nossas amiguinhas um gracioso modelo de costume, simples e pratico. (Fig. 1) E' kascha de lã côr de chumbo: o casaco tem como unico ornamento dois grupos de preguinhas nos hombros, os bolsos amplos e a gola que se prolonga em comprida écharpe. A saia é toda em grupos de pregas presas até a altura dos joelhos. Completa o costume uma blusa de seda gris, abotoada por tres grandes botões de aço.

Monogrammas. Foi provavelmente o humanissimo instincto da propriedade que inventou o habito de marcarmos roupas e objectos nossos com as letras de nosso nome.

A utilidade pratica de tal costume é patente no bom governo de uma casa, difficultando o desvio das peças de um enxoval, e facilitando o serviço das lavadeiras no recolhimento e separação do que pertence a cada freguezia, evitando confusões e trocas.

Mas, além dessas vantagens materiaes do monogramma, tem elle o attractivo da nota pessoal e interessante que põe nas roupas. A variedade de formato é grande: os ha quadrados, redondos, oblongos, pyramidaes. Podem ser escolhidos em estylo italiano ou inglez, ou ainda cubista ou futurista.

A côr do monogramma deve combinar com da fazenda que elle orna. Sobre roupas brancas, é sempre branco, a menos que estas sejam bordadas ou beiradas de côr, caso em que poderá ser do gramma será branco, ou lo bordado. Sobre roupas de tecidos matizados, verde pallido, rosa, azul, creme, lilás etc., o monogramma será branco, ou na mesma côr da fazenda, apenas em tom mais claro ou mais escuro, para se destacar.

Tambem importa muito a posição do monogramma sobre a peça que este marca. Em uma toalha de mesa, por exemplo, seu local deve ser determinado de modo que elle fique sobre a mesa, ao ser posta nesta a toalha, e não em uma das pontas cahidas. Si a mesa é quadrada e pequena, o monogramma ficará em um dos angulos, si aquella for muito longa, poderá a toalha trazer dois monogrammas collocados em angulos oppostos.

Os desenhos do tecido sobre o qual vae ser posto o monogramma tambem importam para a escolha da posição onde ficará este. Quando em uma toalha de mesa adamascada, por exemplo, o angulo onde deve ser posto o monogramma apresenta uma barra ou um florão, aquelle pode ser afastado mais para cima ou para baixo.

Na figura 2 vêem-se alguns typos de monogrammas interessantes, e o modo de os collocar entre os desenhos dos tecidos sobre os quaes são postos.

Uma questão que surge naturalmente ao se falar em monogrammas, é com que iniciaes devem as noivas marcar seus enxovaes: as suas de solteiras ou a de seu primeiro nome entrelaçada com as letras do appellido do noivo? Entre nós, em geral marcam as moças a sua roupa particular com suas proprias ini-

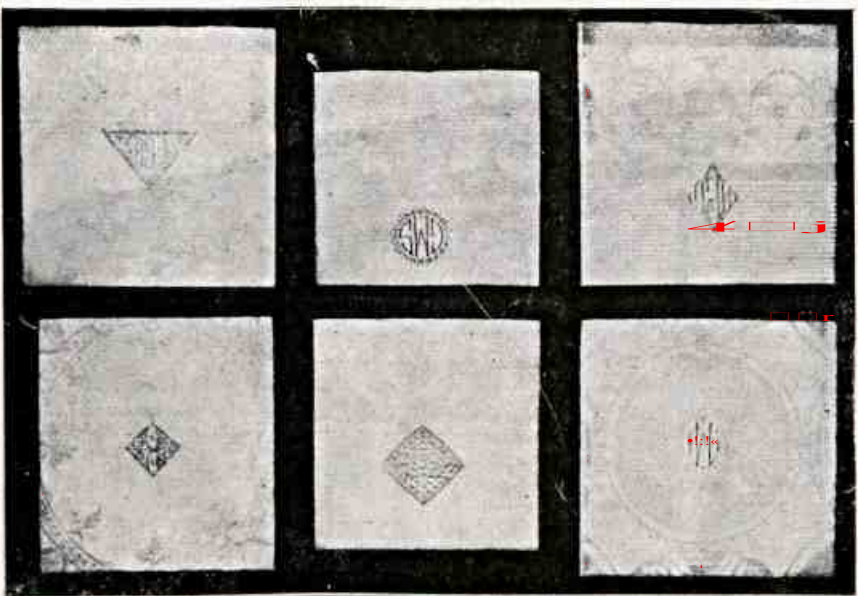
Fig. 1

ciaes, e a de cama e mesa com as do noivo apenas ou as do noivo entrelaçadas ás suas. Mas o problema maior é em saber si o monogramma da noiva deve conter suas iniciaes de solteira ou as que serão suas após o enlace... Neste particular a moda não traz solução. Não ha duvida que a segunda maneira é mais correcta... Mas apresenta um grave inconveniente: si acaso o noivado se rompe depois de preparado todo o enxoval fica este inutilizado, ou a moça na contingencia de procurar outro noivo cujo nome de familia principie com a mesma letra que o do seu ex-futuro esposo...

Entretanto, para aquellas que tiverem a resolução inabalavel de casar com o dito cujo, ou se suicidar, fica o problema simplificado.

A arte do mobiliario: Muitas vezes as exigencias de uma planta feita para as modernas e exiguas dimensões de um terreno adquirido a 4 e 6 contos o metro, forçam o architecto a desfazer a symetria de um quarto, cortando-o em angulo, ou diminuindo-lhe um canto de modo irregular. Os proprietarios em geral protestam, habituados aos quadrados perfeitos, e ficam assustados á difficuldade de mobiliar aquelle recanto imprevisto e fantasista.

No entanto, talvez haja erro nisso; com um pouco de imaginação e bom gosto, essa quebra do modelo commum de quartos e salas, pode até dar ensejo a arranjos graciosos e elegantes.

Assim, para um angulo estreito, cujo não aproveitamento não parecia facil, a suggestão desse largo divan fig. 3) é muito interessante. Termina-o, formando quina apoiada ás paredes, uma pequena mesa-estante, sobre a qual pousa uma lampada de estylo moderno, velada de papel pergaminho ornado por uma flor de chitão, applicada, collada e envernizada. Enfeite semelhante se vê recortado e applicado num canto do tecido liso que forra o divan, e no alto na barra das cortinas que enquadram a janella.

Um grande espelho fixado á parede reflecte a luz... algumas almofadas, uns livros, uns pequenos quadros escolhidos, um alegre boccal de vidro contendo os vivos rubis de uns peixinhos minusculos... e eis um recanto intimo e encantador para umas horas de repouso, de leitura ou devaneio...

CINDERELLA.

Fig. 2

Fig. 3

Por causa das Violetas

De ROQUE D'. MASI

O concerto havia terminado já, e só resoavam na sala, os applausos, os *bravos* e alguns *bis* prolongados, com que é de praxe rigorosa epilogar todos os nossos espectaculos publicos.

Muitos espectadores, de pé e com os antebraços horizontaes, impe-de costume [illegible] impe-diam a sahida aos que queriam abandonar o salão.

Entre estes ultimos estava Julio, o critico de uma importante revista, que queria retirar-se cedo, afim de preparar o seu trabalho, para o numero immediato. Encolhendo-se com difficuldade, ora quebrando o corpo, para esquivar as mãos que applaudiam, ora intromettendo-se entre as cadeiras, procurava ganhar a sahida quanto antes. Foi em uma dessas manobras, de salto de barreiras, que o seu paletot roçou a cintura de uma dama, de onde se desprendeu um ramo de violetas.

— Oh, perdão!

E ao pronunciar estas palavras, Julio apanhou o ramo e o offereceu á sua dona, ajuntando um galanteio. A dama era uma formosa mulher que Julio havia visto em innumeras reuniões, acompanhada de outra mulher joven e um cavalheiro elegante, gordo, de cabellos grisalhos. Mas nunca havia trocado palavra com qualquer dos tres. Era a primeira vez que lhes podia falar, e, aproveitando a opportunidade, tratou de fazel-o, adoçando a voz e ennobrecendo o gesto. Ella, por sua vez, sorriu amavelmente e estendeu a mão para tomar as violetas. E deu-se a casualidade de que, juntamente com as flores, estavam os dedos de Julio. Os dedos de ambos se roçaram, e elles se miraram com embaraço.

Ella baixou a cabeça, e elle já não teve pressa de saltar as cadeiras. Achou mais razoavel pedir, para si, aquellas flores e exercitar as suas qualidades de franco atirador.

A feliz coincidencia teve um epilogo ainda mais feliz.

Quando se despediram, e a dama ia tomar o automovel, Julio foi apresentado á outra joven e ao cavalheiro elegante, e recebia, assim, á queima-roupa, o mais formal convite para visitar a casa.

Uma vez só, Julio sahiu a dar pulos de contente, trauteando trechos favoritos e sem se lembrar se alguem o espreitava ou ria delle.

Já em casa, preparou a sua machina de café; tirou o sobretudo e o paletot, trocando-o por um pyjama, e começou a retirar os livros de sobre a sua secretária.

Esses livros e revistas iam parar sobre a cama, e dahi voltavam á mesa, quando aquella fazia falta, ou iam ao chão quando usava, alternativamente, a mesa e a cama.

A verdade é que habitualmente parecia uma livraria em mudança, o quarto desse cavalheiro, cujas criticas eram uma constante lucta pelo methodo, pela logica, pela claridade, a disciplina, a harmonia.

Tomando o saboroso café, promptos penna e papel, Julio tratou de ordenar no seu cerebro as observações que havia decidido formular a proposito da musica ouvida naquella noite.

Regularmente, á medida que a execução se desenvolvia, elle reunia as observações, annotando as mais agudas, depois lhes dava corpo e as redigia, rapidamente.

Mas desta vez aquelle doce episodio lhe havia dispersado as idéas e, agora, não acertava a ordenal-as nem sequer, os detalhes mais claros.

E vendo que a tarefa não se tornava facil — como para apagar toda a outra recordação, passeou um pouco, ao longo da habitação, estirando os braços e alisando os cabellos.

De repente, o seu olhar se deteve sobre o pequeno ramo de violetas: a visão da sua offertante supplantou de todo as poucas idéas que havia logrado agrupar com tão penoso esforço.

Um instante depois, Julio abriu a janella, e assomava sobre ella. As luzes illuminavam a avenida, alongadas pelos carros e automoveis, em marcha vagarosa ou veloz. No céo alto, de um azul claro e vasto, a lua cheia parecia pulverizar a prata pallida do seu rosto, inundando o espaço com a sua nue claridade.

E Julio ficou absorto, ebrio da serena belleza, com o olhar fixo no alto.

As manchas que a lua apresenta appareceram aos seus olhos como violetas casuaes, aquellas violetas frescas e olorosas, cuja forma adquiria cada vez mais relevo.

O tempo que permaneceu nesta attitude não deve ter sido muito breve, porque quanto deu de si, sentia um frio atroz.

Cerrou a janella. Repetiu a sua taça de café. Mas já não pôde escrever a sua chronica.

A essa altura elle nada mais teve que fazer senão isto: atirou os livros para um lado, e metteu-se entre os lenções de linho, e cobriu-se até a cabeça, depois de ter apagado a luz.

* * *

Mulher! Que transtornos não causa ella na vida de um homem organizado ou mesmo desorganizado!

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL.

O PODER DO SILENCIO

DA TIFFANY STAHL

Cinema GLORIA — Esta semana foi a semana dos dramas. Este trabalho é dos melhores que a Tiffany nos tem mandado. Reunindo um *cast* superior, traz á sua frente essa admiravel estrella dramatica que é Belle Bennett, uma grande sensibilidade servida por uma expressão physionomica que causa emoção á creatura mais fria. O seu trabalho n'este film é primoroso de verdade, de emoção e convicção. Artistas d'este quilate enobrecem a arte cinematographica. O enredo é excellente, a direcção acertada, a technica bôa.

Cotação — BOM

O TURBILHÃO

FIRST NATIONAL

Cinema ODEON — Todos os trabalhos de Milton Sills se notabilizam pelas expressões dramaticas da sua figura de actor violento. Este film não é certamente das melhores cousas que lhe têm entregue. O enredo é d'uma fraqueza de imaginação que causa arrepios. As situações não empolgam, excluindo as finaes, quando da quéda da barreira sobre o trem em que viajam a mulher e o filho. Thelma Todd é uma mulher formosa, mas é só. Tem pouca alma, nenhuma vibração, formando um verdadeiro contraste com o actor de profundo realismo que é Milton Sills. O que n'esta pellicula se póde considerar superior é a technica, obra de felicissimos resultados que empolga e emociona.

Cotação — BOM

O PASSADO NÃO MORRE

DA FOX

Cinema PATHE-PALACE — Romance do *bas-fond* d'uma grande cidade americana. Pustulas sociaes, meios deleterios, situações asquerosas. Final: a virtude vence o vicio; a honra o crime. Isto é tal e qual os velhos dramas romanticos de ha cincoenta annos. Por que os não recebe mais o publico nos theatros, e os acolhe com sympathia e interesse no *ecran*? Porque lhe são dados sem o dialogo estupante, com uma interpretação mais leve, e com o interesse da variedade, sempre desejada, do ambiente em que se desenrola a acção. Dos interpretes, Mary

PORQUE AS ACTRIZES NUNCA ENVELHECEM

('Theatrical World').

De tudo que se refere á profissão theatral, nada é mais mysterioso para o publico que a perpetua mocidade das suas mulheres.

Quantas vezes escutamos dizer: oh! si a vi fazem quarenta annos no papel de Julieta e me parece que não tem um anno mais de edade!" Naturalmente deve-se ter em conta a maneira de caracterizar-se, mas, quando nós as vemos fóra do palco, então se tem outra explicação.

Como é estranho que quasi a totalidade das mulheres não conhecem o segredo de conservar o rosto sempre joven. Que cousa tão facil, é comprar numa pharmacia um pouco de cera pura mercolized em inglez "pure mercolized wax" applical-a á cutis como se faz com o cold cream e lavar-se pela manhã. Esse tratamento absorve progressiva e imperceptivelmente a epiderme velha e deixa a cutis nova e fresca, livre de pequenas rugas, pallidez e excessivo rubor. O uso da pure mercolized wax é razão pela qual as actrizes não têm o rosto desfigurado com manchas, sardas, etc., etc.

Porque as nossas irmãs do outro lado dos mares não aprendem essa lição e não a aproveitam.

PARA AFORMOSEAR E FAZER CRESCER O CABELLO.

Os sabões e os shampoos artificiaes, causam a ruina em muitas cabeças de preciosas cabelleiras. Poucas pessoas sabem que uma colherzinha das de café, cheia de stallax diluido em uma chicara de agua quente, exerce uma natural affinidade sobre o cabello e constitue a lavagem de cabeça mais deliciosa que se possa imaginar. Deixa o cabello brilhante, suave e ondulado, limpa completamente a pelle do craneo, e estimula, sobremaneira, o crescimento do cabello. Vende-se nas pharmacias, sómente em pacótes sellados, a um preço que não é elevado, porque cada pacóte contém quantidade sufficiente para fazer de vinte e cinco a trinta shampoos, o que, finalmente, resulta economico.

PEOR AINDA DO QUE CABELLOS GRISALHOS!

Os cabellos prateados dão um certo encanto e distincção — comtudo as senhoras assustam-se á vista do primeiro cabello branco, preoccupando-se menos com a perda do cabello. Na maior parte dos casos uma cabelleira fraca é devida ás raizes não serem devidamente alimentadas ou estarem obstruidas pela caspa. A Lavona — Tonico dos Cabellos — remedio agradavel, fará parar esse começo de calvicie, pois que os ingredientes especiaes que formam a sua base fortificam as raizes, estimulam o couro cabelludo, destroem a caspa e voltam a dar ao cabello os seus reflexos naturaes e encantadores.

SENSAÇÕES PENOSAS DEPOIS DAS REFEIÇÕES

As sensações penosas depois das refeições, taes como as azias, pesadumes e digestões difficeis, devem muitas vezes a sua origem á secreção d'um succo gastrico demasiado acido. Esta acidez provoca a fermentação dos alimentos e por falta de precauções o mal se torna peor depois de cada refeição. Para neutralisar a acidez e regularisar as funcções do apparelho digestivo, tome Magnesia Bisurada. Meia colher de café de Magnesia Bisurada n'um pouco de agua depois das refeições faz desapparecer quasi immediatamente os incommodos digestivos e assegura uma digestão regular e sem dôr. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as Pharmacias.

NOS CINEMAS DA AVENIDA — (Continuação)

Astor é uma artista em destaque, que merece, pela sua sentimentalidade, sempre o interesse do publico. O resto vale pouco, e nem a direcção ou a technica representam qualquer cousa de excepcional.

Cotação — SOFFRIVEL

LOBOS DA CIDADE

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Não se dirá que esta comedia de aventuras da Universal deixe de ter um pouco de interesse. Basta ser de aventuras, para prender a attenção do publico. A interpretação é que é um pouco banal, com pouco ou

nenhum *frisson*, fria e sem originalidade. Bill Cody é um rapazinho bonitinho, mas... mais nada. Sally Blane... idem, na mesma data. D'aqui resulta que o assumpto, a direcção e os recursos technicos se gastaram, quasi por completo, em pura perda. A Universal tem-nos dado este anno excellentes trabalhos. Este, porém, não augmenta as suas glorias.

Cotação — SOFFRIVEL

PAIXÕES PARISIENSES

DA UFA

Cinema RIALTO — E' um film de paixão intensa. Não é precisamente um grande trabalho dos *studios* germanicos. Habituados, como estamos, a vêr a idéa sobrepor-se á forma nos trabalhos cinematographicos d'esta origem, em frente d'um film d'esta especie ficamos um pouco desapontados. Não podemos dizer que o seu processo, de caracter accentuadamente *hollywoodesco*, seja de todo mau. Ha logica, ha verdade, ha sentimento, no enredo. Ha direcção cuidada e ha technica acceitavel, mas incontestavelmente foge ás normas da arte allemã, que se não prende muito a estas piéguices romanticas. Da interpretação cumpre destacar Alexander Murky, Ruth Wheyer e Margist Manstad.

Cotação — BOM

DINHEIRO EM PENCA

FIRST NATIONAL

Cinema PALACIO — O enredo é interessante apezar de inverosimil. Tem um valor romantico, que ainda agrada a muita gente. Uma menina de sociedade que se apaixona por um *chauffeur*, que, por sua vez, é um rapaz *chic*, que nunca matou ninguem. Ella é rica e fica pobre; elle é pobre e fica rico. Emfim, tem todos os condimentos para uma obrazinha de ficção. Certo é d'aquelles films que d'aqui a dois dias não se lembra mais. A interpretação é bôa. E' um par que se entende esse da Dorothy Mackaill e Jack Mulhall. A direcção, que não é trabalhosa, agrada. A technica, em geral, bôa. Trata-se d'um film que vae encher de illusões centenas de almas de melindrosas que vão sonhar com um *chauffeur*... bonitinho que as conquiste. Este mundo vive de illusões.

Cotação — BOM

POEMAS INGENUOS

Carlos Madeira

MINHA CAIXA DE ARMAR

Tenho uma porção de brinquedos: gaitas que eu assopro e começam a assoviar sozinhas; um urso empalhado; uma espada igual ás de verdade; uma vacca malhada que anda com quatro rôdas; um soldadinho de chumbo... Do que eu gosto mais é de uma caixa de armar; já sei fazer castellos tão grandes como o do principe encantado das historias que a Vôvó contava: ponho uma pedra encima da outra, outra encima da outra, até o fim: fica um palacio deste tamanho!... Depois, se eu puxo uma pedra, — uma só, você não acredita? — cáe tudo. Titio diz, sempre, para eu ter cuidado de não fazer assim com a minha felicidade!

O MENINO DO VELOCIPEDE

Aquella casa grande que Estherzinha chama palacio, com escadas brancas perto do tanque dos peixinhos dourados, é de u'a mulher muito má; o filho della nunca vem á rua e tem um velocipede muito bonito. Quando a mãe delle vae passear num automovel todo fechado que um homem feio traz, elle manda a menina de avental branco abrir o portão para mim; e brincámos...

Um menino perguntou-me, um dia, se eu gostava de ser o filho da dona do palacio; lembrei-me dos peixinhos dourados, do velocipede bonito, mas, disse-lhe que não, porque pensei em Mamãe.

POR QUE MAMÃE CHORA?

Mamãe, por que chora? Ah! Tire esse vestido! E' porque Papae... Elle foi tão bonito, levou tantas flôres... mais do que eu, quando fiz annos. Até as moças queriam beijal-o; viu Mamãe?! Eu tambem lhe dei um beijo. Quando entrei no seu quarto, elle estava dormindo; nem me presentiu; pensei que fôra surprehendido pelo somno, quando rezava: tinha mãos cruzadas sobre o peito; apanhei o rosario da Mamãe e colloquei-o entre seus dedos: quando acordasse, continuaria a oração. Papae devia estar sentindo frio: tinha os dedos tão gelados...

— Não chore, Mamãe; elle não foi para Deus?! E Deus não trouxe Maninho?!

O VESTIDO NOVO

Cáe, cáe, balão!...

Aquelle é vermelho, da côr do lapis com que Maninha pinta um coração na bocca; vae cahir aqui no quintal; — é nosso! Vamos soltal-o de noite, para elle ficar uma lua envergonhada, correndo no céo. Com aquelle tostão que titio me deu, vou comprar uma porção de linha, para prender o meu balão encima da casa. Lá vae elle p'ra cima da cerca... Ih, Maninho, você rasgou o vestido novo!...

FELICIDADE

Felicidade, Maninho, deve ser u'a menina bonita como a Beatriz quando põe o vestido preto da Mamãe. Você não ouve titio dizer, todos os dias: "quando hei de ter a felicidade"? A filha do vizinho, aquella que escreve uma porção de cousas bonitas, fazendo escadinhas que ella chama de versos, tambem só fala na felicidade; deve ser por inveja, porque ella é feia. Até o padeiro já disse á empregada da Vôvó que "ha de viver com felicidade"; mas, eu não acredito. Quando titio viér aqui, outra vez, vou dizer a elle que a felicidade namora todos e não casa com ninguem...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

HYGIENISE A SUA BOCCA COM
PASTA
Oriental
O dentifricio Ideal
Mediante sello de 200 réis, enviaremos amostras grátis
PERFUMARIA LOPES
Rio:
Av. Rio Branco, 134.
Rua Uruguayana, 44.
Pr. Tiradentes, 34 a 38.
São Paulo: Rua Santo André, 20.

Marcella

(PIERRE VALDAGNE)

(Continuação do numero anterior)

No castello de Vertval, Marcella já manifestára inclinação para retrahir-se de affazeres materiaes, isto porém, não a conduz senão a uma vã meditação mal definida e sem objecto; via agora claramente sêres que sómente se alimentavam das cousas do espirito, adivinhava a actividade do pensamento naquellas cabeças de gente mundana e comprehendia que era uma existencia muito differente da que conhecêra até então, mas muito mais interessante e sentimental. Chegavam até Marcella tambem os ecos do requinte dos costumes de seducção.

Sob o traje de camponeza da joven, sob sua singeleza e ingenuidade, a condessa de Vertval adivinhára a mulher curiosa, que ansiava saber e a quem agradava tudo quanto era bonito e gracioso. Interessava-se muito por aquella brusca revelação, e auxiliou o desenvolvimento da intelligencia de sua nova camareira. Comprazia-lhe muito falar com a joven, e divertiam-lhe em extremo suas respostas e chiste original. Certo dia surprehendeu Marcella na bibliotheca do conde lendo um livro: "A mulher no seculo XVIII".

— Interessa-te isto, minha filha? — perguntou a senhora Vertval um pouco admirada.

— Oh! sim, senhora, muito.

Desde então Marcella foi discipula da condessa, que se interessou de despojar da rude casca a mulher superior que adivinhava na afilhada; descobria nella um novo sêr, ao qual se dedicou carinhosa e sinceramente. Não lhe foi difficil conseguir que a joven confessasse tudo quanto sentia no seu intimo, e assim soube que suas inclinações eram muito apuradas; instruiu-a com solicitude, deixando-lhe todo o tempo necessario, e permittiu que chegassem até Marcella os ecos da vida da alta sociedade.

Certo dia que falava com o esposo desta especie de adopção, o conde respondeu-lhe sorrindo:

"Está muito bem; façamos uma senhorita desta Marcella que já me havia chamado a attenção quando estavamos em Vertval... Notei que possua uma certa linha de distincção, e sempre acreditei que a mulher do colono, muito formosa, segundo me recordo, tivesse sido surprehendida algum dia por algum fidalgo, de quem Marcella seja filha verdadeira... Por outro lado, não foste tu a unica a fazer descobertas, pois eu tambem começo a descobrir que meu joven secretario, Renato Berard, é um homem intelligente e digno, pelo qual me proponho interessar.

* * *

O conde de Vertval distrahia sua ociosidade escrevendo uma obra sobre cinegetica, bastante volumosa, para a qual necessitava de numerosos documentos, e, por isso, procurára um secretario; todas as manhãs, Renato Berard trabalhava com elle, e o senhor de Vertval estava muito contente com a sua collaboração, porque o rapaz era intelligente, summamente instruido e muito criterioso. Homem de vinte e cinco annos, de aspecto varonil, era muito pobre e vivia só com a mãe, a quem um cataclysmo financeiro privou na mesma occasião de fortuna e de esposo.

Renato, educado para mais brilhante futuro, trazia dentro de si com resignação uma profunda melancolia; era de caracter ardente, facil de enthusiasmar-se, e sonhava com grandes cousas. E, agora, ainda bem: a casualidade quiz que se enamorasse de Marcella, e não procurou occultal-o. Desde esse instante, a pobre moça se acreditou perdida.

Havia algum tempo já que ella mesma se espantava dos enormes progressos de sua imaginação e via-se differente em tudo do que era dantes. Em vão procurava luctar contra aquella inclinação, cada vez mais forte, por todas essas cousas finas e elegantes que constituem o codigo mundano; mas suas tendencias se impunham cada vez mais. Comprehendia quão perigoso era tornar-se muito superior a Paulo Trenier, aquelle homem simples que nada comprehendia dessas cousas; queria, por isso, fugir ás novas idéas.

Mas foi aqui que de repente se produziu uma metamorphose em seu coração; pouco a pouco o amôr na alma de Marcella ia tomando uma fórma muito differente, e com suas idéas sobre o matrimonio misturavam-se agora considerações de escolha e desejos de melhorar. Era menos são, talvez, mas certamente menos rude que a concepção brutal do amôr na gente do campo; era uma cousa delicada, com dôces sonhos, maneiras graciosas, palavras harmoniosas e costumes elegantes.

E, precisamente, Renato Berard chegou no momento opportuno para dar corpo a todas estas meditações perigosas. Marcella resistia, protestava com todas as suas forças; mas, mesmo contra a sua vontade, um novo amôr, muito mais em conformidade com suas aspirações intimas, apoderava-se della, fazendo-a passar por crueis alternativas.

A paixão que a Renato tinha inspirado a Marcella, era sincera; em primeiro logar, a belleza da moça impressonára-o vivamente, admirava-lhe a graça, a esbelteza, as maneiras finas, e, além disso, (já em tal falavam com frequencia) havia entre elles muita affinidade de inclinações e notavel prevenção contra tudo o que era vulgar. Por outro lado, como Renato fôsse pobre e demasiado orgulhoso para procurar no matrimonio uma situação que não devêra ao seu valor, a pobreza de Marcella era uma causa mais para que desejasse tornal-a sua esposa.

Falou francamente ao conde neste sentido, por ser a unica pessôa de quem a moça dependia; o senhor de Vertval communicou-o á esposa, e aquella união pareceu aos dois muito razoavel. Marcella teve logo conhecimento do pedido official feito por Renato.

A's primeiras palavras da condessa, sentiu bater-lhe apressadamente o coração; estava persuadida de que amava Renato e de que a ninguem amaria senão a elle, mas tambem comprehendia com o espanto que inspiram as cousas irreparaveis, que seu compromisso com Paulo Trenier fôra temerario; que o coração tinha sido surprehendido na solidão em que vivia; que não o amava nem experimentára nunca por elle mais do que uma sincera affeição fraternal e uma inconsciente piedade diante de sua muda e immensa adoração.

A condessa de Vertval ficou surprehendida ao ouvir Marcella

dir um prazo de tres dias para responder definitivamente. Ah! teria podido dar uma resposta immediata, porque já estava resolvido o que devia fazer; promettêra sua mão ao pobre moço que a esperava no castello, e não se acreditava, por outro lado, com direito a afastar agora do seu caminho um homem que se lhe tinha offerecido e a quêm acceitára. Não obstante, desejava tres dias para acalmar-se, afim de que a voz não lhe tremesse ao pronunciar a negativa, recusando a felicidade com que lhe brindavam, e para retardar tambem o momento em que seria necessario renunciar para sempre á ventura e exclamar: "Tudo terminou!..."

Como passaram depressa aquelles! E quando chegou a hora da dolorosa resolução, Marcella pronunciou energicamente o *não*, ainda que com uma força um pouco ficticia, bastante apenas para reprimir um soluço, ao vêr por detraz de uma cortina Renato Berard que se retirava tristemente, levando comsigo, sem o saber, o coração da moça.

MARCELLA

(Continuação)

O conde de Vertval fôra inspeccionar alguns córtes de madeira em seus bosques nos primeiros dias de março.

Acompanhava-o o guarda campestre Trenier. Havia já alguns dias que Paulo esperava aquella opportunidade, e arranjou geito logo para que a conversação recahisse sobre Marcella.

— Sabes — disse-lhe o conde — que a menina recusou um bom partido em Paris?...

Uma viva alegria illuminou o rosto de Trenier.

— Marcella — continuou o senhor de Vertval — tornou-se demasiado ambiciosa; fez-se mulher muito depressa, e agora tem aspirações que não estão em relação com seu estado. Não te recordas de seus ares de grande senhora?... Pois bem; sua estada em Paris desenvolveu-lhe as tendencias aristocraticas... E eil-a num becco sem sahida. Meu secretario pediu-a em casamento, e o pobre rapaz está desconsolado.

— Se Marcella não o ama... aventurou-se Trenier a dizer.

— Para dizer verdade, é difficil em sua escolha, talvez demasiado. Berard é um partido muito vantajoso para ella, porque é muito bem educado, é intelligente e instruido, e interessa-se muito por ella, o que já é alguma cousa. Si o ministerio se sustenta por mais alguns mezes, farei que o nomeiem sub-prefeito. Que mais poderia ella pretender?

Paulo Trenier se mostrára muito alegre a principio, vendo na negativa de Marcella senão uma prova de fidelidade á palavra dada; mas, de repente, entristeceu.

Em troca daquelle porvir brilhante que a joven recusava, que poderia elle offerecer-lhe? Esta negativa era uma prova de amôr daquella a quem tanto adorava; mas a Marcella bastaria o seu amôr? Segundo acabava de ouvir, era uma senhorita agora; sentiu-se, por isso, mais tosco e mais rude do que d'antes. Fizera mal

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

STOLTZ
MACHINAS DE COSTURA
"GRITZNER"
DE MÃO E DE PÉ, COM TAMPA
Unicos representantes:
HERM. STOLTZ & Cº.
Avenida Rio Branco, 68-74 — RIO DE JANEIRO
Tel. N. 8121 — Caixa Postal 300

Pó de Arroz
Lady
É
O MELHOR
E
NÃO É O MAIS CARO
Mediante sello de 200 réis, enviaremos amostras gratis
PERFUMARIA LOPES
Rio:
Av. Rio Branco, 134.
Rua Uruguayana, 44.
Pr. Tiradentes, 34 a 38.
São Paulo: Rua Santo André, 20.

em deixal-a partir... Tinham transformado Marcella... "Já não me amará." — pensava o infeliz.

— Mas a alma de Paulo se revoltava e sentia nascer a colera contra aquelle Berard que ousára amar tambem a Marcella. Por outro lado, devia ella preferil-o, a elle, ignorante e grosseiro, ao joven superior de quem o conde lhe falava? Estaria Marcella certa de amal-o bastante? E era justo que elle, Trenier, acceitasse aquelle amôr se a joven ia ser menos feliz com elle?

Com taes reflexões, despertou em Paulo um sentimento de angustia dolorosa; era preciso cumprir um dever, averiguar com certeza onde estava a felicidade de Marcella, e fazer com que a acceitasse, ainda que com isso muito soffresse o seu coração de desprezado. Não obstante, que penoso era para elle desfazer-se da felicidade de toda a sua vida!...

Durante as longas semanas que precederam ao regresso da moça, aquella incerteza do futuro martyrizou-o cruelmente, e, quando, chegado o verão, Marcella voltou ao castello com a condessa de Vertval, Paulo não teve coragem para ir vêl-a, tão grande era o temor que sentia em notar que a joven se transformára com effeito, o bastante para que lhe fôsse forçoso renunciar a toda esperança. No entanto, era preciso ir.

— Paulo, — disse-lhe Marcella, — volto tua como te prometti. Casemo-nos; mas que seja quanto antes.

— Mas, a que vem agora essa pressa, e qual é a causa desta tristeza que se acha em tua voz?

— A senhora condessa já é sabedora — ajuntou Marcella — e consente... Não estás contente?

A senhora estava prevenida, effectivamente, porque Marcella, atormentada por suas perguntas, confiou-lhe ter dado a sua palavra a Trenier, o que produziu na condessa o maior assombro. Como podia acreditar que recusasse a mão de Renato Berard, joven instruido, conhecedor do mundo, e que podia, graças ao apoio do conde, fazer uma brilhante carreira, para unir-se a Paulo Trenier, homem honrado, é; certo, mas rude e sem educação?

Marcella, porém, mantevese inexoravel, limitando-se a responder com as lagrimas nos olhos:

— Eu o prometti...

Entretanto Trenier olhava-a, e via que tudo era verdade. Mudára mais ainda de que suppuzera. Seu andar era gracioso, suas maneiras revelavam maior desembaraço, o sorriso, o olhar, as phrases eram proprias de uma mulher de bom tom, uma daquellas que Paulo via no castello entre os convidados da

MARCELLA

(Conclusão)

condessa, e que considerava de um mundo differente, incomprehensivel para elle. Como poderia aquella delicada e elegante joven ser a esposa de um pobre e obscuro guarda campestre, de um homem rustico como era elle? Paulo pensou que seria uma humilhação para ella, e quiz evital-o.

E emquanto a contemplava observando-lhe o rosto delicado, muito pallido, de expressão dolorosa, rasgou-se o véo que ainda lhe cobria os olhos e adivinhou que Marcella amava a Renato Berard, e que se sacrificava no altar de sua promessa.

Não, absolutamente! De nenhum modo consentiria nisto. Seu dever estava bem claro desta vez... Era angustioso; mas devia cumpril-o.

Comprehendeu, além disso, que Marcella, por sua parte, nada confessaria, e, adoptando uma resolução bruscamente, dissimulou as suas impressões. Aquelle homem franco e leal encobriu-as sob uma mascara, elle, que nunca faltára á verdade, inventou uma mentira, e com falsa timidez desculpou-se: "Não sabia o que se tinha passado nelle... e, por muito mal que tivesse agido, olvidára Marcella amando outra, com quem deveria casar-se... Era preciso... Estava obrigado inteiramente a isto..."

— Mentes! ... — exclamou Marcella.

Nem um instante se deixou enganar por semelhante heroismo. "Não dissimularia eu o bastante para consummar o meu sacrificio?" — perguntou a si mesma Marcella.

Mas disposta, apezar de tudo, de leval-o ao cabo, mostrou-se terna, bôa, seductora. Paulo Trenier, no entanto, não cedeu.

— Vamos — disse; — o que me dizes não é verdade... Sei que me amas, e eu te amo tambem... Dei-te toda a minha vida... Não é certo que estás a enganar-me?

— Não.

— Voltei para casar-me comtigo; e quero que me tomes por esposa, e tu não me pódes repellir.

Ah! Se ella tivesse podido arrancar-lhe uma confissão, Paulo se veria obrigado a ceder, acceitando a felicidade...

Sim, a joven procedia de bôa fé; desejava ser esposa de Paulo Trenier, e comprehendia por mais que elle dissesse o contrario, que ella era tudo para elle, que Paulo contára com a sua palavra; estava, além de tudo, certa de que viria a amal-o... Pouco a pouco esqueceria suas illusões, para adaptar-se ao caracter rude, mas leal, daquelle homem. Mas Paulo se manteve inflexivel.

Marcella experimentou, então, uma angustia dolorosa diante daquelle sublime sacrificio, cuja grandeza comprehendia e que lhe parecia maior do que o seu proprio... E Paulo pareceu-lhe, naquelle momento, um homem superior.

— Não quero. Está tudo acabado! — dissera Trenier, pronunciando estas palavras com voz dura e cabeça baixa, como féra encurralada pelo caçador. O guarda campestre mostrou-se mais rude, mais grosseiro do que na realidade era e conseguiu representar o seu papel... mas não enganar a Marsella.

Paulo Trenier encontrou uma camponeza com que se casou logo, e naquelle dia vagou em seus labios o sorriso do martyr que se sacrifica feliz em meio do supplicio, adorando como antes a mulher amada e perdendo-se de toda e sempre para ella.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas.
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno	48$000
Semestre	25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaste

O que nem todos sabem

Fernando Cortez, o celebre capitão hespanhol, conquistador do Mexico, foi o primeiro homem de raça branca que viu um bisão. Encontrou esse boi selvagem da America entre as varias féras que figuravam no jardim Zoologico de Montezuma.

*

Recentemente, foram realizados, no Japão, interessantes experiencias de communicação entre um submarino e um avião. A tripulação do submarino, mergulhada a dez metros de profundidade, manteve-se, pela telegraphia sem fio, em permanente correspondencia com seus collegas do avião, que evoluiu a mil metros de altitude. Essas experiencias vieram provar que o submarino, ficando invisivel, pela sua funda submersão, póde ser dirigido pelo avião, cujo campo de visão é vastissimo.

Em cumprimento dos accordos adoptados pela Assembléa Internacional de Geographia, que, com a representação de trinta e duas nações, se reuniu, ha pouco, em Cambridge, na Inglaterra, foi dado inicio ao trabalho de organização de um mappa aereo-universal, na escala de 1 a 200.000, que representa em excesso de tres milhas por pollegada. Esse mappa gigantesco conterá rios, praias, estradas de ferro, bosques e quanto logar proeminente possa ser visto do espaço, com todos os proprios dados addicionaes.

*

A rêde de communicações aereas allemãs é, actualmente, a mais intensa da Europa e do mundo. Na estatistica aerea que o Ministerio das Communicações da Allemanha acaba de publicar figuram, a este respeito, novos dados de interesse. Da citada estatistica deprehende-se que o numero de aerodromos de com que contam os serviços de aviação civil allemães se elevou a 86, dos quaes 25 estão completamente equipados para o trafego internacional de passageiros, com installações completas para a orientação dos pilotos e aterragem durante a noite, alfandega, agencia de passaportes, etc. Os restantes, installados com a maior simplicidade, attendem ás exigencias do trafego interno e dos ramaes entre algumas cidades allemãs e os pontos de escala das linhas internacionaes. Além dos 86 aerodromos existem quatro aeroportos — Norderney, Stralsund, Stettin e Wilhelmshaven — e cinco estações — Altona, Duisburgo, Colonia, Sellin e Swinemunde — para a hydro-aviação.

Do "carnet" de um Philosopho

De JULIO FRANZOSO

. . . .

NÃO me recordo bem a quem pertence esta phrase: "A vida começa amanhã", nem onde os meus olhos a leram. Só sei que lhe devo eterno agradecimento, porque sempre volto a ella depois de um fracasso, depois de uma desillusão, quando começo a sentir um pouco de cansaço pelo tempo que tenho vivido, e nessas quatro palavras a minha magua acha silencioso consolo.

Dahi, pois, parte o meu costume de refugiar-me nella, quando algo inesperado, algo brutal, apparece no caminho da vida, que vamos percorrendo, para zombar das nossas lutas, para rir de tudo aquillo que a alma sonhou ou vislumbrou longe, muito longe.

"A vida começa amanhã"...

Sim, é certo. Por isso eu recorro a esta phrase carinhosa para mim, e acho nella, sobretudo na sua fugacidade, uma intima satisfação, ao pensar que ainda não perdi tudo na vida, e que me restam umas palavras para confortar o animo, para voltar á luta e acompanhar a minha existencia...

"A vida começa amanhã"... Oh, phrase formosa, eu creio em ti!

OS TENORIOS DAS RUAS

Elles se contam ás centenas — como tudo o que é ruim — de uma maneira extraordinaria.

Detêm-se elles, os Tenorios, ao pé de uma mulher, que lhes pareça interessante, para render-lhe, ao ouvido, a homenagem de uma phrase, mais ou menos bem feita, que traduza a admiração que sentem por "ella".

São vulgares, mas de uma vulgaridade chata, que molesta e desperta o desejo de dizer-lhes, tambem, ao ouvido, que não sejam tolos. Porque a maior idiotice que pode commetter um homem na rua, é sentir-se Tenorio; e, peor ainda, demonstral-o com olhares e sorrisos, que não preoccupam a ninguem.

Ademais, já não estão em moda os Tenorios das ruas; é necessario que assim o comprehendam, os que ainda restam, para evitar o ridiculo em que caem.

Sim, jovens. Já não se estylizam os galanteios, os olhares ardentes e as palavras sem sentido que se atiram aos pés das mulheres bonitas.

Actualmente as mulheres vivem tambem muito apressadas e não têm tempo de escutar as phrases amaveis que lhes dizem. Mas, claro está, os Tenorios sáem atraz dellas, de improviso, como os ladrões — e elles o são! — porque roubam ás filhas de Eva a tranquillidade e interrompem o curso de uns pensamentos, em ordem, collocados uns atraz dos outros, num momento de reflexão.

Portanto, e até mesmo em nome do adeantamento esthetico da cidade, esses tenorios das ruas — que se crêm irresistiveis — devem desapparecer, e quanto antes, melhor...

CARTAS DE MULHER

Tenho um amigo — por que não dizel-o? — que possue o habito, muito antigo, de guardar com rigorosa ordem todas as cartas de mulheres que tem recebido em toda a sua longa vida sentimental...

A's vezes penso que ellas se podiam chamar: cartas de amor. Mas não; na realidade, não são cartas de amor, sim, simplesmente, cartas de mulheres, porque nem sempre as cartas de mulheres são de amor...

Não sei por que, hoje, pensei nelle e no seu interessante costume, que, diga-se de passagem, é exactamente egual a muitos outros homens — e sobre elle me puz a escrever.

Admiro a sua enorme força de vontade, a sua constancia admiravel, a sua paciencia, emfim, em classifical-as, por anno, separal-as depois por iniciaes e empacotal-as como se fossem mercadorias.

Por uma natural associação de idéas, imagino esse meu bom amigo, dentro de alguns annos, um pouco velho e cansado, sozinho, voltando a ler, no occaso de sua existencia, no frio da sua velhice incerta, toda essa prosa ardente, que tem enchera a sua vida de illusão.

Comtudo, sozinho, cansado, velho, abatido, as pobres cartas das mulheres que lhe escreveram acariciam um pouco o seu amor proprio, a sua vaidade de homem que, "antes", se acreditara aventuroso, audaz e rigoroso...

Por isso, ás vezes, d rio com um pouco de bom humor, deante delle, e faço o mesmo com todos aquelles que suppõem ter amado muito a uma mulher e necessitam classificar, guardar as suas cartas para recordal-a...

Em troca, admiro que, depois de ler uma carta, mais ou menos sentimental, a rasgam, para eliminar a sua recordação...

Rasgam-n'a, sim, mas as suas palavras ficam gravadas na sua alma, logo após a sua leitura attenta e commovida...

Á MISS PIAUHY

Saudades de outra luz,
Sonhos distantes,
A luz do teu olhar a mim descerra:

Recorda-me o luar banhando, a flux,
As airosas campinas, verdejantes,
Da tua terra...

Na terra onde nasceste, onde brincaste,
Outra flôr, como tu — flôr em botão
Mal entre-aberto, inda a pender da haste,
Foi meu primeiro amor, minha illusão...
Illusão de criança que não sabe,
Que o Amor é tão grande, que não cabe,
Dentro de um pequenino coração.

LIMA RODRIGUES.

SAL HEPATICA

O MELHOR DIURETICO

DESCONGESTIONA O FIGADO

COMBATE O ACIDO URICO

E TODAS AS SUAS MANIFESTAÇÕES

Únicos Concessionarios para o Brasil

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio   S. Bento, 35 — S. Paulo.